

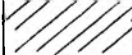


ATIVIDADES DIÁRIAS DA ALFABETIZAÇÃO
PELO MÉTODO NATURAL - ITALIANO

OBSERVAÇÕES DA PROFA.
HELENA PACHECO D'ÁVILA
1/6/65 a 7/7/65
ESCOLA GUATEMALA
GUANABARA

1. Trabalho mimeografado sobre os capítulos 4 e 5 .
2. Compor palavras com os cartões ilustrados do professor .
Venha cá Paulo !
George já foi bonito
Sua vacina está doendo ?
no - na - foi - boca - já
3. Merenda e desenhos no quadro .
4. Som inicial : coisas do neném . Conversamos sobre o que o neném usa .
 - Desenhos nos quadrinhos da fôlha (8 obras) :
babador - sapato - meia - fralda - touca - bota - alfinete - luva
 - Colocar as figuras que têm o mesmo som sobre os desenhos .
(sapato - o retrato do sapo etc...)
 - Ao retirar cada retratinho, escrever o barulhinho . Colorir .
 - Procurar uma palavra de 4 sons dentre as figuras : Silvio disse bo
ta e foi ao quadro escrever . Evaldo disse touca. Foi ao quadro e
vimos que tinha 5 barulhinhos . Nelsinho escreveu luva . Depois vi-
mos meia .
 - Copiar nos quadrinhos dos desenhos : luva - meia - bota
5. Recreação : música do balãozinho .

6. Contas : O joguinho do neném ; quem acerta todoo joguinho ? Riscar
3º quadrinho da 1ª fila ; na 2ª fila riscar o 2º e o último .

$1+2=$	$3+2=$		$3+3=$
$2+2=$		$4+2=$	

As crianças fizeram uma continha de cada vez, usando o
pauzinhos. Ao terminar, ia um quadro resolver com os pregadores .

Grupos que colocaram flores no quadro dos amigos da Al-
lhinha : verde, vermelho e azul .

Receberam embleminhas as crianças do grupo azul .

1. Hora das novidades . Domingo trouxe um cavalo para o quadrinho. Com
era muito grande não foi aproveitado, mas ele foi ao quadro escrev
: cavalo .

2. Jôgo : leitura (quem sabe juntar os barulhinhos ? letra ilustra da do alfabeto mural) .

Já escrevemos uma palavras : procuramos e juntamos os barulhinhos ; hoje vamos procurar ler !

Algumas crianças ajudavam segurando os cartões neces sários : fio - foi - rei - rua - rio

3. Coisas de que o neném gosta : brinquedos . Número de quadrinhos:8. Cada criança que enumerava um, ia desenhar no quadro : rei (boneco do neném) ; carro, bola, jôgo, barco, dado, pião, ônibus . Quando haviam sido enumerados 7 brinquedos, o professor perguntou: preci samos de 8 brinquedos, um para cada quadrinho . Quantos faltam ?

Depois de desenhar : colocar retratinhos com o mesmo som inicial sôbre as figuras . Sônia e Eduardo procuraram os car tões das letras ilustradas ao dizermos o nome de cada desenho (car ro : apanhar o cartão C (caracol) . Ao retirar cada retratinho, es crever o som .



4. Procurar entre os brinquedos o que tem 3 barulhinhos . Uma criança disse Jôgo ; procurou os sons e ecreveu no quadro vendo que tinha 4 . Outra disse dado e fêz o mesmo . Pião também foi dito ; foi mostrado como era até que descobriram ser rei e fizemos a análise e escrita .

Algumas crianças copiaram também dado, pião e jôgo . Outras tentaram escrever bota . Elisabethquis escrever barco . A pro fa. ajudou e ela conseguiu . Ao ver escrita a palavrinha pião, Maria Leonor disse que há e coisas que podem aparecer nas palavras : jôgo - pião e neném . Coloriram o trabalho .

5. Merenda

6. Hora social do Clube .

7. O jôgo do neném :

	$1+1=$	$2+2=$	$4+1=$
$5+1=$	$2+1=$	$3+1$	

- 8 . História da abelhinha : última capítulo . Recordação do 6º capítu lo :

No fim, vimos a abelhinha que está na sala: tinha 1 par de asas (2); nasceu mais 1 par (2) ficou com 4 asas. Tem 3 per ninhas de 1 lado e 3 do outro (6 perninhas) .

9. Desenho sôbre a história. Enquanto faziam os desenhos, a professô ra colocou o alfabeto mural na parede .As crianças se mostraram en tusiasmada .

PARA CASA :

- Estudar : $1 + 1 =$ $3 + 1 =$ $5 + 1 =$ $3 + 2 =$
 $2 + 1 =$ $4 + 1 =$ $2 + 2 =$ $4 + 2 =$ $3 + 3 =$

-Fazer os desenhos das figuras correspondentes aos sons :
e - b - p - f - d - j - n - s

D I A 4 D E J U N H O D E 1 9 6 5

1 - Leitura com os cartões de letras ilustradas : ia-ai-ui-au-ei-eu

2 - Música da abelhinha :

A abelhinha é útil : mel e cêra . Conversa sôbre animais úteis : as crianças deram alguns, explicando porque são úteis. Análise (procura de sons no painel): mel - boi - mu - vaca - có - (galinha) bê (cabrito) mé (carbeiro) .

3 - Jôgo - contas . (2 + 2) (4) etc. . .

4 - Merenda

5 - Terminar o jôgo .

6 - Leitura - cópia :

A  dá o mel .

Zenizir e George terminaram o Xaveco de arame .

7 - Recreação (professor)

8 - Terminar decoração dos envelopes .

D I A 5 D E J U N H O D E 1 9 6 5

1 - Bandinha : o grupo que ficou em sala recebeu fôlhas com figuras pa
ra colocar os retratinhos com o mesmo som .

2 - Ditado de sons :

Depois do ditado, algumas crianças foram ao quadro fa
zer desenhos para os colegas reproduziram no quadrinho conforme o
som inicial (um ôvo - colocar no quadrinho do o) No quadrinho do a
cada criança fêz um desenho e disse depois aos colegas o que fêz .

3 - Análise .

Contar os sons enquanto uma criança mostra no alfabeto
mural . Ôvo (que haviam desenhado ave, uva) . Algumas crianças pe
diram para ir ao quadro escrever véu, vavô etc ... Glória disse qu
sabia ecrever uma palavra : noiva ; fêz no quadro e a turma procu

ler . Rosângela foi escrever o nome do brinquedo trazido por Glória ;
Boneco .

4 . Merenda .

5. Matemática :

a) oral : adição total até 6 .

b) total até 7 . Colocar na corda do quadro ; 7 pauzinhos na mesa,
separar em 2 grupinhos . Escrever no quadro as continhas feitas.

Cópia das continhas de total 7 :

$$6 + 1 = \quad 5 + 2 = \quad 4 + 3 =$$

$$1 + \underline{6} = \quad 2 + 5 = \quad 3 + 4 =$$

3. c) separamos depois em 3 grupos : $3 + 3 + 1 =$ $5 + 1 + 1 =$ etc...

6. Redreção

7. Trabalho na fôlha : escrever os sons nos quadrinhos em branco e colo
car os desenhos do quadro no lugar onde está seu som inicial :

peteca - dedo - coelho - livro - jabuti - navio .

Colorir .

D I A 7 D E J U N H O D E 1 9 6 8

1. Hora das novidades . Algumas crianças trouxeram brinquedos. Mostra -
ram aos colegas e escreveram os barulhinhos no quadro. Vera trouxe -
um urso cõr de rosa . Vimos as cõres que um urso pode ter e seus ba
rulhinhos : marrom, prêto e branco . Depois, Vera procurou no alfabe
to mural, os sons de urso e escreveu . Outras crianças quiseram pa
lavras (Silvio - lôbo ; Neuza - mamãe etc...)

2. Auditório .

3. Animais úteis: relembremos a conversa de outro dia sôbre os bichos -
que são úteis para nós . Todos procuraram lembrar de um e sua utili
dade . Vimos também : animais com penas e 2 pés (aves) ; animais de
pêlos e 4 patas; animais ferozes (selvagens).

4. Trabalho na folhinha . Escrever os barulhinhos dos animais úteis (aõ
ouvir o nome) nos quadros da fôlha :

vaca

porco

boi

sapo

carneiro

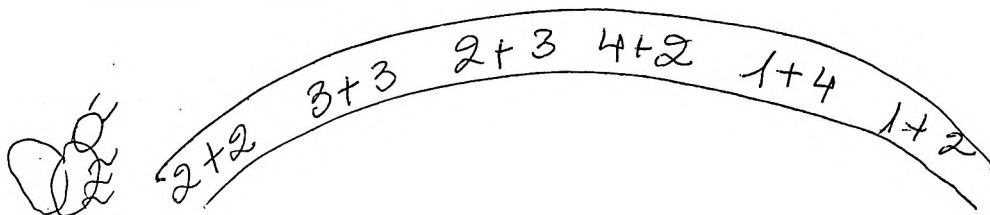
galinha

Procurar entre os animais e que tem 3 sons . Dizendo um
nome com mais sons a criança vai verificar no alfabeto . Análise e
escrita : Boi mu .

Rosângela escreveu gala . Foi visto então gabo e gali-
linha . Com ajuda das crianças : quem toca harpa ? como faz a galinha?
có . Procuraram escrever sôzinhos : vaca, sapo . Elisabeth e outros -
escreveram porci .

5. Merenda .

6. Ajudar a abelhinha a voar .



Completar a fôlha .

7. Religião : Deus todo Poderoso, me faz viver .

Leitura com a ajuda das crianças : É Deus que me faz viver .

8. As flôres que Deus criou . Leitura e cópia : 1 dezena de flôres .
Desenhar; enumerar para não se enganar . Colorir .

D I A 8 D E J U N H O D E 1 9 6 5

1. Hora das novidades : José Carlos trouxe um boné ; Mostrou os sons no alfabeto mural e escreveu no quadro : boné .
2. Conversaram sôbre o livrinho que vamos fazer para mostrar à abelhinha que estamos sabidos . Para não atrapalhar vamos seguir os sons do alfabeto mural. Vimos hoje palavras de 2 e 3 sons começando com o som da abelhinha, escova e óculos . As crianças deram algumas palavras e a profa. as outras : ave, avó, véu, avô, ver, eu, êle, ela, ôvo, ova, ôca .
3. Teatrinho .
4. Procurar palavras ditas no livrinho e desenhar ao lado : ave, ôvo, ôca .
5. Merenda .
6. Probleminhas : resolver com desenhos depois uma criança ia ao quadro fazer continhas. A profa. deu 2 e as crianças inventaram os outros:
 1. Uma abelhinha cheirou duas flôres . Gostou e cheirou mais 2. Quantas flôres cheirou ao todo ?
 2. A Abelhinha comeu 3 ovos ; depois mais 2 .
7. As personagens do teatrinho: cada criança desenhou no quadro e todos fizeram na fôlha : formiga, lua, soldado, mágico, cavalo, nuvem.
 1. Colocar as figuras que tem o mesmo som sôbre os desenhos .
 2. Depois de conferirmos, retirar 1 de cada vez e escrever o barulhinho .

3. Colorir .

8. Continhas : $6 + 1 =$ $5 + 2 =$ $4 + 3 =$
 $1 + 6 =$ $2 + 5 =$ $3 + 4 =$

9. Hora social do Clube , Zenizir o apresentador .

D I A 9 D E J U N H O D E 1 9 6 5

1. Hora das novidades .

2. Segunda fôlha do livrinho : uva - um - uma - véu - dia - dor .-vôa.
Analisados e escritos sômente no quadro : vai - viu - ui - dói -deu
Desenhos : véu - uva .

3. Matemática - 10 crianças com cartões numerados, .
- arrumar na ordem (1 a 10)

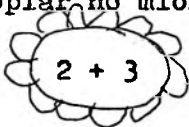
Música : marcha companheiro : ouvir o seu número, levantar o car -
tão . 1º de 1 em 1 até 10; de 2 em 2 até 10 .

4. Merenda

5. Jogos em bola .

6. Som inicial : foram distribuídas fôlhas e cartões com desenhos di-
ferentes, Cada criança colovou os retratinhos com o mesmo barulhi-
nho, sôbre suas figuras . Enquanto a profa. via os trabalhos cada
um procurou reproduzir suas figuras, escrevendo o barulhinho embai-
xo (5 crianças demonstraram grande dificuldade.)

7. Continhas : quantas flôres cada um vai dar para a abelhinha sugar?
Copiar no miolo . (só completar a flor se a continha estiver certa)



$1 + 5$

$2 + 4$

$2 + 5$

Distribuição dos trabalhos e pastinhas :

D I A 11 D E J U N H O D E 1 9 6 5

1. Hora das novidades. As crianças que trouxeram brinquedos fizeram
seus barulhinhos no quadro (carro volks etc...) uma das crianças
trouxe um desenho feito pelo irmão com uma frase : Sr. João vem
aí. A Profa. escreveu a frase no quadro e todos leram juntos .

2. Quem lembra do barulhinho d ? cantaram a música .Procurar música
palavras com 2 ou 3 sons : mostrar no alfabeto mural .

3. Nosso livrinho (1 - m)

Análise escrita : ler (lê - li) lua - má mau - mar .
Procurar para desenhar : lua, mar .

Músicas : caracol e zebra .

Rosângela foi ao quadro escrever o nome do brinquedo que trouxe : boneca . Outra criança foi escrever o que achou da boneca : bonita .

4. Merenda .

5. Album de desenhos : cada criança recebeu uma fôlha com uma letra para fazer 1 desenho com o mesmo barulhinho. Depois de feito, cada criança disse a figura que fêz enquanto 4 colegas escreviam no quadro qual era o barulhinho da fôlha .

6

6. Probleminhas (desenhos e fazer continhas)

a) 1 caracol estava passeando . Vieram mais 3 . Quantos ficaram ao todo ?

b) $2 + 3 = 5$ (ratinhos)

c) $3 + 3 = 6$ (óculos)

Uma das crianças inventou o último .

7. Cobrir as caixinhas de dezenas . Enfeitar as titinhas e colar .

8. Enquanto umas crianças de cada vez colar o papel, 4 colegas fizeram desenhos no quadro para todos copiarem e colocarem o barulhinho .

9. Recreação (professor)

10. Desenho pedido pelo professor : um menino.

D I A 14 D E J U N H O D E 1 9 6 5

1 . Hora das novidades .

2. Músicas - Análise e escrita : dália e tôrre (palavras das músicas) seu-está-tocas (toca), tão - foi - não - sei - já .

3. História : a vida das abelhas . Som inicial de palavras da história - cartões individuais .

4. Matemática : numeração : música "marcha companheiros" com cartões numerados .

5. Merenda.

6. Recorte : riscar e recortar flôres para a abelhinha sugar. (terminar o trabalho amanhã) . Música . Recorte de letras (alfabeto individual) cada criança recebeu uma fôlha com todo o alfabeto minúsculo para separar as letrinhas .

Formar palavras com as letras recortadas (do alfabeto mural ou outros - lua, sol etc...)

7. Músicas - ler a palavra do quadro e contar ou apenas pelo som inicial sapo - lôbo - gato - e m y.

- 8 . Matemática : continhas com 8 pauzinhos, organizar continhas :
 Resolver : $7 + 1 =$ $6 + 2 =$ $5 + 3 =$ $4 + 4 =$
 $1 + 7 =$ $2 + 6 =$ $3 + 5 =$

Para guardar os pauzinhos: juntar de 2 em 2 (pares) crianças para organizar filas. Os números que formam pares .

9. Escrever a som inicial de palavras da história de hoje : mel, raí nha etc...

Desenhos no quadro para colocar no quadrinho onde es tá o som (resolver)

D I A 15 D E J U N H O D E 1 9 6 5

1. Hora das novidades . (quadrinhos)
2. Leitura : dália, torre . Contar . Já escrevemos palavras das mú - sicas . Leitura de trechos : não sei; já sei; sino; O sino toca.
3. Análise : palavras de outras músicas - abelhinha - ler a palavra e cantar - zum - zum - zumbi - suga - mel - tão (desta flor) .

O que a abelhinha nos mandou hoje : História de uma amiga sua . (a música que fala em outra amiga da abelhinha - a escôva) .

4. História : A abelhinha Dulcinéia . Participação de crianças: a - abelhinha dormia, agitava as asas etc... O nome da casa da abelha etc.

Som inicial : palavra da história (recordação pelas crianças). Levantar o retratinho do mesmo som : colméria, Dulci - néia, palácio, bercinho, mel zangão, espanador, raí nha, flor .

5. Matemática : Jôgo - escolhido por duas crianças do Clube.
 1. cartões na corda: olhos fechados, tirar 1 número ao dizer a palavra mágica; uma criança diz qual o número .
 2. 10 crianças com os cartões 1 a 16. Um colega bate palmas; o que tem o número vira de costa .
 3. Música : todos de costas. Ao cantar a música, vira-se 1 de cada vez, conforme número dito. 2 e, 2 : levantar p cartão com o número dito .

Trabalho : ligar os números pares em ordem (2 a 10) para terminar a colméria (Quantos favos? Escreve o número. Quantos lados tem o favo ?)



6. Merenda. Terminada a merenda cada criança apanhou uma fôlha com letra, para desenhar. Depois 3 crianças faziam no quadro o som - das fôlhas pelos desenhos ditos (carro etc...0

7. A.I. As flôres que recortaram ontem. Molde embaixo da fôlha; lápis cêra. Fazer flôres e terminar com abelhinhas, céu, etc... Nelsinho conseguiu fazer um trabalho diferente apreciado por todos: uma árvore tôda de flôres (lápis cêra deitado) .

8. Animais úteis : abelha - útil, por que ? As crianças deram outros animais e sua utilidade. Procuraram lembrar a música que fala em 3 animais úteis : uma das crianças descobriu e explicou a utilidade do jacará, do cavalo e do boi. Cantaram a música do jacará. Música nova : a profa. explicou e cantou ajudada pelas crianças: quem foi que deu o mel etc...

Trabalho : fôlha com animais :

1. passar uma linha em volta dos animais úteis.

2. colocar os cartões do mesmo som sôbre os animais .

3. formar com as letrinhas e depois escrever : vaca -leão -macaco-cavalo .

9

9. Matemática : quem consegue colocar uma abelhinha ~~em~~ em cada favo (o trabalho dos números) .



Acertando desenhar a abelhinha.

D I A 16 D E J U N H O D E 1 9 6 5

1. Leitura no livrinho (feito pelas crianças) Procurar a fôlha onde está escrito uva - lua . Arrumar as fôlhas . Leitura no quadro : ave-uva-lua-mar-mia-ela-eu-ôvo-véu ...
2. Análise : o barulhinho do rato ; descobrir palavras de 2 ou 3 sons. rei-rua-rio-râr-roi-rã.
3. História trazida por Maria Leonor: mamãe gata e seus gatinhos .Som inicial - palavras da história para levantaro retratinho que tem o mesmo som inicial. Formar com as letrinhas do alfabeto individual: gato .
4. Matemática: jogo no quadro. 3 grupos - 3 crianças de cada vez do quadro. Ao mostrar 1 cartão com uma continha (+) as crianças escreviam o resultado no quadro (fazer tracinhos se preciso) contagem dos pontos - de 2 em 2 .
5. Escrita :
 1. desenhar figuras e coisas da história - bôlo, pato, fita, sino, rato, gato, cachorro, pinto .
 2. escrever os barulhinhos.
 3. escrever as palavras: todos escreveram as 6 primeiras . Alguns

tentaram escrever pinto e cachorro. Mostrei depois no quadro principalmente ch .

6. Conceito de subtração .

1. Mamãe gata colocou 5 fatias de bôlo no prato (desenhar). Paulo tirou e comeu 1 fatia . Quantas sobraram ?

2.

3.

4.

Depois de feito cada problema, vimos as continhas que resolvemos:

$$5 - 1 = 4$$

7- Recreação (pátio).

8. Para casa: continhas (estudar para concurso)

$$6 + 2 = \quad 5 + 3 = \quad 7 + 1 =$$

$$6 + 1 = \quad 4 + 4 = \quad 3 + 3 =$$

$$5 + 2 = \quad 4 + 3 =$$

D I A 18 D E J U N H O D E 1 9 6 5

1. Hora das novidades .

2. Livrinho : análise: pó - pé - pá - pia - par - pão .

Ler e desenhar : par - pão .

3. Matemática : concurso de continhas :

$$4 + 4 = \quad 5 + 3 = \quad 5 + 2 = \quad 4 + 3 = \quad 6 + 2 =$$

$$6 + 1 =$$

2 probleminhas para fazer o desenho se precisar e a continha :

(desenhado: 3 rosas mais 2 rosas) $3 + 2 = 5$

(" : 5 " " 2 ") $5 + 2 = 7$

4. História : Chegaram vários livros para a nossa biblioteca. As crianças pediram para ler João e Maria . As crianças ficaram com os cartões ilustrados na mesa para mostrar o som inicial de palavras que apareciam na história .

5. Merenda .

6. Terminaram a história .

7. Desenhos sobre a história :

1. os dois meninos, a bruxa, a casa da bruxa, o pai dos meninos .

2. Colocar o som inicial de cada figura .

3. escrever : pai, menino. Leitura e cópia : João e Maria, casa, bruxa. (algumas crianças escreveram estas palavras sozinhas)

Colorir (quem ia terminando, ganhava folhas com figuras para colocar a inicial ou palavras para ler .

8. Recreação

9. Para casa : Copiar os desenhos para escrever os nomes em casa: fizeram o rio, rei, lua, luva .

escrita)

7. Ensino da música para a festa de São João. "O balãozinho" .
8. Para a dança . Arrumaram 10 crianças formando pares. Desenho dos pares .

(desenho de um guri e uma guria) até 10 - linha em volta dos números que formam pares .

D I A 2 3 D E J U N H O D E 1 9 6 5

1. Hora da novidades .
2. Livrinho . Análise e escrita de palavras de 2 ou 3 sons com o som inicial N e f (segundo a ordem dos cartões) : não - nó - nu - nua (nem - na) foi - fio .
Uma das crianças, apesar de saber que feito tinha 4 sons, quis escrever. Foi ao quadro e, acertou .
3. Matemática :
Riscar pelos modelos : 5 bandeirinhas .
- Escrever o nº de bandeirinhas no fim da fôlha.
- Ver quem prega mais bandeirinhas: cada continha certa é uma bandeirinha prêsa. Copiar dentro das bandeirinhas :
 $6 + 2 \quad 4 + 2 \quad 5 + 2 \quad 3 + 2 \quad 1 + 2 = .$ Correção .
- Riscar mais 3 bandeirinhas. Escrever quantos fez ao todo (já tinha 5, fez mais 3 =)
- Dentro das bandeirinhas : $2 - 1 = \quad 3 - 1 = \quad 4 - 1 =$
4. Jôgo da leitura. Pau de sêbo. Tirar 1 papel com uma palavra. Conseguido ler, do grupo sober 1 ponto no pau de sêbo .
5. Merenda .
6. História : "Por que fogueiras em São João ?" Ao final a professora leu um verso sôbre a festa de São João falando sôbre o que não devemos fazer quando festejamos S. João .(soltar bombas, balões, etc.)
7. Convite para a festa. Folhinha dupla recortada em feitio de bandeirinha . Conversa com a turma sôbre o que deveria ser escrito sôbre S. João . A profa. escreveu as sentenças sugeridas aos poucos para que as crianças procurassem ler e copiar :

Mamãe e papai

Minha festa é sexta-feira, dia 25, às 9 horas
(nome)

Ilustrar a capa do convite : uma de festa juneira.

8. Ensaio da música do balãozinho.

9. Ligar a figura ao nome :

pai	sal	rei
pia	sol (des:sol)	rua (desenho: rei)
pau	sei	rio

Para casa: Escrever palavrinhas (brinquedos, bichos etc...)

D I A 26 D E J U N H O D E 1 9 6 5

Conversa sôbre a festa junina .

1. Leitura : uma palavra que ouvimos e falamos muito : venha (Nelsinho leu) Cópia da palavra .
2. Bandinha .
3. Análise das palavras da 1ª e 2ª frases da música :
venha cá, meu balãozinho (escrever sôzinhos as palavras sublinhadas, no quadro) . Diga onde voce vai. Recodaram onde mais tinham visto letra maiúscula .
4. Separar 9 pauzinhos em 2 grupos. Ver continhas que têm para fazer. A história das 4 caipiras de vestidos iguais, com 9 botões :
Riscar 4 vestidos, pelo modelo:
 $8 + 1 =$ $7 + 2 =$ $6 + 3 =$ $5 + 4 =$
 $1 + 8 =$ $2 + 7 =$ $3 + 6 =$ $4 + 5 =$
5. Merenda .
6. Colorir os vestidos podendo terminar os caipiras .
7. Subtração : com os vestidos desenhados no quadro :
- Tinha 9 botões, perdeu 1 . Quantos ficaram ? $9 - 1 = 8$
Fizeram as continhas com os 4 vestidos .
8. Jôgo de leitura - pau de sêbo. Palavras de 3 e 4 ou mais sons. Conforme as crianças forem dizendo. Escritas no quadro .
9. Recreação (como professor)
10. Terminar o jôgo : os bonequinhos não haviam chegado ao fim. Cada criança recebeu 1 cartão com duas palavrinhas para ler .

D I A 28 D E J U N H O D E 1 9 6 5

1. Hora da novidades .
2. Auditório .
3. Análise - escrita : algumas palavras foram analisadas, outras escritas pelas crianças sôzinhos e outras pela professora no quadro .
 1. leitura - venha cá meu balãozinho.
 2. falaria sobre sábado (festa) : Ao chegaram a palavra tolice lembraram de que viram no sábado .
- you, vou longe pra casa do meu pai .
Ha,ha,ha, mas que tolice,
nunca vi balão ter pai .
4. Merenda .
5. Audição (total 10)
História das 5 caipiras - Riscar 5 vestidos : contas com os botões.

- dos vestidos : $10 - 1 = 9$ etc. . .
6. Jogo de leitura : pau de sêbo. Palavras de 3,4 ou mais sons, con-
forme as concorrentes : véu - saia - cavalo - pipoca - mala - ma-
leta - etc...
 7. Numeração : 11 a 20 : completaram com mais uma caixinha de deze-
na .

D I A 30 D E J U N H O D E 1 9 6 5

1. Análise : escrita (continuação) Fique quieto neste canto . daqui-
você - sai - noite - onde - ir-á - cair - matas - fogo - rios .
2. Numeração - contagem. Material na mesa. Reuniram mais pauzinhos
até completarem 2 dezenas .
- Desenhar 1 dezena de bandeirinhas (numerar)
- Desenhar mais uma dezena = 2 dezenas (continuar a numerar até 20)
As crianças falaram sobre os números pares; virar com a
a profa. quais eram. Oral : o número que tem 1 dezena e 8 unidades.
Mostrar no quadro .
3. Merenda .
4. Jogo de leitura : pau de sêbo . As crianças que estavam com as fra-
ses iniciaram o jogo . Depois fizeram o mesmo com palavras no quadro.
Análise e escrita : pau de sêbo .
5. Contínhas : 1ª fôlha do livrinho $1 + 1$ até $9 + 1$. Resolveram com
a profa. os pregadores no quadro .
6. Lanternas : feitas com capas de revistas: recortar, fazer a alcinha
e armar .
7. Subtração : outro lado da fôlha do livrinho $(-1) 1 - 1 = 0$ até 10
 $- 1 = 9$:

D I A 2 D E J U L H O D E 1 9 6 5

1. Hora das novidades.
2. História : Pinóquio.
3. Som inicial : apresentação do material individual, conforme a pala-
vra da história : fada (apresentar faca etc...)
4. Escrita com as letrinhas (alfabeto individual) pau - fada - boneco.
5. Merenda - leitura de palavras e frases .
6. Matemática : 2ª fôlha do livrinho das férias - $+ 2$
7. Música "Marcha companheiros" . As crianças receberam os cartões nu-
merados para arrumar na cordinha .
8. Recreação - professor .
9. Livrinho de contos (- 2)

1. Nome e dia .

Leitura e cópia : Pinóquio. Escrita (sòzinhos) : pau - pai .

2. Bandinha. Desenho: a história do Pinóquio. Leitura de palavras e frases .
3. Análise : procurar palavras com o som de Pinóquio. As crianças de ram as palavras e analisaram mostrando os sons no alfabeto mural. pipoca- pato - prato - pirata - etc. . .

Procuraram escrever sòzinhos outras palavras : pele - pin to etc. . .

4. Merenda .

5. Leitura das palavras analisadas .

6. Contas - livrinho (+ 3 e - 3)

7. Leitura - cópia. Desenhar ao lado da frase .

A fada é boa .

O boneco é de pau .

O barco está no mar

8. Recreação .

9. Terminar o trabalho anterior . Leitura oral das frases .

1. Hora da novidades

2. Auditório

3. Som inicial - escrita . 1º contar as quadrinhas das fôlhas - 12

(escrever no quadro) 2º . O pai do Pinóquio era marceneiro. Coisas que o pai do Pinóquio fez de pau : (oralmente enumerados) Desenhar no quadro para cada um fazer no papel e colocar as letrinhas do alfabeto individual sôbre cada figura (som inicial)

- cavalo - dado - bote - garfo - pião - maça - janela - violino .

Depois as crianças procuraram escrever as palavras sòzinhos. Os que terminaram podiam colorir . Foram ocupados os quadrinhos, quantos - sobraram ?

4. Merenda. Conforme a profa. ia vendo o trabalho, as crianças podiam apanhar jogos diversos. Os que não haviam escrito tôdas as palavras fizeram-no então com a profa. Houve por fim a verificação no quadro (barco, garfo, etc...)

5. Matemática - livrinho (4 e - 4)

6. Leitura : outras coisas feitas de pau . Ler, copiar e fazer o desenho : carro, mesa, casa, sofá, remo, porta .

7. Matemática . o pai de Pinóquio fez também pauzinhos de picolé. Fazer duas dezenas de pauzinhos de picolé, numerando, Ao terminar , procurar escrever picolé ou a frase: O picolé é do Pinóquio.

1. Escrita : som inicial.
 - a) separar os quadrinhos - 9
 - b) desenhar as coisas de pau que o pai de Pinóquio fez : rádio, ca deira, avião, gaveta, navio, sino, jaula, caixa, banco .
 - c) colocar o som de cada um.
 - d) análise e escrita : rádio, caixa, banco .
 - e) escrita livre das outras palavras .
2. Continhas - livrinho (+ 5)
3. Merenda : Jogos: 1 grupo fez leitura de palavras
4. Continhas - -5
5. Leitura: 1º grupo: ler, copiar e completar :
Pinóquio é um O boneco é de A fada é
2º grupo : leitura de palavras : cada criança recebeu 4 palavras pa ra ler, copiar e fazer o desenho. Terminando podia apanhar mais. Tam bém as crianças do 1º grupo terminando o trabalho apanhavam palavras para ler .
6. Matemática : (numeração, leitura dos números na cordinha; jogo: 3 - crs. de cada vez), contando o número de palmas e apanhando o número da cordinha.
7. Letra de imprensa : conversa sôbre os livros, revistas e jornais. Fo ram escritas alguns nomes do alfabeto ilustrado para as crianças ve rem as letras de máquina. Reconhecimento de barulhinhos feitos pela máquina .

1. Desenhos para análise e escrita das palavras :
 1. ao dizer 1 som, as crianças davam coisas que podiam desenhar e uma ia ao quadro fazer o desenho. Todos faziam o mesmo no quadrinho da fôlha (cão-flôr-gaiola-nota- roda-bota-vela) Com o som m ca- da criança desenhou o que quis.
 2. análise das palavras no quadro, escrita na fôlha (cão) escreveram sôzinhos . Algumas crianças foram ao quadro escrever o nome do que desenharam no quadrinho m . (meia, melado, melancia, mel) .
2. Livrinho : continhas de 7 a 8 ; grampearam os livrinhos e colocaram as capas .
3. Merenda (terminar os livrinhos)
4. Leitura e cópia (muitas continhas) na capa do livrinho .
5. Leitura: 1º grupo: de frases para copiar e desenhar sôbre o que leu O menino está correndo. A saia da boneca é rodada . O pato nada no lago. A janela está aberta. Ect. 2º grupo: Leitura de palavras ou pe-

quenas frases .

6. Recreação (professor)

7. Última fôlha do livrinho

$$1 + 9 = \quad 9 - 9 = \quad 10 - 9 =$$

8. Para casa : Fôlhas com figuras para escrever os nomes : 12 bichos e 12 diversos .

Estudar o, livrinho das continhas .

Dia 2 de agosto de 1965.

- 1 - Conversa sobre as férias. Depois da conversa foram escritos no quadro palavras ditas pelas crianças para que lessem: palhaço-espingarda.
- 2 - Auditório
- 3 - Recordação:
 - Reconhecimento das figuras do alfabeto; quem lembra dos barulhinhos? e quando eles encontram com outros barulhinhos? me, ma etc.
- 4 - Quem já sabe escrever todo nome? (sem a tirinha)
Cópia - Dia 2 de agosto (análise)
- 5 - Leitura; copiar, ler, desenhar

bola	copo	roupa
mala	navio	barco
vela	sapato	
pena	dedo	

Terminando apunhar 2 tirinhas com frases e ler.
- 6 - Morenda:
Terminar o trabalho - colorir, leitura oral frases. Escolher - uma e copiar.
- 7 - Você sabe estas continhas? (ler e copiar)
... + ... = ... - ... = etc.
- 8 - O trabalho de cada vez, foram ao quadro escrever as palavras - para os colegas conferirem.
- 9 - P.C. - Ler e fazer o desenho, ao lado:

bica	bule
bola	bota
bolo	balão
bola	barco
baterraba	boné

10 continhas de +

Dia 3 de agosto de 1965.

- 1 - Recolher o trabalho de casa.
nome e dia
Quem sabe história é? (no quadro) "o rato caiu na panela"
- 2 - História (com participação das crianças: "Dona Baratinha":
Ao terminar a história a professora leu um versinho sobre o que aconteceu e as crianças descobriram as palavras que rimavam.
- 3 - Jogo - tómbola (cartões com alfabeto ilustrado) Marcar com

os pauzinhos e som inicial das palavras (recordando a história) 10 palavras. Foram conferidos os sons marcados.

4 - Continhas: Quem consegue colocar 10 flôres na cauda do vestido de noiva da Baratinha? Desenhar a Baratinha e resolver 10 continhas de somar.

5 - Merenda.

Jogos de sala.

6 - Ditado (análise)

- | | |
|--------------|--------------|
| 1. Baratinha | 6. boi |
| 2. fita | 7. cavalo |
| 3. moeda | 8. carnicero |
| 4. caixa | 9. panela |
| 5. janela | 10. feijão |

7 - Frases sôbre a história:

1. Oral
2. Duas crianças foram ao quadro escrever suas frases.
3. Cada criança procurou escrever uma frase na sua fôlha (palavras que erraram: achou, gostou, estava).

8 - Numeração: arrumação na cordinha dos nºs até 20. Música; Chamada de - números para colocar e retirar os nºs da corda.

9 - Leitura - Cópia: A baratinha é bonita.

Ela tem fita no cabelo

A fita é azul

A fita é de veludo

P.C. Desenhar 20 flôres para a baratinha.

Dia 4 de agosto de 1965.

1 - Hora das novidades.

Leitura das frases de ontem.

2 - Leitura: Copiar, ler, desenhar:

A baratinha está na janela.

Ela viu o rato.

Ela gostou do rato.

O rato gostou da baratinha.

3 - Dramatização: Antes foi relembrado a letra de imprensa. Foi escrita no quadro a lista dos personagens com letra de imprensa e as crianças copiaram com manuscrita:

1. B A R A T I N H A
2. B O I
3. C A V A L O
4. R A T O
5. U R U B U S

4 - Continhas: Jôgo no quadro.

5 - Merenda.

- 6 - Cobrir as cazinhas de dezenas.
- 7 - Hora de leitura: terminaram de cobrir as caixinhas e apanharam as leituras.
- 8 - Continhas:
 Quem coloca mais feijões na panela?
 ... * ... = ... + ... =
- 9 - Ditado
 Cada crinaça dava uma palavra que começasse como as da história - para os colegas escreverem:
 1. barco 3. pato 5. macarrão
 2. rádio 4. foca
- P.C. Ler e desenhar: 10 palavras com o som de caracol (Casa, cama etc.) 10 continhas de subtrair.

Dia 6 de agosto de 1965.

Conversa sobre o dia do papai. O que podemos fazer para o papai? porta-copos e os trabalhos de sexta-feira e sábado.

- 1 - Leitura: cópia (dia do papai) Domingo é dia do papai.
 Eu vou dar um beijo no papai.
 Eu gosto muito do papai.
 Viva o Papai!

- 2 - Flores para o papai (leitura e cópia):

2+2= 3+3= 4+4=

4+2= 6-3= 8+4=

5+5= 10-5=

Para cada continha certa, 1 flor na quadrado para papai.

- 3 - Coisas que o papai usa: chapéu - terno - meia - sapato - camisa - cachimbo - gravata.
- 4 - Merenda.
- 5 - Escrita ao lado dos desenhos feitos.
 meia e sapato
 terno e gravata
 chapéu e cachimbo (análise do Ch e x)
- 6 - Desenho no porta-copos: Para o papai, do.....
- 7 - Recreação (professor especial) Enquanto as crianças se arrumavam, foi visto a letra da "Bonequinha",

- 8 - Nome dos pais. Cada criança deu o nome dos pais, Cópia de alguns nomes para lerem em casa.
- 9 - Descobrir: pela frase do quadro a música que a professora estava pensando: pulo bem leve....etc.

Dia 7 de agosto de 1965.

- 1 - Leitura: cópia:
Eu fiz um presente para papai.
É um porta-copos.
Eu desenhei, escrevi e enfeitei com a lã.
Espero que papai goste.
- 2 - Bandinha e leituras: Terminar o trabalho anterior: Leitura oral.
- 3 - Palavrinhas com o som de papai. (ler e copiar)
Cada criança deu uma palavra. Foram analisadas, as mais difíceis e as outras foram escritas sôzinhas pelas crianças: pato, panela, pinto, papagaio.
- 4 - Merenda.
- 5 - Terminar o trabalho do papai. Enfiar a lã Ilustrar a fôlha para guardar o trabalho. Granpearam as fôlhas dos trabalhos do dia anterior e os envelopes.
- 6 - Cópia e leitura de outras palavras com o som de papai:
6. pena 7. papo 8.
9. 10.. 11.
12.
- 7 - Recreação (professor especial)
- 8 - Arrumar os trabalhos, o presente etc.

Dia 9 de agosto de 1965.

- 1 - Cópia - Leitura:
Vamos ouvir uma história.
É a história de uma boneca.
O nome da boneca é Petuchinha.
- 2 - Auditório.
- 3 - Leitura oral das frases. Música: A bonequinha.
- 4 - História: Pituchinha.

- 5 - Merenda:
Terminar a história: (Leitura, fazer mímica para os colegas descobrirem).
- 6 - Som inicial (tâmbola - Marcar com os pauzinhos-brinquedos da loja (boneca, piano etc.) = Contar sons, digo, quantos sons foram marcados.- Desmarcar e, conferir: ao dizer a figura marcada (bule) as crianças-procuravam lembrar qual o brinquedo (boneca).
- 7 - Análise: palavras com o som de boneca.
- 8 - Leitura de frases para cantar a música.
Vou sair já da caixinha.
Foram vistas mais duas.
- 9 - Numeração (com os cartões).
- Marcha companheiro.
- Canção do zero.
- 10 - Dramatização: Petuchinha.

Dia 10 de agosto de 1965.

- 1 - Leitura:
1º grupo: descobrir o que a Pituchinha nos mandou.
Sou muito bonita.
Não sei falar.
Moro numa caixinha.
Sou a amiga da Petuchinha.
Eu sou uma
- 2º grupo: Pequenas frases sobre os brinquedos. Desenhar o brinquedo.
Para terminar algumas crianças fizeram mímica de alguns brinquedos para os colegas adivinharem.
- Leitura oral pelo 1º grupo: Combinaram que iam escolher o nome - da bonequinha.
- 2 - Música (para a bonequinha ver) A bonequinha (2 grupos). Escrevem - a professora, depois, trechos de 3 músicas no quadro para as crianças lerem, descobrirem e cantarem:
Vive no Tapume
Que a noite já vem...
zum...zum...zum...
- 3 - Som inicial: as palavras eram dadas pelas crianças enquanto recordavam a história (Tâmbola) Cantaram 8 sons.
- 4 - Análise: escrita
boneca - caixa-loja-dorme.

- 5 - Numeração: música no quadro: Vamos cantar? (para ler)
 Arrumação dos cartões na corda. Marcha companheiro (ler)
 1º - 1 a 20
 2º - 10 a 20 Crianças com cartões
 3º - Joguinho: adivinhar o nº que virou. (ao fecharon os olhos, uma criança com o cartão virava de costas. Se o colega adivinhasse, trocava de lugar com ele.
 Canção de zoro (2 grupos)
- 6 - Ligar os números.
 Tocaram a bonequinha na caixinha.
- 7 - Noronda.
 Mímica: em frente aos colegas terminavam a noronda: cada criança ti-
 rava um cartão (nome de um brinquedo o fazia a mímica ou desenhava -
 no quadro para os colegas descobrirem.
- 8 - Escrita (folha com 6 brinquedos):
 - Colocar a figura com o seu musical.
 - Escrever mais 2 brinquedos nos quadros vazios.
 - Colorir (bola - poteca - avião - corneta - dado).
- 9 - Desenhar a bonequinha na caixinha.
- 10 - Continhas: do outro lado da folha dos brinquedos:
- | | | | |
|------|------|------|------|
| 4+1= | 4+2= | 4+4= | 4+3= |
| 5-4= | 6-4= | 8-4= | 7-4= |

Dia 11 de agosto de 1965.

- 1 - Leitura (adivinhar qual o brinquedo).
 1º grupo: Sirvo para jogar.
 Mas só com a mão
 Sou cheia de pernas coloridas
 Tu sou uma
- 2º grupo: Leitura de frases sobre brinquedos feitas pelas crianças.
- 2 - Escolha do nome para a bonequinha. As crianças deram algumas sugestões
 Escreveram 5 no quadro: Sandra Maria, Rosa Maria, Carla Lúcia, Lili.
 Contaram 5 votos escrevendo a contagem ao lado dos nomes. Ganhou Lúcia.
- 3 - Jôgo: continhas de +
 Qual o grupo que faz o colar mais bonito para Lúcia?...Cada continha-
 Certa, uma bolinha era desenhada no colar.
- 4 - Noronda.
 Terminar o jôgo.

- 5 - Livrinho: começaram o livrinho com palavras da história.
4 fôlhas: em cada uma escreveram duas palavras da história (análise ou ditado). Separar com tracinhos.
Cobrir o 1º som com lápis côra.

boneca		caixa	doce	loja
		soldado	fita	noite
		gatinha		

- 6 - Hora de leitura: (freses, palavras, historinhas).

Para casa: continhas (-2).

palavrinhas: lua, lápis, lâmpada, etc. para ler e desenhar.

Fazer uma frase sôbre brinquedo.

DIA 12 DE AGOSTO DE 1965.

- 1 - Leitura: 1º grupo: Lúcia gosta muito da turma.
Ela quer ficar aqui.
Ela é nossa amiga.
Você gosta de Lúcia?

2º grupo: Frases sôbre brinquedos.

- Leitura oral pelo 1º grupo.

- Mímica dos brinquedos sôbre os quais leram.

- 2 - Análise - escrita:

1ª fôlha do livrinho (da boneca e caixa). As crianças deram - primeiro oralmente as palavras. Escolheram de cada um 4 para escrever:

beijo	corda
barco	cocada
banco	cavalo
bolsa	casa

Música: a bonequinha

- 3 - Merenda: Hora livre

- 4 - Vamos fazer um colar e uma pulseira para Lúcia?

colar: 18 contas o-o-o-o- etc. até 18.

pulseira: 9 contas o-o-o-o-o- etc. até 9.

ramo de flôres: 12 flôres (oralmente: 12 = 1 dúzia).

12 flôres.

- 5 - Recreação (com o professor)

Para casa: +3 e -3.

DIA 13 DE AGOSTO DE 1965.

- 1 - Leitura: Lúcia foi ao cinema.

Ela viu um filme bonito

No filme havia um cachorro.

O nome do cachorro era Totó.

2 - ~~Dandinha~~ - leituras.

3 - Cópia da leitura - desenhar e completar a frase: Totó e um.....
Outro grupo: leitura de frases.

4 - Subtração - probleminhas. Sobre as 4 caixinhas de Lúcia e o que guardava nelas.

5 - Merenda, Hora livre.

6 - Análise escrita.

Livrinho: 5 palavras com o som de boneca e 5 com o som de caixa.

7 - Recreação com o professor.

8 - Para casa: + 4 - 4.

Ler e desenhar: copo, pato, banco, menino, pinto.

DIA 16 DE AGÓSTO DE 1965

1. LEITURA : frases sôbre uma gravura. Fizeram do quadro, 4 frases para as crianças descobrirem qual a que falava sôbre a gravura.
2. MÚSICA : Auditório.
3. LEITURA : Copiar e passar uma linha em volta das frases que falam sôbre a gravura mostrada :
A boneca está na caixa .
A boneca acordou.
A boneca saiu da caixa .
A boneca dorme .
A caixa está fechada .

Os que terminaram, apanhavam uma leitura em letra de imprensa .

4. MENENDA .

5. CONTINHAS : (3 parcelas)

João ganhou 3 bolinhas do pai, 2 da mãe e mais 1 do tio.

$$3 + 2 + 1 = 6$$

ooo oo o oooooo

Outras continhas :

$1+1+1 =$

$2+2+2 =$

$2+1+1 =$

$3+2+2 =$

$3+2+1 =$

$4+2+2 =$

$4+2+1 =$

$4+3+1 =$

6. ANÁLISE ESCRITA (livrinho)

loja

noite

leão

navio

luar

nuvem

luva

noivo

lata

nata

lápiz

neném

7. ORGANIZAR E FAZER 2 TIRINHAS COM OS Nº DE 1 a 10 E DE 11 a 20.

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
---	---	---	---	---	---	---	---	---	----

11										20
----	--	--	--	--	--	--	--	--	--	----

8. PARA CASA:

Frases para a leitura .

$1 + 1 =$

$3 + 3 =$

$5 + 5 =$

$8 + 7 =$

$9 + 9 =$

$2 + 2 =$

$4 + 4 =$

$6 + 6 =$

$8 + 8 =$

$10 + 10 =$

Dia 17 de agosto de 1965

1. **LEITURA** : Marcar as frases que correspondem à gravura

- O Soldado dorme .
- O soldado está na caixa .
- As bonecas olham o soldado .
- O soldado tem uma espada .

2. **NUMERAÇÃO** : O encontro das unidades com a dezena .

- com caixinhas de dezenas
- com cartões
- escrita



3. **NUMERADA**

4. **LIVRINHO** - escrita

Soldado - doce

5. **CPA DO LIVRINHO** :

Riscar com lápis cêra preto
Colorir os classes

6. **VOCE JÁ SABE ESTAS CONTINHAS** :

$$1 + 1 = \quad \quad \quad 10 + 10 =$$

7. **CINEMA**

Dia 18 de agosto de 1965

1. **LEITURA** : Brinquedos de loja .

Ler, copiar e desenhar nos quadrinhos: tambor-caminhão
balde-pá-urso de pano - caro de corda - cavalo de pau -
bola de borracha - corneta-cama de boneca-barco a vela
bolas .

As crianças que acabavam apunhavam fichas de leituras .

CONTINHAS :

$$1+1= 2$$

$$10+10=$$

$$2-1=$$

$$20+10=$$

6. ESCRITA E DESENHO NO QUADRO POR GRUPOS DE CRIANÇAS :
(palavras da história)
papo-lagoa-boneco-meninas.

7. RECREAÇÃO (professor)

8. PARA CASA : leituras

Dia 23 de agosto de 1965

1. Algumas crianças leram as histórias que levaram para casa .

2. AUDITÓRIO :

3. LEITURA : ligar a frase ao desenho correspondente .

O pato está na lagoa .

O boneco corre.

A menina está de bolsa.

O boneco está na cadeira .

O menino tem chapéu .

As crianças que acabavam apanhavam fichas de leitura

4. MERENDA : (jogos leitura)

5. NUMERAÇÃO : cada criança recebeu nº para arrumar na cordinha.

Música : Marcha companheiro (1 a 30)

Mostrar : 1 dez. e 3 unidades

2 dez e 5 unidades

Ditado de nº no quadro.

Recolher os nº pela ordem em que são ditos

6. LETRA DE IMPRENSA : (ler e copiar) desenhar

boneco menina pato lagoa

bola maleta pente lua

biscoito martelo peteca lápis

balão meia porco lata

7. PARA CASA : leituras .

Estória

SUPERINTENDÊNCIA DO ENSINO MUNICIPAL

H I S T O R I A

Autoria das professoras da "Escola Guatemala" da Guanabara, e gentilmente cedida por sua Diretora, profª Almira Brasil.

ALFABETIZAÇÃO PELO MÉTODO GLOBAL NATURAL (ITALIANO)

CAPÍTULO I:

a	A	abelhinha
e	E	escôva mágica
i	I	índio
o	O	óculos quebrados
u	U	uva

Era uma vez uma abelhinha que nasceu apenas com um par de asas.

Não podia voar. Quando queria ir de um lugar para-outro, tinha de andar.

Às vêzes, ficava muito cansada e suspirava assim :

A.

Voltava, então, para sua casa se arrastando.

E dormia, escondidinha, nos pelos de uma velha escôva.

Era uma escôva mágica.

A abelhinha vivia muito triste por não poder voar, mas a escôva encantada dizia :

- Você ainda há de ter outras asas. Espere com paciência. Quero ajudar a você.

Outras vêzes, em vez de falar, ela cantava : (Música de Ciranda Cirandinha)

Minha amiga, outras asas

Você ainda terá (Cantar com as crianças)

Posso ajudar de verdade

Espere e um dia verá.

Muito contente a abelhinha perguntava :

∴ É mesmo ?

E a escôva mágica, com voz grossa, respondia assim:

- E.

A abelhinha ficava muito alegre, rindo baixinho, como riem os índios pequenos, assim : i i i i ...

A escôva encantada virou-se para os óculos quebrados e falou assim:

- Meu amigo, como nôvo
Você também ficará.
Posso ajudar de verdade:
Espere e um dia verá.

Já estava ficando noite.

- Bem, disse a abelhinha, vou dormir. Até amanhã.

E tratou de escondem-se entre os pelos da escôva encanta da.

Mas, logo depois, a abelhinha saiu correndo e gritou, muito espantada:

- Socorro ! Socorro ! Acudam-me, por favor !

- O que foi que aconteceu ? perguntou o seu nôvo amigui-
nho.

E a abelhinha, quase chorando, respondeu:

- A minha casa está pegando fogo !

- Não é fogo, não abelhinha ! É um bichinho que ficou prê so aqui nesses pelos.

E a brasa que eu vi ? perguntou ela com os olhos arregalados.

- Brasa ? Você está enganada, abelhinha. O que você viu foi a luz que êsse bichinho carrega com êle. Agora, espere um pou co; preciso soltar o pobrezinho.

A escôva encantada mexou um pouco com os pelos. O bichinho saiu voando e parou bem juntinho da abelhinha.

- Como é o seu nome ? ela foi logo perguntando.

- Va ... va ... va ...

- Não conseguia dizer mais nada e já estava ficando aflito.

A escôva mágica veio, então, explicar;

- O nome dêle é vagalume, minha gente. Ele não pode falar direito, porque levou um susto medonho.

A abelhinha chegou mais perto do bichinho e perguntou, com voz carinhosa :

- Por que você se assustou assim, vagalume ?

- Ve ... ve ... ve ... foi só o que êle pôde dizer.

- Oh! já sei ! foi o velho, falaram os óculos querendo a judar.

O bichinho sacudiu novamente a cabeça, dizendo não.

- Com o veludo ? perguntou a abelhinha.

O vagalume continuava a sacudir a cabeça.

De repente, fêz um esforço maior e conseguiu dizer:

- Vela.

Depois ficou muito nervoso e não pôde falar, mais nada. Voou para o lado da abelhinha. Ela tomou outro susto. Nesse momento a abelhinha viu uma dália caída no chão. Deu uma corrida e se escondeu debaixo dela.

Os óculos então chamaram;

- Abelhinha ! Abelhinha !

Ninguém respondia.

- Diga para mim, abelhinha. Onde é que você está? pediram os óculos quebrados.

Finalmente, ela respondeu com voz muito fraquinha:

- Da ... da ... da ...

- Que foi que aconteceu, abelhinha ? por que é que você também não consegue falar direito ?

A escôva mágica teve, mais uma vez, de explicar:

- Não aconteceu nada, minha gente. A abelhinha também se assustou. O que ela quer dizer é dália. Ela está ali debaixo daquela dália. Mas esta confusão toda já vai acabar. Venham todos para perto de mim.

Os óculos, a abelhinha e o vagalume vieram logo correndo.

A escôva encantada, nessa hora, disse três vezes esta palavra mágica : quadiduvivu.

E tudo ficou calmo de novo.

O vagalume, então pôde falar direito e contou aos amiguinhos:

- Eu me assustei com os olhos de um lobo. Pareciam duas velas acesas, andando de um lado para outro, na escuridão da mata.

- Que idéia, vagalume ! Onde você já viu uma vela andar sozinha? reclamaram os óculos quebrados.

O vagalume, fingindo que não tinha ouvido, continuou:

- Eu ia à casa da vovó. Vi aquela coisa esquisita e tomei um susto. Por isso voei mais depressa. Depois ouvi o uivo do lobo.

A abelhinha, que era muito curiosa, quis saber logo:

- E o que foi que você fez ?

- Tratei de voar mais depressa ainda. Eu estava com um medo que vocês nem podem imaginar. De repente, não sei como, me perdi no meio da mata.

- E depois ? perguntaram os óculos quebrados.

- Depois ? ... continuei voando de um lado para outro e nada de achar o caminho. Fiquei tão cansado, tão cansado mesmo, que caí no chão. Não tinha mais forças para voar. Então D.Minhoca apareceu e veio me ajudar. Ela me deu um remédio muito doce: pensei até que fosse melado. Quando me viu melhor, ela me disse :

- Agora você já pode ir embora. Adeus, vagalume. Boa Sorte !

Então voei de novo. Mas eu ainda estava um pouco fraco.

- Assim, não chego à casa da vovó, disse para mim mesmo. Nessa hora, vi a escôva mágica e pensei: ali está um bom lugar para eu descansar um pouquinho.

- Foi aí que a abelhinha viu você e ficou tremendo de medo, não foi ? perguntaram os óculos quebrados.

- Isso mesmo, respondeu o vagalume. Bem, parece que já posso ir embora. Preciso chegar, ainda hoje, à casa da vovó.

A escôva para ajudar o vagalume mostrou o caminho que ele estava procurando.

E o bichinho, muito contente, começou a voar.

Lá do alto, ele gritava;

- Viva a escôva mágica !

- Viva também a abelhinha !

- Agora, um viva aos óculos quebrados!

CAPITULO III :

p	pipa
g	gato
r	rato
t	tôrre da igreja.

Um dia a abelhinha foi passear no campo.

Viu uma pipa voando. E ficou muito admirada, olhando a pipa, lá no alto. Estava tão distraída que nem viu chegar o gato Golias.

- Abelhinha, em que é que você está pensando? perguntou Golias.

- Ah! Eu estou é sonhando com o dia em que eu puder voar. Como vai ser bom ! A escôva encantada prometeu me ajudar. Todos os dias ela diz para mim, três vezes, esta palavra: quadiduvivu. Tenho de esperar cinco luas; só então que minhas asas vão crescer.

O gato Golias perguntou:

- Você quer dar um passeio, lá no alto?

- Quero, quero, sim ... respondeu a abelhinha, pulando de alegria.

O gato puxou logo a pipa. A abelhinha segurou-se nela e a pipa voou para o céu, outra vez.

Golias amarrou a linha da pipa, numa pedra, e foi tirar uma soneca.

Apareceu, saindo de um buraco, a cabecinha de Rique-Roque. Rique-Roque é um rato levado como quê.

Ele estava com muita vontade de fazer umas brincadeiras com o gato, mas tinha tanto medo dele ...

Começou, então, a pensar como havia de ser.

Esticou mais um pouquinho o pescôço e viu o gato dormindo.

- Ah ! agora está para mim ! disse ele, muito contente. E é para já.

Saiu bem de mansinho do buraco, onde estava escondido. Deu um puxão na cauda de Golias e voltou correndo para o mesmo lugar. O gato acordou : olhou em volta e não viu ninguém. Tornou a fechar os olhos e acabou caindo no sono de novo. Rique-Roque a aproveitou, então, para repetir a brincadeira: desta vez sacudiu as orelhas e fêz cócegas no focinho do bichano.

Golias foi ficando zangado.

De repente, levantou-se e saiu miando para procurar quem estava mexendo com ele. A pipa ficou abandonada, voando, voando sem parar.

Então um vento soprou com mais fôrça e a linha da pipa arrebentou. A pipa voou e ficou prêsa na tôrre da igreja. Bem nessa hora, passou por ali um avião fazendo um barulho tremendo. Assim: vum ... vum ...

O barulho foi tão grande que Rique-Roque saiu do buraco, onde se achava escondido, para saber o que estava acontecendo.

Viu a pipa na tôrre da igreja e pensou:

- Coitada da abelhinha ! Ela está sòzinha, lá no alto ! Vou já correndo buscá-la.

Entrou por um portão que só ele conhecia. Pulou por um muro, roeu uma porta, Subiu por uma escada muito comprida. Atravessou um corredor escuro. E chegou, finalmente, à tôrre da igreja.

Puxou depressa a pipa. Quando viu a abelhinha teve uma surpresa. Ela não estava com medo. Estava até rindo, muito contente. E não queria mais voltar. Foi preciso o ratinho lembrar que, assim, a escôva mágica e os amiguinhos iam ficar com saudades.

A abelhinha então pulou nas costas do Rique-Roque.

Levou, porém, um escorregão e quase caiu.

Segurou com mais fôrça nos pelos do ratinho e disse:

- Agora podemos ir Rique-Roque.

Quando a abelhinha chegou junto aos outros companheiros, contou as maravilhas que tinha visto lá do alto.

Falou, falou, sem parar.

Depois perguntou à escôva mágica :

- Falta ainda muito tempo para nascerem as minhas asas do outro lado ?

A escôva encantada respondeu cantando (Música de Ciranda)

Minha amiga, quatro asas
Você ainda terá.
Posso ajudar de verdade
Espere e um dia verá.

CAPITULO IV :

b	bule
s	sapo
j	jacaré
n	nenê
que	que

Num dia de sol muito quente, a abelhinha ficou com muita sede. Entrou numa casa e viu, no chão, uma barata.

A abelhinha perguntou à barata:

- Barata, você sabe onde há água ?

A barata respondeu:

- Na cozinha há um bulo cheio de água.

A abelha estava com tanta sede que até esqueceu de agradecer à barata.

Ela tratou de matar a sede.

De repente, ela ouviu um barulho, lá fora.

- Que será? pensou a abelhinha. E foi até a janela para saber o que se passava. Era um sapo e um jacaré que estavam conversando.

- Você já viu esta figura? perguntava o sapo.

- Já, dizia o jacaré, sacudindo a cabeça.

- Você já viu como ele é gordinho?

- Já.

- Você já falou com ele?

- Já, repetiu o jacaré.

- Ah! agora peguei você, gritou o sapo com ares de vencedor.

Você não falou com ele não, jacaré. Ele ainda não sabe falar.

O jacaré ficou sem jeito, deu uma corrida e ... tchum, mergulhou na lagoa.

O sapo foi embora, ainda e ainda, sem parar.

E a figura que o sapo e o jacaré estavam vendo ficou esquecida no chão, bem debaixo de uma árvore.

Depois, um pato que passava por ali ouviu o fim da discussão do sapo e do jacaré e foi olhar de perto a figura. Olhou, uma, duas, três vezes e continuou o seu caminho. Ia balançando a cabeça e fazendo assim: qué - qué - qué.

A abelhinha, lá da janela, ficava cada vez mais curiosa; até agora não tinha conseguido entender nada, nada.

- De quem é que o sapo e o jacaré estavam falando? pensava ela.

Com pele côm de rosa, gordinho, sem dentes, não sabendo falar...

(O professor, visando despertar maior interêssco pelo desenvolvimento da história, poderá pedir aos alunos que ajudem a abelhinha a adivinhar de quem o sapo e o jacaré estavam falando. Relacionará os nomes citados pelas crianças, para confrontá-los , no final, com a personagem) .

A abelhinha não via bem do lugar onde se achava. Desceu da janela e veio para junto da árvore. Subiu por ela até a ponta de uma folha. Olhou para baixo e viu o quê ? O retrato de um nenê engatinhando.

Esse nenê era o Dedé, o neto de D. Júlia.

A abelhinha não queria deixar o retrato ali no chão. Pensou, pensou e resolveu pedir ^{a ajuda} a seu amigo vagalume. O vagalume veio logo e ouviu com muita atenção o pedido da abelhinha.

Quando ela acabou de falar, êle chamou uma porção de companheiros para ajudarem também.

Combinou com êles o seguinte; cada um ia pegar numa ponta do retrato para levá-lo à casa da vovó.

- E eu ? reclamou a abelhinha. Eu também quero ir.

Os vagalumes responderam logo:

- Você também vai, abelhinha. Venha depressa, já está anoitecendo.

A abelhinha pulou em cima do retrato. E nem reparou que caiu bem na ponta do nariz do nenê.

Os vagalumes, carregando o retrato, saíram voando pelo céu afóra. Mas foi ficando escuro. De vez em quando, êles acendiam as luzinhas para iluminar a escuridão da noite.

E por fim, chegaram à casa da vovó.

CAPÍTULO V :

f	faca
c	caracol
x	xaveco
z	zebra

A abelhinha e os vagalumes entraram na casa da vovó.

D. Júlia tinha acabado de cortar fatias de pão com uma faca muito afiada. Ela ia fazer rabanadas.

Mas D. Júlia estava tão cansada que adormeceu sentada na cadeira.

Os vagalumes puseram, bem devagarinho, o retrato do nenê no colo da vovó. E saíram voando outra vez.

Nessa hora, a abelhinha foi para o chão, descendo pela saia de xadrez de D. Júlia.

- Caracol, bota o " chifre " de fora.
Apareceu, então, a cabecinha do caracol.

- Que é que você quer, abelhinha ?

- Você viu o nenê, caracol ? perguntou ela.

- Vi sim, está dormindo na cama azul. Mas eu estou zangado com êle.

- Por que, caracol ?

- Porque, no outro dia, êle quebrou os óculos da vovó. Agora ela não tem podido ler as histórias bonitas do livro de fadas.

- Como foi que isto aconteceu, caracol ?

- Foi assim, abelhinha: vovó estava com o nenê no colo. Chegou até a janela para mostrar a êle uma borboleta. O nenê enfiou o dedo nos óculos da vovó. E zás-trás, os óculos caíram lá em baixo no quintal.

- E a vovó ? perguntou a abelhinha.

- A vovó segurou a mãozinha dêle e não ficou zangada. Ela só falou assim : Ah ! nenê, meu amor, você me deu um prejuízo, mas não há de ser nada. Você é muito pequenino ainda, não sabe o que faz.

Os óculos quebraram e a vovó ainda não pôde comprar outros.

- Coitada da vovó ! exclamou a abelhinha.

E começou a pensar : óculos quebrados da vovó, no quintal... Será que o meu amigo, óculos quebrados, são os óculos de D. Júlia ? Chamou então, correndo, a escôva mágica.

- Pronto, já cheguei, disse a escôva encantada. Que é que você quer ?

- Ah ! eu vou lhe pedir um grande favor. Você quer consertar o meu amigo, os óculos quebrados ? Eles são da vovó e ela está precisando dêles.

- Você é mesmo uma boa abelhinha, falou a escôva encantada. Vou já fazer a sua vontade.

E disse logo três vêzes a palavra mágica quaiduvivu. Na mesma hora, os óculos apareceram consertadinhos.

A abelhinha nem podia acreditar no que estava vendo: êles pareciam até uns óculos novos.

- Obregiado, abelhinha. Muito obrigado, escôva encantada, diziam pulando de alegria, os óculos da vovó. E, de mansinho, trataram logo de se arrumar no nariz de D. Júlia.

A escôva mágica foi, então, embora.

O caracol falou para a abelhinha:

- Só queria ver o que vai acontecer quando a vovó acordar. Ela há de ficar muito contente, você não acha ?

A abelhinha não respondia: estava muito distraída, olhando um

brinquedo do nenê. De repente , perguntou:

- Quem é aquêlé ali ?

- Aquêlé ? É o Xaveco, o boneco mais levado do mundo.

Ele é mesmo endiabrado, No outro dia, sabe o que ôhe fôz ? Rasgou o xale da vovó.

- Então Xaveço é um boneco mau. Ele é boneco de arame, por isso não tem juízo.

- E aquêlé ali, que é ? perguntou de nôvo a abelhinha, apontando para outro brinquedo.

- É a zêbra Zigue-zague, respondeu o caracol.

- Zigue-Zague, que nome esquisito; exclamou a abelhinha.

- É que ela é uma zêbra de mola, só sabe andar fazendo zigue - zague explicou o caracol.

A abelhinha deu uma risada.

- Psiu ! Cale a bôca, pediu o caracol. A vovó já acordou.

- Olhe, caracol. Ela nem reparou nos óculos, não é engraçado?

- É que a vovó é muito esquecida, abelhinha. Talvez nem se lembre mais de que os óculos estavam quebrados.

- Caracol, veja como a vovó está ajeitando os óculos no nariz. Ih! Ela agora se levantou. Que é que ela vai fazer?

- Sai da frente, abelhinha, gritou o caracol. Deixe D. Júlia passar !

A abelhinha deu um pulo para o lado e ficou com o coração batendo assim : tique-taque.

- Uf! que susto eu levei, disse ela. Vamos agora, caracol, ficar bem quietinhos no canto da sala.,

Lá no quarto o nenê choramingou. Vovó foi para junto da cama dele e começou a cantar baixinho : (Música de Tutu Marambaia).

Fique, bem quietinho,

Xaveco endiabrado.

Deixe o meu netinho

Dormir sossegado..

CAPÍTULO VI :

ch

lh

nh

A vovó cantou :

Fique bem quietinho,

Xaveco endiabrado.

Deixe meu netinho

Dormir sossegado.

E o nenê dormiu.

A vovó se levantou, caminhou na ponta dos pés e saiu do quarto, fechando a porta bem de mansinho, A luz ficou acesa.

A abelhinha continuou no quarto. Havia ali tantos brinquedos bonitos ! E a abelhinha estava tão curiosa!

Ela se aproximou do Xaveco. Ficou olhando para ele durante muito tempo. De repente, o Xaveco para brincar com a abelhinha, fêz assim ; encolheu-se todo ficando com a cabecinha quase encostada no chão. Depois, se esticou novamente fazendo um barulhinho engraçado.

- Quiçô.

A abelhinha achou muita graça e riu muito :

- I i i i ...

Então o Xaveco falou bem alto:

- Xa, xo, xi, xé, xú (som cs)

A abelhinha, muito espantada, disse:

- Xaveco, que é que você está falando? Não entendo nada, Xaveco.

E o Xaveco repetiu, dessa vez cantando e dando piruetas:

- cs.

A abelhinha disse mais uma vez:

- Xaveco, que é que você está dizendo? Eu não entendi nada, Xaveco.

O Xaveco deu um salto mortal e disse, sabem o que ?

- Xá, xo, xé, xi, xú ; (csá, csé, csi, cso, csu)

A abelhinha ficou zangada. Ela gostava de conversar, mas o travesso do Xaveco só fazia dizer:

- csá, csé, csi, cso, csu.

A abelhinha resolveu desistir de compreender o que o Xaveco dizia e foi procurar um novo brinquedo.

Foi então que viu uma linda harpa. Era uma harpa branquinha, pequenina, mas, coitadinha, muda. Não falava nada.

A abelhinha tentou, então, tocar com as asas mas elas eram muito fraquinhas . Tentou depois com as seis patinhas, mas elas também eram fraquinhas e as cordas da harpa nem se moveram. Mas não desistia, continuava tentando: era uma abelha muito esforçada.

De repente ouviu-se um barulhinho " cha ". A abelhinha olhou espantada e viu ... ? O caracol subindo por uma das cordas da harpa.

Quanto mais o caracol subia, mais se ouvia: cha, cha, cha, cha.

E estava orgulhoso o caracol. Virou-se para a abelhinha e disse:

- Você? Eu toco harpa muito bem. Faço " cha ". Você não vai bater palmas para mim ? Eu sou um grande artista!

A abelhinha, que era muito delicada, bateu palmas com as asinhas e também com as patinhas e até gritou :

- Bravo !

O caracol abaixava a cabeça agradecendo mas não parava de tocar: cha, cha, cha.

Foi então que o Xaveco falou:

- Caracol, o Sr. não sabe tocar harpa o que faz é imitar. Nisso realmente o sr. é um artista, é um grande imitador. Repare: nem preciso da ajuda da harpa para fazer xa. E ainda faço: xu,xi,xe,xo.

O caracol ficou muito ofendido e começou a discutir com o Xaveco. Com o barulho da discussão o nenê acordou. Não chorou. Veio engatinhando devagarinho, sem fazer nenhum barulho, até que chegou onde estava a harpa e mexeu numa das cordas. Um nhé bem forte assustou o Xaveco, assustou o caracol e assustou a abelhinha, e cada um deles tratou de se esconder.

O nenê ficou no meio do quarto com a harpa de brinquedo e, como ele era muito pequenino, muito sem juízo, e como gostava de jogar as coisas bem longe, atirou a harpa pela janela.

A abelhinha, lá no seu esconderijo, pensou:

- Vou voltar para casa. É tarde e estou cansada. A escôva mágica já deve estar pensando que me perdi.

Foi andando devagarinho em direção à porta e quando já estava saindo do quarto ouviu um barulho bem alto. Assim:

- lhi.

E ela pensou:

- Agora sim, apareceu um tocador de harpa de verdade, quem será que toca assim tão bem?

E andou o mais depressa que podia para ver: a abelhinha queria tanto conhecer o harpista!

Olhou e viu... a abelhinha nunca poderia imaginar... quem tocava sem parar lhi,lhi,lhi, era o lôbo.

E o engraçado era que ele estava acordadinho mas continuava na mesma posição em que dormira. Tocava com o corpo e olhava para a lua.

Quando a abelhinha chegou à casa contou tudo à escôva mágica. Depois disse: "Boa noite, querida escôva mágica", deitou-se e logo dormiu.

Sonhou com um chinelo mágico que voava e pertencia a um passarinho de asa partida. Com o chinelo o passarinho podia ir todas as noites para o ninho que ficava no galho de uma árvore.

Dormindo, a abelhinha chorava, Coitadinha!

(O professor poderá aproveitar para perguntar às crianças porque a abelhinha chorava).

CAPÍTULO VII :

q (chamar atenção para o g com som de j, para ss e c).

A abelhinha acordou no dia seguinte muito triste. O sonho com o passarinho de asa partida que tinha um chinelo mágico deixou-a aflita; queria ter quatro asinhas, queria voar, queria morar perto das outras abelhas iguais a eãa.

Perguntou mais uma vez à escôva mágica:

- E minhas asinhas ? Se você dissesse seis vözes por ida : " quadiduvivu " elas não nasceriam mais depressa ? Acho que três vözes é muito pouco, sabe ? é que tenho saudades das outras abelhinhas.

E a escôva mágica cantou outra vez:

Minha amiga, quatro asas

Você ainda terá:

Posso ajudar de verdade.

Espero e ainda verá.

E depois disse :

- Falta pouco, abelhinha: tenha um pouco de paciência. Olhe, abelhinha, eu sou uma escôva e gosto de ficar quieta em casa. Mas você que é abelhinha precisa distrair-se. Vá passear.

A abelhinha, porém, insistia:

- Eu gosto muito de estar com você, escôva mágica. Você é boa, você me protege e é muito macia; até parece que durmo em colchão de molas, tão macia você é. Mas eu preciso estar com as outras abelhinhas.

Então a escôva mágica disse:

- Está bem, abelhinha. Vá visitar seus amiguinhos e diga adeus a eles, porque esta noite você ganhará as suas asinhas.

A abelhinha agradeceu e, depois, saiu contente pensando:

- Vou visitar os meus amiguinhos mas não vou me despedir deles; com minhas quatro asas poderei vê-los todos os dias.

Visitou os óculos, mas eles estavam muito ocupados ajudando a vovó a ler uma história e quase não deram atenção à abelhinha. Mas como a abelha estava na casa da vovó, aproveitou para ver o nenê, o Xaveco, a zêbra e a harpa.

E teve uma surpresa tão agradável! Lá estava, também, o urso de pano.

A abelhinha perguntou ao urso:

- Você mora aqui ? Mora mesmo ? De verdade ? Dorme aqui ? Tem cama ?

O urso rindo, disse que morava e convidou a abelhinha para ver uma coisa engraçada.

Foram à cozinha e lá, viram um queijo preso na ponta de um pau.

O urso não falou com o queijo. Ficou mudo, mas não foi por medo; é que ele sabia que o queijo não ouve, nem fala, é para comer.

A abelhinha perguntou:

Por que pusera o queijo tão alto assim ?

O urso deu um sorriso que valia por um " não sou formidável ?

Depois explicou :

- Idéia minha ! O rato vinha, comia todo o queijo e não sobrava nada para nós. Agora não! Ninguém pode comer sem a vovó dar.

Conversaram muito e depois a abelhinha, foi embora.

Na volta encontrou a dália e agradeceu:

- Obrigada, dália, por me ter escondido uma vez.

Viu o lobo e elogiou:

- Seu lobo, gostei de ouvir o senhor tocando harpa. Quando terei o prazer de ouvi-lo novamente ?

E o lobo respondeu contente:

- Diga o seu nome bem alto, abelhinha, e você pensará estar me ouvindo tocar harpa.

Nisso ouviu uma vozinha, fraca chamando:

- Abelhinha, abelhinha !

Era o vagalume que logo disse:

- Sabe, a minhoca que me ajudou mora perto daqui. Vou apresentá-la a você.

E apresentou mesmo. Disse:

- Abelhinha, essa é D. Minhoca a quem devo a vida.

- D. Minhoca, a abelhinha é muito amiga da escóva mágica que me ensinou o caminho para a casa da vovó.

A abelhinha viu ainda a pipa voando perto da torre da igreja e pensou:

- Amanhã darei um passeio lá no alto, perto da pipa, mas voando com minhas quatro asas. Depois de voar, voar, voar, descansarei um pouco ali, bem no alto da torre.

E vocês não podem imaginar a alegria da abelhinha; parecia que ia estourar que nem um balão de tão feliz !

Viu ainda o gato Golias correndo atrás do rato Rique-Roque, mas o gato corria atrás do rato e nenhum viu a abelhinha.

(Se o professor achar conveniente chamar atenção para o r brando e os dois r - substituir essa frase pelo trecho a seguir:)

- Viu o gato Golias dormindo junto à porta da igreja. A abelhinha estava pensando se devia acordá-lo para conversar quando ouviu um rr. Era Rique-Roque e outro ratinho ronronando bem forte no ouvido do Golias.

- Não faça isso, Rique-Roque, disse a abelhinha.

O Golias fica zangado.

Rique-Roque respondeu:

O urso não falou com o queijo. Ficou mudo, mas não foi por medo; é que ele sabia que o queijo não ouve, nem fala, é para comer.

A abelhinha perguntou:

Por que pusera o queijo tão alto assim ?

O urso deu um sorriso que valia por um " não sou formidável ?

Depois explicou :

- Idéia minha ! O rato vinha, comia todo o queijo e não sobrava nada para nós. Agora não! Ninguém pode comer sem a vovó dar.

Conversaram muito e depois a abelhinha, foi embora.

Na volta encontrou a dália e agradeceu:

- Obrigada, dália, por me ter escondido uma vez.

Viu o lobo e elogiou:

- Seu lobo, gostei de ouvir o senhor tocando harpa. Quando terei o prazer de ouvi-lo novamente ?

E o lobo respondeu contente:

- Diga o seu nome bem alto, abelhinha, e você pensará estar me ouvindo tocar harpa.

Nisso ouviu uma vozinha, fraca chamando:

- Abelhinha, abelhinha !

Era o vagalume que logo disse:

- Sabe, a minhoca que me ajudou mora perto daqui. Vou apresentá-la a você.

E apresentou mesmo. Disse:

- Abelhinha, essa é D. Minhoca a quem devo a vida.

- D. Minhoca, a abelhinha é muito amiga da escôva mágica que me ensinou o caminho para a casa da vovó.

A abelhinha viu ainda a pipa voando perto da torre da igreja e pensou:

- Amanhã darei um passeio lá no alto, perto da pipa, mas voando com minhas quatro asas. Depois de voar, voar, voar, descansarei um pouco ali, bem no alto da torre.

E vocês não podem imaginar a alegria da abelhinha; parecia que ia estourar que nem um balão de tão feliz !

Viu ainda o gato Golias correndo atrás do rato Rique-Roque, mas o gato corria atrás do rato e nenhum viu a abelhinha.

(Se o professor achar conveniente chamar atenção para o r brando e os dois r - substituir essa frase pelo trecho a seguir:)

- Viu o gato Golias dormindo junto à porta da igreja. A abelhinha estava pensando se devia acordá-lo para conversar quando ouviu um rr. Era Rique-Roque e outro ratinho ronronando bem forte no ouvido do Golias.

- Não faça isso, Rique-Roque, disse a abelhinha.

O Golias fica zangado.

Rique-Roque respondeu:

- Que esperança ! Ele nem acorda. Até a semana passada bastava eu fazer assim " r " (bem fraco) e ele acordava, me perseguia e não conseguia me pegar. Era divertido. Mas na semana passada apanhou um resfriado muito forte e não está escutando bem. Eu e o meu amigo Reco-Reco... É verdade, eu ainda não o apresentei a você, abelhinha.

E o Rique-Roque fêz-me reverência e apresentou:

- Abelhinha, apresento-lhe o Reco-Reco; Reco-Reco, a abelhinha é uma amiga muito querida.

- Muito prazer, disse a abelhinha a Reco-Reco.

- O prazer é meu, respondeu o Reco-Reco à abelhinha.

- O dia está lindo, não ? perguntou a abelhinha.

E o Rique-Roque falou:

- É verdade. Mas nada temos para fazer. Antes brincávamos com o Golias. Agora, nada. Golias vive formindo e por mais que eu e o Reco façamos juntos " r r " não acorda. É de desanimar.

A abelhinha pensou no Golias e achou que o Rique-Roque era um pouco egoísta, mas não disse nada. Despediu-se delicadamente e afastou-se. Foi então que ouviu o sapo cantar.

- Eu tenho voz bonita e faço s ...

Às vezes fico tímido e sai s ...

Chamo então minha esposa e juntos cantamos ss...

Viu ainda o jacaré dentro da lagoa com alguns filhotes. Nas costas de dois dos filhotes iam dois gatinhos que pareciam se divertir a valer.

Mas como a abelhinha não conhecia nem o sapo nem o jacaré foi passando sem parar. Não deixou de cumprimentar com a cabeça, pois a abelhinha é muito educada.

Vinha chegando o caracol que deu um grande abraço na abelhinha. Os dois se beijaram no rosto como bons amigos e depois cada um seguiu seu caminho.

A abelhinha ainda ouviu o jacaré chamar o caracol e perguntar:

- É verdade que o sapo agora é seu amigo? Que ele não come mais caracóis ?

A abelhinha não ouviu a resposta e ficou curiosa, quando chegou perto da escóva mágica perguntou:

- É verdade que o sapo não come mais caracóis ?

E a escóva mágica respondeu:

- É que o caracol resolveu criar uns orfãozinhos como filhos, e êsses orfãozinhos são parentes afastados do sapo.

O sapo então ficou contente com o caracol e não o come mais.

Depois a escôva mágica disse:

- Abelhinha, seu desejo será atendido.

- Disse, " quadiduvivu " uma só vez e nasceram as duas asinhas que faltavam.

A abelha voou feliz e foi procurar as outras abelhinhas. Mas tôdas as noites volta, diz : " boa noite, querida escôva mágica " e vai dormir.

É que ela gosta muito da amiguinha.

São inseparáveis a abelhinha e a escôva mágica.

A P R E S E N T A Ç Ã O

O Centro Regional de Pesquisas Educacionais do Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos convidou a Superintendência do Ensino da Secretaria Municipal de Educação e Cultura da Prefeitura de Porto Alegre, Estado do Rio Grande do Sul para, através de suas Escolas, participar de uma experiência, tendo em vista um melhor aproveitamento dos alunos de classes de alfabetização.

Interessada na realização do trabalho, após os entendimentos necessários com o referido Centro, a Superintendência convidou uma professora de cada Escola Municipal que voluntariamente desejasse realizar essa experiência, formando-se, então, uma equipe de professoras e Supervisoras que, a partir de setembro de 1964, passou a se reunir quinzenalmente sob a orientação da professora Graciema Pacheco, diretora do Departamento de Estudos e Pesquisas Especializados.

Essas reuniões tiveram o objetivo de preparar o professor para uma observação mais intensa dos seus alunos, para a coleta de dados e para o estudo das possibilidades de uma modificação planejada em nossos sistemas de alfabetização, tendo em vista as vivências próprias e características do aluno de Vila Popular.

Foi também objeto de estudo a experiência em alfabetização segundo o método global natural italiano que a Escola Guatemala-Guanabara realizava com êxito.

A Superintendência do Ensino Municipal enviou à Guanabara a professora Judith Therezinha Rossi, assistente de ensino, que observou o trabalho que vinha sendo desenvolvido.

Ao retornar, a professora trouxe farto material gentilmente oferecido pela professora Almira Brasil, Diretora da Escola, o que possibilitou maior contato com o método.

Feito o estudo, foi realizada a experiência junto às classes de alfabetização das Escolas Municipais no ano de 1965, do qual apresentamos o seguinte relatório.



ITEIRÃ CUNHA
SUPERINTENDENTE DO ENSINO MUNICIPAL
S. M. E. C.

PESQUISA EM AÇÃO SOBRE O ENSINO INICIAL DA LEITURA

I PARTE :

1. Apresentação da pesquisa em geral, da parte já realizada, da etapa futura.
2. Realização de 1964 - programa desenvolvido.
3. Realização de 1965 .

II PARTE :

Demonstrativos com respeito a :

1. Comunidades em que situam as escolas abrangidas pela pesquisa.
2. Caracterização das escolas através de sua organização docente (nº e nível das classes), dos dados sobre promoção e frequência, e outros (matrícula e evasão).
3. Perfil das classes através do seu efetivo, dados sobre os alunos e suas famílias, estudos sobre os mesmos. Dias letivos e tempo dedicado às atividades da leitura.
4. Os professores que participam da pesquisa (escolha, qualificações, atendimentos, etc,...).

III PARTE :

Evolução da experiência nas classes :

1. A fase de acolhimento : objetivo e realizações.
2. Primeira etapa de introdução do contexto da leitura (três primeiros capítulos da estória).
3. Segunda etapa, até as férias de julho ou apresentação de alfabetário.
4. Etapa de consolidação.
5. Etapa de generalização.

IV PARTE :

Os resultados através :

1. Escalas de classificação. 3 níveis, total e percentagem.
Os resultados foram verificados através das constantes em anexo.
2. Provas .
3. Observação das professoras.
4. Estudos comparativos.
5. Atendimentos especiais (Olga Machado)

V PARTE :

Materiais e recursos, incluindo:

1. Textos básicos sôbre o método.
2. Observações recolhidas na Escola Guatemala.
3. Material preparado no C.R.P.E. e S.M.E.C.
4. Contribuições trazidas pelas professoras.
5. Material escolar fornecido pelo Centro.
6. Material preparado pelas professoras.

VI PARTE :

Documentário :

1. Relatório das professoras.
2. Material do aluno (comprovante).

.....

RELATÓRIO DA PESQUISA EM AÇÃO VISANDO A ACCELERAR O PROCESSO DA ALFABETIZAÇÃO AO NÍVEL DO PRIMEIRO ANO PRIMÁRIO .

APRESENTAÇÃO :

Os levantamentos junto às classes do primeiro ano primário com respeito à leitura, a que a Divisão vem procedendo desde 1960, trouxeram indicações sobre a variação de fenômeno em estudo, no caso, o rendimento na aprendizagem da leitura, em função de três contextos sócio-escolares, supostamente tomados como representativos - dos níveis superior, médio e inferior, dentro do grupo das nossas - escolas públicas primárias.

Pelo relatório a ser apresentado, ver-se-á a conveniência de levar adiante esse trabalho em duas direções principais que se coordenam organicamente.

1ª - Verificação da hipótese básica de uma relação global entre fatores sócio-econômicos e psico-escolares de um lado e de outro o rendimento na aprendizagem da leitura, através de estudos comparativos que acrescentem novos quadros de conjunto.

O interesse é chegar a uma visão compreensiva, justificada na precedência das aproximações dos fatos em exame, capaz de orientar, com objetividade e discriminação, programas sistemáticos de atendimento administrativo e pedagógico.

2ª - Revisão dos instrumentos de sondagem para fazê-los mais completos e sensíveis e, também, mais seguros e econômicos, implicando no preparo de :

questionários, para levantamentos em entrevistas;

escalas, graduadas e diferenciadas, para verificação de rendimento na leitura (com propriedade de conteúdo e da apresentação, quanto ao sexo, idade, meio lingüístico, experiência social e cultural dos alunos).

quadros de referências, para caracterização do método de ensino de leitura das relações sociais na classe e no grupo docente e administrativo, das relações da escola com o meio próximo, etc.....

Experimentação ao vivo dos princípios de referência já sistematizados em trabalho anterior da Divisão, numa tentativa de conseguir a aceleração do processo de alfabetização e calcular, assim, os efeitos modificados das variáveis manejadas numa prespecção temporal e no contexto de outras variáveis significativas no caso.

CAMPO :

Atendendo à conveniência de abranger todo um organismo escolar, previu-se como área fonte dos dados e das situações para estudo e prática operacional, na forma de pesquisa em ação, o conjunto das onze escolas da Municipalidade de Porto Alegre. De fato, somente nove escolas estiveram representadas na Pesquisa. De outra parte, foi o sistema educacional anexado de mais uma unidade, constituindo, por conseguinte, a amostra, apenas três quartos e não a totalidade do sistema como se pensara inicialmente.

ETAPAS :

A etapa desenvolvida em 1965, aqui relatada em termos gerais, preparou a consolidação da experiência a ser obtida através de novas-realizações em 1966. No decorrer desse ano, deverão ser recolhidos elementos suficientes para levar o projeto até o nível de sua interpretação crítica.

Foi ela precedida de atividades preparatórias, com o grupo executivo, constituído pelas professoras e supervisoras das escolas do Município, que se desenvolveram de setembro a dezembro de 1964, envolvendo :

a) levantamento dos perfis sócio-pedagógicos das respectivas escolas e classes;

b) discussão de aspectos significativos das respectivas situações docentes com vistas à identificação de problemas para investigação sistemática;

c) estudo e aplicação de instrumentos de sondagem psicopedagógica bem como de (e em) recursos para documentação de observação e trabalhos com os alunos, e no meio escolar e social;

d) atualização no que se refere ao que é moderno quanto ao problema da alfabetização, e , em particular, quanto ao processo da aprendizagem da leitura na fase e situação que apareceriam na pesquisa;

e) desenvolvimento do grupo para as relações interpessoais de trabalho.

Continuando o acompanhamento dos professores das classes de alfabetização em 9 (nove) escolas municipais de Porto Alegre, foram efetivados os trabalhos que seguem :

- reunião semanal de duas horas com o grupo, para comunicação sobre as experiências desenvolvidas na etapa anterior, e análise em conjunto do material documentário correspondente ;
- discussão de princípio e tecnologia a partir dos dados de observação recolhidos na sala de aula ou apresentado pelas professoras ;
- planejamento e preparo da etapa seguinte, segundo as características de cada situação experimental, com a indicação de normas de ação adequadas a cada uma delas e, bem assim, dos recursos e materiais didáticos a serem utilizados;
- observações diretas do trabalho de leitura nas salas de aula seguidas de entrevistas com o professor, no objetivo de aproveitar a vantagem da proximidade da experiência vivida em comum para uma análise, em maior profundidade, da interação ensino-aprendizagem. Cada uma das classes foi assistida de duas em duas semanas, totalizando 75 horas de presença no campo dos elementos de direção de pesquisa;
- demonstração de estratégias pedagógicas de mais difícil assimilação por parte das professoras ou novas parcelas e cooparticipação nos trabalhos de classe para atendimentos especiais aos alunos;
- levantamento das manifestações ou respostas dos alunos em situações significativas na sala de aula, para levar o professor a aprofundar suas compreensões a partir da matéria de sua própria vivência.

A sistematização e interpretação dos dados sobre as professoras e os alunos das classes experimentais, levou, complementarmente , a indagações junto:

- ao Departamento Municipal da Casa Popular para configuração do meio ambiente próximo de que procedem os alunos;
- aos Serviços Especializados da Secretaria Municipal de Educação e Cultura, para especificar as características do contexto escolar das classes em observação;
- aos Serviços de Documentação das escolas envolvidas no estudo.

C O M U N I D A D E S

As Comunidades onde estão localizadas 7 das Escolas que realizaram a experiência classificam-se como do tipo marginal em virtude de suas características e relações sócio-econômicas. São elas :

Vila Dona Teodora,
Vila Santa Luzia,
Vila Santo Agostinho,
Vila Nossa Senhora de Fátima,
Vila Conceição,
Vila Cristal e
Vila Padre Cacique.

Nas comunidades de Sarandi e Passo das Pedras que já são consideradas Vilas Operárias, estão localizadas 2 das Escolas relacionadas na experiência.

O número de pessoas residentes em cada vila varia de 7.000 a 1.500 pessoas, sendo a média de pessoas por família , 5.

A maioria das famílias são procedentes do interior do Estado e seus filhos são, em geral, menores.

As receitas familiares variam de Cr\$ 15.000 a Cr\$ 150.000 com maior incidência no salário de Cr\$ 60.000.

As ocupações dominantes dos residentes dessas vilas segundo-uma versão modificada da hierarquia de prestígio, utilizada por Bertram Hutchinsen, são manuais não especializadas.

A percentagem de adultos analfabetos varia de 19 a 26%.

Os dados acima apresentados foram colhidos de " LEVANTAMENTO SÓCIO-ECONÔMICO DAS VILAS MARGINAIS DE PORTO ALEGRE- 1964" - realizado pelo Departamento Municipal da Casa Popular.

Das famílias representadas nas classes experimentais, as condições sócio-econômicas gerais são as mesmas.

.....

E S C O L A S

As Escolas Municipais de Pôrto Alegre são em número de 12.
Foram envolvidas na pesquisa 3/4 destas unidades de ensino.

As Escolas Municipais recebem a seguinte assistência técnico-pedagógica:

- Uma Supervisora de Ensino para cada três escolas, proporcionando o seguinte atendimento:
 - visitas semanais às escolas para observação de aula e entrevistas com as professoras;
 - reuniões periódicas com as professoras de classes - paralelas;
 - reunião geral em cada mês.
- Uma Coordenadora de Práticas - Educativas para tôdas as Escolas:
 - visitas periódicas às Escolas.
- Uma Coordenadora de Recreação (Educação Física) :
 - visitas periódicas às Escolas;
 - encontros mensais de professores de recreação.
- Uma Coordenadora da Merenda Escolar:
 - visitas periódicas às Escolas para supervisão da confecção, distribuição da merenda e material;
 - participação nas reuniões de Diretoras.
- Atendimento ao Excepcional:
 - Equipe: 1 coordenadora geral,
 - 1 psicóloga
 - 1 supervisora
 - 1 médico psiquiatra
- Oportunidades especiais :
 - Seminário de estudos - duração: 1 semana:
12 a 20 de julho.
Programação:
 - Encontro de 2 dias para estudo - professores de 1º^ª anos.
 - Conferências.

Os nomes das Escolas Municipais envolvidas na pesquisa bem como dados sobre matrículas geral e real, número de classes, total de professores, número de turnos e salas de aula, poderão ser verificadas no quadro a seguir:

Nº	NOME DA ESCOLA	MATRÍCULA		NÚMERO DE CLASSES						TOTAL de PROFESSORES	Nº de TURNOS	Nº de SALAS
		GERAL	REAL	1ª	2ª	3ª	4ª	5ª	TOTAL			
1.	Afonso Guerreiro Lima	721	515	10	5	4	3	2	24	41	3	8
2.	Alberto Macqualini	500	325	8	2	3	2	1	16	31	4	4
3.	Décio Martins Costa	377	348	5	3	2	1	1	12	17	3	4
4.	Dolores A. Caldas	1020	754	14	8	4	3	2	31	31	3	11
5.	José Loureiro Silva	551	415	10	4	4	3	1	22	32	4	6
6.	Liberato S.V. da Cunha	1043	851	10	7	6	5	2	30	52	2	16
7.	Nº.50.de Fátima	564	389	10	4	3	1	1	19	32	3	8
8.	Pepita de Leão	566	485	9	3	4	3	1	20	29	2	10
9.	Villa Lobos	255	265	5	2	1	1	1	10	17	2	5

RENDIMENTO DA APRENDIZAGEM NAS ESCOLAS MUNICIPAIS NO ANO DE
1 9 6 5

Resultados gerais , incluindo as 12 escolas de Sistema Municipal de Ensino :

1º ano - 41%

2º ano - 66%

3º ano - 66%

4º ano - 62%

5º ano - 77%

C L A S S E S

As classes que participaram da experiência, com apenas uma exceção - 2º DM - foram constituídas de alunos que pela primeira vez frequentaram a Escola , de 7 a 9 anos, não selecionados e em número de 25 a 35.

Na totalidade , pertencem a famílias em precaríssimas condições sócio-econômico-culturais.

O número de dias letivos foi 179 e o tempo diário dedicado às atividades da leitura nas classes experimentais foi, em média, de duas horas.

P R O F E S S O R E S

O Centro Regional de Pesquisas Educacionais, através da Superintendência do Ensino Municipal, convidou os professores de classes de 1º ano para participarem da experiência em alfabetização. Diversos atenderam ao convite, sendo que, após as primeiras reuniões de estudos, nove se decidiram pela realização do trabalho propriamente dito.

Dêstes professores , oito são normalistas de 2º ciclo e um não completou o curso.

O tempo de exercício no magistério varia de 1 a 10 anos.

.....

EVOLUÇÃO DA EXPERIÊNCIA NAS CLASSES.

I N F O R M A Ç Õ E S I N I C I A I S .

O método de alfabetização escolhido pelo grupo de professoras foi o global natural, iniciado na Itália pelos professores Georgio-Gabrielli, Aldo Agazzi, Nerina Gaiba e Vera C. Gaiba.

Este método está em uso na Escola Guatemala da Guanabara, desde 1964. A notícia do êxito desse trabalho chegou ao conhecimento de C.R.P.E. - R.G.S. através da professora gaúcha, residente no Rio de Janeiro - Helena Pacheco D'Avila - que enviou os primeiros textos descritivos do método, bem como o relato de observações colhidas nas salas de aula e material didático utilizados na Escola Guatemala no decorrer do ano de 1965, que foram objeto de consulta e estudo constante do grupo de professoras que realizou a experiência.

A fundamentação do método na psicologia, (processos perceptivo: síncrese- análise- síntese) e desenvolvimento da observação - reflexão- expressão - a condução do aluno à redescoberta da relação entre imagem - sem - símbolo, a possibilidade do aluno avançar seguindo suas próprias forças, e desenvolvimento de espírito de iniciativa e colaboração, a maior rapidez na aprendizagem da leitura e da escrita, constituíram algumas das características que levou o grupo ao desejo de aplicar o método em questão.

As professoras Graciema Pacheco e Judith Therezinha Rossi tiveram oportunidade de realizar observações e entrevistas na Escola - Guatemala em diferentes períodos.

Na Escola Guatemala o método foi aplicado através de uma estória dividida em capítulos, escrita pelos professores, que encerram todas as dificuldades a serem vencidas na alfabetização.

Esta estória foi testada pelo C.B.P.E.

Com o consentimento da referida escola, a experiência aqui - em realização, utilizou como um dos materiais básicos, a mesma estória.

F A S E D E A C O L H I M E N T O

A maioria das classes realizou, antes do contato inicial com seus alunos, uma reunião cordial com os pais para mútuo conhecimento, observações, coleta de informações sôbre as crianças e também para a comunicação da experiência em vista e seus altos objetivos.

Em contato com os alunos, a preocupação inicial dos professores das classes experimentais foi tornar a criança feliz na escola , procurando levá-la a um perfeito ajustamento social e emocional através de variadas atividades de integração.

A iniciativa pessoal, e enriquecimento de vocabulário, e aprimoramento da discriminação auditiva, as capacidades de observação e atenção e a formação de hábitos de ordem, foram aspectos que mereceram especial cuidado dos professores desde o início dos trabalhos.

Após um período de mais ou menos um mês de aula, foram aplicados e estudados os resultados dos testes: ABC, Raven, da Figura Humana (Goodenough) e da Família.

Os casos especiais mereceram atendimento adequado do professor que recebeu orientação da professora Olga Machado.

E T A P A S

Após a fase de acolhimento, a experiência prosseguiu dentro de uma etapa inicial de introdução ao contexto da leitura em que foram apresentados os três primeiros capítulos da estória, um após outro.

A apresentação de cada capítulo envolveu exercícios de interpretação, dramatização, desenho, levando os alunos à associação - imagem - sem - símbolo.

Feita a verificação dessa primeira etapa, o trabalho continuou com a apresentação - em julho - de " ALFABETÁRIO ".

Seguiu-se uma etapa de consolidação, intensificando-se os exercícios de análise e síntese.

Numa última etapa - generalização - os progressos se fizeram, sentir na leitura de novas palavras, pequenos pensamentos até a leitura e composição de textos.

.....

RESULTADOS :

Os resultados foram verificados através das provas constantes em anexo.

QUADRO DEMONSTRATIVO DO RENDIMENTO DA APRENDIZAGEM NAS DIVERSAS CLASSES QUE PARTICIPARAM DA EXPERIÊNCIA:

GRUPO	Nº DE PESSOAS	MATRICULA		CLASSIF. DE TURMAS	RENDIMENTO			RENDIMENTO DA PROPª. NO ANO ANTERIOR
		GERAL	REAL		NÍVEL-%			
					1º	2º	3º	
A	7	31	22	1ª A ⁸⁻¹⁸	73	22	5	60% - 1º ano
	8	27	23	1ª A	78	22	-	56% - 1º ano
	9	28	25	1ª A ¹¹	80	20	-	56% - 1º ano
B	1	22	19	1ª A ¹⁸⁻²⁰	72	23	5	-
	3	34	29	1ª A ⁷⁻¹⁷	47	53	-	-
	5	31	28	2ª DM	54	35	11	-
	6	30	29	1ª A	53	33	14	42% - 1º ano A
C	2	23	20	1ª A	20	70	10	14% classe excepcional
	4	28	26	1ª A	20	65	15	-

Nota:

GRUPO - As classes foram agrupadas em A, B, C, de acordo com a comparecimento e atendimento do professor às diretrizes de método no desenvolvimento de trabalho de classe.

NÍVEL - A percentagem de 1º nível se refere a alunos completamente alfabetizados.-2º nível: alunos quase alfabetizados. Necessitariam ainda um ou dois meses de aula.-3º nível: Estes alunos apesar de terem apresentado algum progresso em diversas áreas, necessitam um atendimento prolongado para completarem a alfabetização.

C O N C L U S Ã O - 1 9 6 5

O relatório apresentado, demonstrou a necessidade de prosseguimento da experiência.

A responsabilidade com que os professores se dedicaram à alfabetização dessas classes e o desejo de melhorar o próprio trabalho leva a crer num êxito ainda maior de que o presente.

Através do método adotado, as crianças lêem mais rapidamente e interpretam com maior segurança. O seu desenvolvimento harmonioso e natural despertou grande interesse em todo o corpo docente das diversas escolas municipais e é bastante significativo o número de professores que deseja, no ano de - 1966, participar da experiência coordenada pelo C.R.P.E.

.....

Levantamento

sócio - econômico

... LEVANTAMENTO SÓCIO - ECONÔMICO... #ILAS MARGINAIS

DMCP - SAS - Levantamento Universal - 1964.

Dezembro de 1964.

ÍNDICE :

- VILA SANTA LUZIA

- VILA CRISTAL

- VILA DONA TEODORA

- VILA VARGAS

Nota : No decorrer do trabalho,
onde se encontra : " Vi-
la Santa Clara " deverá
ser lido :
" Vila VARGAS "

LEVANTAMENTO SÓCIO - ECONÔMICO

VILA SANTA LUZIA

Dezembro de 1964.

I - DISTRIBUIÇÃO DAS FAMÍLIAS EM RELAÇÃO AO NÚMERO DE PESSOAS.

NÚMERO DE PESSOAS POR FAMÍLIA	NÚMERO DE FAMÍLIAS	TOTAL DE PESSOAS
1	73	73
2	163	326
3	223	669
4	227	908
5	180	900
6	162	972
7	100	700
8	89	712
9	30	270
10.....	30	300
11.....	19	209
12.....	8	96
13.....	4	52
14.....	3	42
15.....	4	60
16.....	1	16
17.....	3	51
18.....	6	-
19.....	-	-
20.....	1	20
T O T A L	1.320	6.376

Fonte : DMCP - SAS - Levantamento Universal - 1964.

Média de pessoas por família : 5

II - DISTRIBUIÇÃO DAS FAMÍLIAS EM RELAÇÃO AOS FILHOS

1. Famílias com filhos e sem filhos

ESPECIFICAÇÃO	NÚMERO DE FAMÍLIAS	%
Famílias com filhos	1.087	70,1
Famílias sem filhos	233	14,9
Não declarados	234	15,0
T O T A L	1.554	100,0

2. Número de filhos por família

NÚMERO DE FILHOS POR FAMÍLIAS	NÚMERO DE FAMÍLIAS	%
1.	227	17,2
2.	238	18,0
3.	178	13,5
4.	171	13,0
5.	104	7,9
6.	64	4,8
7.	40	3,0
8.	22	1,7
9.	20	1,5
10.	7	0,5
11.	6	0,4
12.	1	0,1
13.	4	0,3
14.	1	0,1
15.	2	0,2
16.	1	0,1
17.	-	-
18.	-	-
19.	1	0,1
Sem filhos	233	17,6
T O T A L	1.320	100,0

Fonte : DMCP - SAS - Levantamento Universal - 1964

Média de filhos por família : 3

3. Distribuição dos filhos por idade.

ESPECIFICAÇÃO	NÚMERO DE FILHOS	%
Até 6 anos	1.537	41,1
7 a 18 anos	1.620	43,3
Maiores de 18 anos	538	15,6
T O T A L	3.740	100,0

Fonte : DMCP - SAS - Levantamento Universal - 1964.

4. Crianças em idade escolar.

ESPECIFICAÇÃO	NÚMERO DE FILHOS	%
Frequentes à escola	1.023	87,7
Não frequentes à escola..	143	12,3
T O T A L	1.166	100,0

Fonte : DMCP - SAS - Levantamento Universal - 1964

5. Distribuição dos dependentes por idade.

ESPECIFICAÇÃO	NÚMERO DE DEPENDENTES	%
Até 6 anos	69	20,8
7 a 18 anos	90	27,1
Maiores de 18 anos	173	52,1
T O T A L	332	100,0

Fonte : DMCP - SAS - Levantamento Universal - 1964

III - DISTRIBUIÇÃO DAS FAMÍLIAS EM RELAÇÃO À SUA CONSTITUIÇÃO

1 . Estado Civil

ESPECIFICAÇÃO	NÚMERO DE FAMÍLIAS	%
Casal legal	833	53,6
Casal ilegal	151	9,7
Solteiros	128	8,3
Separados	52	3,4
Viúvos	156	10,0
Não declarados	234	15,0
T O T A L .	1.554	100,00

Fonte : DMCP - SAS - Levantamento Universal - 1964

2. Famílias com um só chefe

ESPECIFICAÇÃO	NÚMERO DE FAMÍLIAS	%
Chefe feminino com filhos	176	52,4
Chefe masculino com filhos	59	17,5
Só uma pessoa femin..	60	17,5
Só uma pessoa masc...	41	12,2
T O T A L	336	100,0

Fonte : DMCP - SAS - Levantamento Universal - 1964

IV - DISTRIBUIÇÃO DAS FAMÍLIAS EM RELAÇÃO À IDADE DOS CHEFES

IDADE	NÚMERO DE CHEFES	%
Até 20 anos	23	1,5
21 a 30 anos	331	21,3
31 a 40 anos	429	27,6
41 a 50 anos	276	17,8
51 a 60 anos	157	10,1
61 a 70 anos	80	5,2
71 a 80 anos	15	1,0
Mais de 80 anos	5	0,3
Não especificados ...	4	0,2
Não declarados	234	15,0
T O T A L .	1.554	100,0

V - DISTRIBUIÇÃO DAS FAMÍLIAS QUANTO À SUA ORIGEM

1. Origem das famílias

ESPECIFICAÇÃO	NÚMERO DE FAMÍLIAS	%
Pôrto Alegre	235	15,2
Interior	914	58,9
Outros Estados	154	9,9
Outros Países	4	0,2
Não especificados ...	13	0,8
Não declarados	234	15,0
T O T A L .	1.554	100,0

Fonte : DMCP - SAS - Levantamento Universal - 1964

2. Tempo de permanência na Capital

ESPECIFICAÇÃO	NÚMERO DE FAMÍLIAS	%
Até 3 anos	115	8,7
4 a 6 anos	129	9,8
7 a 9 anos	122	9,3
10 a 12 anos	205	15,5
13 a 15 anos	146	11,1
16 a 18 anos	71	5,4
19 a 21 anos	116	8,8
Mais de 21 anos	131	9,9
Não especificados ...	50	3,8
Não declarados	234	17,7
T O T A L .	1.319	100,0

Fonte : DMCP - SAS - LEVANTAMENTO UNIVERSAL 1964

VI- DISTRIBUIÇÃO DAS FAMÍLIAS NA VILA CONFORME MOTIVO DE PROCEDÊNCIA

1. Motivo declarado .

ESPECIFICAÇÃO	NÚMERO DE FAMÍLIAS	%
Aluguel elevado	256	16,5
Compra da casa	57	3,7
Conveniência	108	6,9
Desempregado	27	1,7
Falta de recursos	528	34,0
Por doença	28	1,8
Proximidade de parentes	14	0,9
Proximidade do trab. ..	78	5,0
Remoção	63	4,1
Não especificados	161	10,4
Não declarados	234	15,0
T O T A L .	1.554	100,0

2. Tempo de permanência na Vila

ESPECIFICAÇÃO	NÚMERO DE FAMÍLIA	%
Até 3 anos	406	26,2
4 a 6 anos	252	16,2
7 a 9 anos	176	11,3
10 a 12 anos	178	11,5
13 a 15 anos	136	8,8
16 a 18 anos	64	4,1
19 a 21 anos	34	2,2
Mais de 21 anos	16	1,0
Não especificados	58	3,7
Não declarados	234	15,0
T O T A L .	1.554	100,0

Fonte : DMCP -SAS - Levantamento Universal 1964

VII - SITUAÇÃO ECONÔMICA

1 . Distribuição das famílias em relação à receita

ESPECIFICAÇÃO	NÚMERO DE FAMÍLIAS	%
Até 15,000	96	6,2
15.000 a 30.000	152	9,8
30.000 a 45.000	465	29,9
45.000 a 60.000	244	15,7
60.000 a 75.000	101	6,5
75.000 a 90.000	160	10,3
90.000 a 105.000	-	-
105.000 a 120.000	-	-
120.000 a 135.000	-	-
135.000 a 150.000	-	-
Acima de 150.000	-	-
Não especificados	102	6,6
Sem receita	-	-
Não declarados	234	15,0
T O T A L .	1.554	100,0

Fonte : DMCP- SAS - Levantamento Universal - 1964 .

2. Distribuição das famílias quanto à ocupação.

OCUPAÇÃO	NÚMERO DE PESSOAS	%
Biscateiro	86	6,4
Carpinteiro	27	2,0
Comerciante	43	3,2
Comerciário	30	2,2
Costureira	4	0,3
Domésticas	287	21,2
Estivador	36	2,7
Funcionário Público ..	82	6,1
Marcineiro	3	0,2
Mecânico	11	0,8
Militar.....	23	1,7
Motorista	19	1,4
Operário	573	42,3
Pedreiro	129	9,5
TOTAL ...	1.353	100,0

Fonte - DMCP - SAS - Levantamento Universal - 1964 .

3. Distribuição das pessoas sem atividade profissional .

ESPECIFICAÇÃO	NÚMERO DE PESSOAS	%
Auxílio - doença	63	49,6
Aposentado	23	18,1
Pensionista	14	11,0
Desempregado	27	21,3
T O T A L .	127	100,0

Fonte : DMCP - SAS - Levantamento Universal - 1964.

VIII- SITUAÇÃO DOS CHEFES DE FAMÍLIA QUANTO À PREVIDÊNCIA SOCIAL.

ESPECIFICAÇÃO	NÚMERO DE CHEFES	%
Famílias com direito à Previdência Social....	634	40,8
Famílias sem direito à Previdência Social....	686	44,2
Não declarados	234	15,0
T O T A L .	1.554	100,0

Fonte : DMCP - SAS - Levantamento Universal - 1964.

IX - CONDIÇÕES DE HABITAÇÃO

1. Situação de moradia .

ESPECIFICAÇÃO	NÚMERO DE MORADIAS	%
Própria	1.289	83,0
Cedida	23	1,5
Alugada	8	0,5
Não declarados	234	15,0
T O T A L	1.554	100,0

Fonte - DMCP - SAS - Levantamento Universal - 1964 .

2. Tipo de construção .

ESPECIFICAÇÃO	Número de casas	%
Alvenaria	-	-
Madeira	1.318	84,9
Mista	2	0,1
Não declarados	234	15,0
T O T A L	1.554	100,0

Fonte : DMCP -SAS - Levantamento Universal - 1964.

3 . Estado das casas.

ESPECIFICAÇÃO	NÚMERO DE CASAS	%
Bom	378	24,3
Regular	753	48,5
Péssimo	189	12,2
Não declarados	234	15,0
T O T A L .	1.554	100,0

Fonte : DMCP -SAS - Levantamento Universal - 1964

4 . Área útil de moradia .

ESPECIFICAÇÃO	NÚMERO DE FAMÍLIAS	%
Até 10 m2	286	18,4
11 a 20 m2	658	42,4
21 a 30 m2	286	18,4
31 a 40 m2	40	2,6
41 a 50 m2	2	0,1
51 a 60 m2	-	-
Mais de 60 m2	-	-
Não especificados ...	48	3,1
Não declarados	234	15,0
T O T A L	1.554	100,0

Fonte : DMCP -SAS - Levantamento Universal - 1964 .

X - DISTRIBUIÇÃO DAS FAMÍLIAS QUE POSSUEM TERRENO PRÓPRIO.

LOCAL	NÚMERO DE FAMÍLIAS	%
Pôrto Alegre	27	32,5
Interior	52	62,8
Outros Estados	4	4,7
T O T A L	83	100,0

Fonte : DMCP - SAS - Levantamento Universal - 1964.

XI - DISTRIBUIÇÃO DAS FAMÍLIAS EM RELAÇÃO À DISPONIBILIDADE MENSAL PARA AQUISIÇÃO DA CASA PRÓPRIA.

ESPECIFICAÇÃO	NÚMERO DE FAMÍLIAS	%
Até 1.000	58	3,7
Até 2.000	122	7,9
Até 3.000	84	5,4
Até 4.000	30	2,0
Até 5.000	255	16,4
Até 6.000	8	0,5
Até 7.000	5	0,3
Até 8.000	8	0,5
Até 9.000	2	0,1
Até 10.000	142	9,2
Mais de 10.000	-	-
Não podem	104	6,7
Não querem	502	32,3
Não declarados	234	15,0
T O T A L	1.554	100,0

Fonte : DMCP -SAS - Levantamento Universal - 1964 .

XII - DISTRIBUIÇÃO DOS ALUNOS QUANTO À ALFABETIZAÇÃO

ESPECIFICAÇÃO	NÚMEROS DE ADULTOS	%
Alfabetizados	2.498	81,7
Analfabetos	562	18,3
T O T A L	3.060	100,0

Fonte : DMCP - SAS - levantamento Universal - 1964 .

XIII- SITUAÇÃO DE SAÚDE DAS FAMÍLIAS

1. Distribuição das famílias em relação às queixas de doenças existentes.

ESPECIFICAÇÃO	NÚMERO DE DOENÇAS	%
Asma	4	0,5
Anemia	8	1,0
Bronquite	33	4,3
Doenças cardíacas	115	14,8
Doenças do aparelho diges- tivo	32	4,1
Doenças de olhos , ouvidos e garganta	2	0,2
Doenças mentais	63	8,1
Doença dos rins	10	1,3
Gripe	419	54,1
Hérnia	3	0,4
Paralisia	9	1,2
Pneumonia	2	0,2
Reumatismo	12	1,5
Sarampo	2	0,2
Sinosite	1	0,1
Tuberculose	29	3,7
Varicela	2	0,2
Não especificados	32	4,1
T O T A L	778	100,0

Fonte : DMCP -SAS - Levantamento Universal - 1964.

2. Causas da mortalidade infantil.

ESPECIFICAÇÃO	NÚMERO DE MORTES	%
Coqueluche	14	2,7
Coração	7	1,3
Desidratação	7	1,3
Difteria	17	3,3
Gripe	8	1,5
Infecção intestinal	16	3,1
Infecção renal	1	0,2
Intoxicação	9	1,7
Leucemia	2	0,4
Meningite	29	5,6
Paralisia	6	1,2
Pneumonia	28	5,4
Sarampo	4	0,8
Tétano	5	1,0
Não especificados	365	70,5
T O T A L	518	100,0

Fonte : DMCP - SAS - Levantamento Universal - 1964 .

L E V A N T A M E N T O S Ó C I O - E C O N Ô M I C O

V I L A C R I S T A L

I- DISTRIBUIÇÃO DAS FAMÍLIAS EM RELAÇÃO AO NÚMERO DE PESSOAS

NÚMERO DE PESSOAS POR FAMÍLIA	NÚMERO DE FAMÍLIAS	TOTAL DE PESSOAS
1	30	30
2	91	182
3	110	330
4	106	424
5	116	580
6	80	480
7	58	406
8	39	312
9	30	270
10	15	150
11	6	66
12	8	96
13	2	26
14	7	98
15	1	15
16:.....	2	32
T O T A L	701	3.497

Fonte : DMCP - SAS - Levantamento Universal - 1964

Média de pessoas por família : 5

II - DISTRIBUIÇÃO DAS FAMÍLIAS EM RELAÇÃO AOS FILHOS

1 . Famílias com filhos e sem filhos.

ESPECIFICAÇÃO	NÚMERO DE FAMÍLIAS	%
Famílias com filhos	586	72,3
Famílias sem filhos	115	14,3
Não declarados	108	13,4
T O T A L	809	100,0

Fonte : DMCP -SAS - Levantamento Universal - 1964.

2 . Número de filhos por família .

NÚMERO DE FILHOS POR FAMÍLIA	NÚMERO DE FAMÍLIAS	%
1	128	18,3
2	108	15,4
3	111	15,9
4	95	13,6
5	43	6,1
6	41	5,9
7	26	3,7
8	14	2,0
9	5	0,7
10	6	0,8
11	2	0,3
12	5	0,7
13	-	-
14	1	0,1
15	1	0,1
Sem filhos	115	16,4
T O T A L	701	100,0

Média de filhos por família : 3

3 . Distribuição dos filhos por idade .

ESPECIFICAÇÃO	NÚMERO DE FILHOS	%
Até 6 anos	882	43,5
7 a 18 anos	881	43,4
Maiores de 18 anos	265	13,1
T O T A L	2.028	100,0

Fonte : DMCP- SAS - Levantamento Universal - 1964 .

4 . Crianças em idade escolar.

ESPECIFICAÇÃO	Nº DE FILHOS	%
Frequentam a escola	553	84,1
Não frequentam a escola.	104	15,9
T O T A L	657	100,0

Fonte : DMCP - SAS - Levantamento Universal - 1964.

5 . Distribuição dos dependentes por idade.

ESPECIFICAÇÃO	NÚMERO DE DEPENDENTES	%
Até 6 anos	62	33,5
7 a 18 anos	29	15,7
Maiores de 18 anos	94	50,8
T O T A L	185	100,0

Fonte : DMCP - SAS - Levantamento Universal - 1964 .

III - DISTRIBUIÇÃO DAS FAMÍLIAS EM RELAÇÃO À SUA CONSTITUIÇÃO.

1 . Estado Civil

ESPECIFICAÇÃO	NÚMERO DE FAMÍLIAS	%
Casal legal	485	60,0
Casal ilegal	98	12,0
Solteiros	45	5,6
Separados	23	2,8
Viúvos	50	6,2
Não declarados	108	13,4
T O T A L	809	100,0

Fonte : DMCP - SAS - Levantamento Universal - 1964 .

2 . Famílias com um só chefe .

ESPECIFICAÇÃO	NÚMERO DE FAMÍLIAS	%
Chefe feminino com filhos	52	44,1
Chefe masculino c/ filhos	20	16,9
Só uma pessoa feminina	27	22,9
Só uma pessoa masculina	19	16,1
T O T A L	118	100,0

Fonte : DMCP - SAS - Levantamento Universal - 1964 .

IV - DISTRIBUIÇÃO DAS FAMÍLIAS EM RELAÇÃO À IDADE DOS CHEFES.

I D A D E	NÚMERO DE FAMÍLIAS	%
Até 20 anos	8	1,0
21 a 30 anos	183	22,5
31 a 40 anos	212	26,0
41 a 50 anos	149	18,5
51 a 60 anos	94	11,7
61 a 70 anos	44	5,5
71 a 80 anos	7	0,9
Mais de 80 anos	1	0,1
Não especificados	3	0,4
Não declarados	108	13,4
T O T A L	809	100,0

Fonte : DMCP- SAS - Levantamento Universal - 1964 .

V = DISTRIBUIÇÃO DAS FAMÍLIAS QUANTO À SUA ORIGEM

1 . Origem das famílias

ESPECIFICAÇÃO	NÚMERO DE FAMÍLIAS	%
Pôrto Alegre	130	16,0
Inteiror	497	61,5
Outros Estados	54	6,7
Outros Países	7	0,9
Não especificados	13	1,5
Não declarados	108	13,4
T O T A L	809	100,0

Fonte : DMCP- SAS - Levantamento Universal - 1964 .

2. Tempo de permanência na Capital .

ESPECIFICAÇÃO	NÚMERO DE FAMÍLIAS	%
Até 3 anos	94	13,8
4 a 6 anos	98	14,4
7 a 9 anos	77	11,3
10 a 12 anos	106	15,7
13 a 15 anos	57	8,3
16 a 18 anos	14	2,1
19 a 21 anos	40	5,9
Mais de 21 anos	53	7,8
Não especificados	32	4,7
Não declarados	108	16,0
T O T A L	679	100,0

Fonte : DMCP- SAS - Legantamento Universal - 1964 .

VI - DISTRIBUIÇÃO DAS FAMÍLIAS NA VILA CONFORME MOTIVO DE PROCEDEN
CIA.

1 . Motivo declarado.

ESPECIFICAÇÃO	NÚMERO DE FAMÍLIAS	%
Aluguel elevado	173	21,5
Compra de casa	75	9,1
Conveniência	77	9,5
Falta de recursos	132	16,4
Não tem recursos.....	39	4,8
Por doença	15	1,9
Proximidade de parentes.	24	2,9
Proximidades do trabalho	54	6,7
Remoção	32	3,9
Não especificados	80	9,9
Não declarados	108	13,4
T O T A L	809	100,0

Fonte : DMCP - SAS - Levantamento Universal - 1964 .

2 . Tempo de permanência na Vila
Y

ESPECIFICAÇÃO	NÚMERO DE FAMÍLIAS	%
Até 3 anos	95	11,7
4 a 6 anos	102	12,5
7 a 9 anos	82	10,2
10 a 12 anos	101	12,4
13 a 15 anos	64	7,9
16 a 18 anos	18	2,2
19 a 21 anos	34	4,2
Mais de 21 anos	80	10,0
Não especificados	125	15,5
Não declarados	108	13,4
T O T A L	809	100,0

Fonte : DMCP - SAS - Levantamento Universal - 1964 .

VII - SITUAÇÃO ECONÔMICA

1 . Distribuição das famílias em relação à receita.

R E C E I T A	NÚMERO DE FAMÍLIAS	%
Até 15.000	48	5,8
15.000 a 30.000	89	11,0
30.000 a 45.000	291	36,1
45.000 a 60.000	91	11,3
60.000 a 75.000	49	6,1
75.000 a 90.000	20	2,5
90.000 a 105.000	12	1,4
105.000 a 120.000	10	1,2
120.000 a 135.000	1	0,1
135.000 a 150.000	5	0,6
Acima de 150,000	8	1,0
Não especificados	51	6,3
Sem receita	26	3,2
Não declarados	108	13,4
T O T A L	809	100,00

Fonte : DMCP - SAS - Levantamento Universal - 1964 .

2 . Distribuição das famílias quanto à ocupação .

O C U P A Ç Ã O	NÚMERO DE PESSOAS	%
Biscateiros	62	10,0
Carpinteiro	37	6,0
Comerciário	77	12,5
Costureira	3	0,5
Doméstica	77	12,5
Estivador	4	0,6
Funcionário Público ...	43	7,0
Marcineiro	2	0,3
Mecânico	21	3,5
Militar	6	0,9
Motorista	25	3,9
Operário	152	24,5
Pedreiro	103	16,3
Professor	1	0,2
Não especificados	8	1,3
T O T A L	621	100,0

Fonte : DMCP - SAS - Levantamento Universal - 1964 .

3 . Distribuição das pessoas sem atividades profissionais.

ESPECIFICAÇÃO	NÚMERO DE PESSOAS	%
Auxílio - doença	32	35,5
Aposentados	29	32,2
Pensionistas	3	3,3
Desempregado	26	29,00
T O T A L	90	100,0

Fonte : DMCP - SAS - Levantamento Universal - 1964 .

VIII - SITUAÇÃO DOS CHEFES DE FAMÍLIA QUANTO Á PREVIDÊNCIA SOCIAL

ESPECIFICAÇÃO	NÚMERO DE CHEFES	%
Famílias com direito à Previdência Social	358	44,4
Famílias sem direito à Previdência Social	343	42,2
Não declarados	108	13,4
T O T A L	809	100,0

IX- CONDIÇÕES DE HABITAÇÃO

1. Situação de moradia .

ESPECIFICAÇÃO	NÚMERO DE MORADIAS	%
Própria	676	83,5
Cedida	19	2,4
Alugada	5	0,6
Não especificados	1	0,1
Não declarados	108	13,4
T O T A L	809	100,0

Fonte : DMCP - SAS - Levantamento Universal - 1964 .

2 . Tipo de construção .

ESPECIFICAÇÃO	NÚMERO DE CASAS	%
Alvenaria	-	-
Madeira	690	85,3
Mista	11	1,3
Não declarados	108	13,4
T O T A L	809	100,0

Fonte : DMCP- SAS - Levantamento Universal - 1964.

3 . Estado das casas .

ESPECIFICAÇÃO	NÚMERO DE CASAS	%
Bom	219	27,0
Regular	337	41,6
Péssimo	119	14,8
Não especificados	26	3,2
Não declarados	108	13,4
T O T A L	809	100,0

Fonte : DMCP - SAS - Levantamento Universal - 1964 .

4. Área útil de moradia .

ESPECIFICAÇÃO	NÚMERO DE FAMÍLIAS	%
Até 10 m2	145	18,0
11 a 20 m2	265	32,5
21 a 30 m2	184	22,8
31 a 40 m2	53	6,6
41 a 50 m2	3	0,4
51 a 60 m2	1	0,1
Mais de 60 m2	-	-
Não especificados	50	6,2
Não declarados	108	13,4
T O T A L	809	100,0

Fonte : DMCP - SAS - Levantamento Universal - 1964 .

X - DISTRIBUIÇÃO DAS FAMÍLIAS QUE POSSUEM TERRENO PRÓPRIO .

L O C A L	NÚMERO DE FAMÍLIAS	%
Pôrto Alegre	9	36,0
Interior	14	56,0
Outros Estados	2	8,0
T O T A L	25	100,0

Fonte : DMCP - SAS - Levantamento Universal - 1964 .

XI - DISTRIBUIÇÃO DAS FAMÍLIAS EM RELAÇÃO À DISPONIBILIDADE MENSAL PARA AQUISIÇÃO DA CASA PRÓPRIA .

ESPECIFICAÇÃO	NÚMERO DE FAMÍLIAS	%
Até 1.000	25	3,2
Até 2.000	34	4,2
Até 3.000	35	4,4
Até 4.000	13	1,5
Até 5.000	98	12,0
Até 6.000	2	0,2
Até 7.000	-	-
Até 8.000	4	0,5
Até 9.000	-	-
Até 10.000	63	7,9
Não especificados	407	50,2
Mais de 10.000	20	2,5
Não declarados	108	13,4
T O T A L	809	100,0

Fonte : DMCP- SAS - Levantamento Universal - 1964 .

XII - DISTRIBUIÇÃO DOS ADULTOS QUANTO À ALFABETIZAÇÃO .

ESPECIFICAÇÃO	NÚMERO DE ADULTOS	%
Alfabetizados	1.326	80,7
Analfabetos	317	19,3
T O T A L	1.643	100,0

Fonte : DMCP- SAS - Levantamento Universal - 1964 .

XIII - SITUAÇÃO DE SAÚDE DAS FAMÍLIAS .

1 . Distribuição das famílias em relação às queixas de doenças existentes .

ESPECIFICAÇÃO	NÚMERO DE DOENÇAS	%
Asma	16	2,6
Anemia	7	1,2
Bronquite	29	5,2
Doenças do apar. digestivo	17	2,9
Doenças cardíacas	54	10,0
Doenças de olhos , ouvidos e garganta	3	0,5
Doenças mentais	40	7,1
Desidratação :.....	1	0,2
Epilepsia	5	0,8
Gripe	331	59,0
Paralisia	6	0,9
Reumatismo	21	3,7
Sinosite	1	0,2
Tuberculose	18	3,1
Não especificados	16	2,6
T O T A L	565	100,0

Fonte : DMCP. - SAS - Levantamento Universal - ■ - 1964.

2 . Causas da mortalidade infantil .

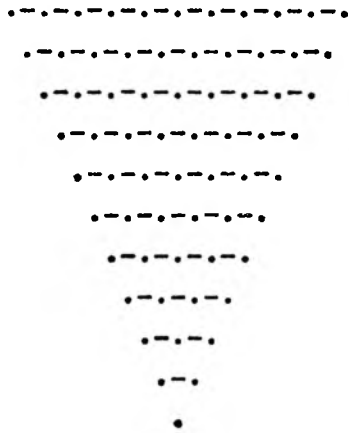
ESPECIFICAÇÃO	NÚMERO DE MORTES	%
Acidente	3	1,1
Anemia	4	1,5
Coqueluche	1	0,3
Coração	5	1,9
Desidratação	1	0,3
Difteria	8	3,0
Epilepsia	6	2,3
Gripe	1	0,3
Infecção intestinal	16	6,0
Intoxicação	14	5,3
Meningite	23	8,7
Paralisia	3	1,1
Pneumonia	15	5,7
Sarampo	10	3,8
Sub - nutrição	17	6,4
Varicela	2	0,8
Não especificados	135	51,5
T O T A L	264	100,0

Fonte: DMCP- SAS - Levantamento Universal - 1964

3 . Número de casos conforme mortalidade infantil.

ESPECIFICAÇÃO	NÚMERO DE CASOS	%
Nati - mortos	351	57,6
Mortalidade infantil.....	264	42,4
T O T A L	615	100,0

Fonte : DMCP- SAS - Levantamento Universal - 1964 .



LEVANTAMENTO SÓCIO - ECONÔMICO

VILA DONA - TEODORA

I- DISTRIBUIÇÃO DAS FAMÍLIAS EM RELAÇÃO AO NÚMERO DE PESSOAS.

NÚMERO DE PESSOAS POR FAMÍLIA	NÚMERO DE FAMÍLIAS	TOTAL DE PESSOAS
1	79	79
2	174	348
3	219	657
4	228	912
5	203	1.015
6	164	984
7	120	840
8	89	712
9	47	423
10	28	280
11	19	209
12	11	132
13	3	39
14	5	70
15	-	-
16	-	-
17	1	17
T O T A L	1.390	6.717

Fonte : DMCP - SAS - Levantamento Universal - 1964.

Média de pessoas por família - 5 .

II - DISTRIBUIÇÃO DAS FAMÍLIAS EM RELAÇÃO AOS FILHOS .

1 . Famílias com filhos e sem filhos .

ESPECIFICAÇÃO	NÚMERO DE FAMÍLIAS	%
Famílias com filhos ...	1.157	70,3
Famílias sem filhos ...	233	14,1
Não declarados	256	15,6
T O T A L	1.646	100,0

Fonte : DMCP - SAS - Levantamento Universal - 1964 .

2 . Número de filhos por família .

NÚMERO DE FILHOS POR FAMÍLIA	NÚMERO DE FAMÍLIAS	%
1	237	17,1
2	253	18,2
3	197	14,2
4	157	11,3
5	113	8,1
6	93	6,7
7	49	3,5
8	23	1,7
9	17	1,2
10	10	0,7
11	3	0,2
12	4	0,3
13	1	0,1
Sem filhos	233	16,7
T O T A L	1.390	100,0

Fonte : DMCP- SAS - Levantamento Universal - 1964 .

Média de filhos por família : 3

3. Distribuição dos filhos por idade.

ESPECIFICAÇÃO	NÚMERO DE FILHOS	%
Até 6 anos	1.539	38,8
7 a 18 anos	1.842	46,4
Maiores de 18 anos ..	578	14,8
T O T A L	3.959	100,0

Fonte : DMCP - SAS - Levantamento Universal - 1964.

4 . Crianças em idade escolar .

ESPECIFICAÇÃO	NÚMERO DE FILHOS	%
Frequentam à escola	1.217	91,3
Não frequentam à escola ..	110	8,7
T O T A L	1.381	100,0

Fonte : DMCP - SAS - Levantamento Universal - 1964

5 . Distribuição dos dependentes por idade.

ESPECIFICAÇÃO	NÚMERO DEPENDENTES	%
Até 6 anos	85	29,6
7 a 18 anos	55	19,2
Maiores de 18 anos ...	147	51,2
T O T A L	287	100,0

Fonte : DMCP - SAS - Levantamento Universal - 1964 .

III - DISTRIBUIÇÃO DAS FAMÍLIAS EM RELAÇÃO À SUA CONSTITUIÇÃO.

1 . Estado civil .

ESPECIFICAÇÃO	NÚMERO DE FAMÍLIAS	%
Casal legal	880	53,9
Casal ilegal	193	11,7
Solteiros	84	5,1
Separados	57	3,5
Viúvos	168	10,2
Não declarados	256	15,6
T O T A L	1.646	100,0

Fonte : DMCP - SAS - Levantamento Universal - 1964 .

2 . Famílias com um só chefe .

ESPECIFICAÇÃO	NÚMERO DE FAMÍLIAS	%
Chefe feminino com filhos	162	52,5
Chefe masculino c/ filhos	49	15,8
Só uma pessoa feminina ..	59	19,1
Só uma pessoa masculina .	39	12,6
T O T A L	309	100,0

Fonte : DMCP - SAS - Levantamento Universal - 1964 .

IV - DISTRIBUIÇÃO DAS FAMÍLIAS EM RELAÇÃO À IDADE DOS CHEFES.

I D A D E	NÚMERO DE CHEFES	%
Até 20 anos	21	1,2
21 a 30 anos	326	19,8
31 a 40 anos	442	26,9
41 a 50 anos	315	19,1
51 a 60 anos	175	10,6
61 a 70 anos	85	5,2
71 a 80 anos	18	1,1
Mais de 80 anos	8	0,5
Não declarados	256	15,6
T O T A L	1.646	100,0

Fonte : DMCP-SAS - Levantamento Universal - 1964.

V - DISTRIBUIÇÃO DAS FAMÍLIAS QUANTO A SUA ORIGEM.

1 . Origem das famílias .

ESPECIFICAÇÃO	NÚMERO DE FAMÍLIAS	%
Pôrto Alegre	200	12,2
Interior	1.048	63,7
Outros Estados	112	6,8
Outros Países	3	0,1
Não especificados	27	1,6
Não declarados	256	15,6
T O T A L	1.646	100,0

Fonte : DMCP - SAS - Levantamento Universal - 1964.

2 . Tempo de permanência na Capital .

ESPECIFICAÇÃO	NÚMERO DE FAMÍLIAS	%
Até 3 anos	120	8,3
4 a 6 anos	123	8,5
7 a 9 anos	120	8,3
10 a 12 anos	201	13,9
13 a 15 anos	163	11,3
16 a 18 anos	79	5,5
19 a 21 anos	116	8,0
Mais de 21 anos	165	11,4
Não especificados	103	7,0
Não declarados	256	17,8
T O T A L	1.446	100,0

Fonte : DMCP -SAS -Levantamento Universal - 1964 .

VI= DISTRIBUIÇÃO DAS FAMÍLIAS NA VILA CONFORME MOTIVO DE PROCEDÊNCIA

1 . Motivo declarado .

ESPECIFICAÇÃO	NÚMERO DE FAMÍLIAS	%
Aluguel elevado	262	15,9
Compra da casa	72	4,4
Conveniência	24	1,5
Desempregado	3	0,1
Falta de recurso.....	306	18,6
Ganhou a casa.....	19	1,1
Não tem terreno	22	1,3
Por doença	17	1,0
Proximidades de parentes	41	2,5
Proximidades do trabalho	305	18,5
Remoção	176	10,7
Não especificados.....	143	8,8
Não declarados	256	15,6
TOTAL	1.646	100,0

Fonte : DMCP -SAS - Levantamento Universal - 1964.

2. Tempo de permanência na Vila .

ESPECIFICAÇÃO	NÚMERO DE FAMÍLIAS	%
Até 3 anos	118	7,2
4 a 6 anos	114	6,9
7 a 9 anos	140	8,5
10 a 12 anos	220	13,4
13 a 15 anos	165	10,0
16 a 18 anos	90	5,4
19 a 21 anos	100	6,1
Mais de 21 anos	192	11,7
Não declarados	507	30,8
T O T A L	1.646	100,0

F onte : DMCP - SAS - Levantamento Universal - 1964 .

VII - SITUAÇÃO ECONÔMICA.

1 . Distribuição das famílias em relação à receita.

R E C E I T A	NÚMERO DE FAMÍLIAS	%
Até 15,000	75	4,8
15.000 a 30.000	206	12,5
30.000 a 45.000	604	37,0
45.000 a 60,000	172	11,0
60.000 a 75.000	102	6,2
75.000 a 90.000	33	2,0
90.000 a 105.000	30	1,8
105.000 a 120.000.....	40	2,4
120.000 a 135.000	-	-
135.000 a 150.000	88	5,3
Acima de 150.000	-	-
Não especificados :.....	18	0,1
Sem receita	22	1,3
Não declarados	256	15,6
T O T A L	1.646	100,0

2 - Distribuição das famílias quanto à ocupação.

OCUPAÇÃO	NÚMERO DE PESSOAS	%
Biscateiro	71	5,1
Carpinteiro	25	1,8
Comerciante	67	4,8
Comerciário	90	6,4
Costureira	14	1,0
Doméstica	192	13,8
Estivador	17	1,2
Funcionário	74	5,3
Marcineiro	6	0,4
Mecânico	30	2,1
Militar	9	0,6
Motorista	37	2,6
Operário	682	48,8
Pedreiro	63	4,5
Não especificados	23	1,6
TOTAL ...	1.400	100,0

Fonte : DMCP- SAS - Levantamento Universal - 1964 .

3 . Distribuição das pessoas sem atividades profissionais.

ESPECIFICAÇÃO	Número de pessoas	%
Auxílio - doença	79	40,5
Aposentado.....	94	48,2
Pensionista	-	-
Desempregado	22	11,3
T O T A L	195	100,0

Fonte : DMCP- SAS - Levantamento Universal - 1964

VIII - SITUAÇÃO DOS CHEFES DE FAMÍLIA QUANTO À PREVIDÊNCIA SOCIAL.

ESPECIFICAÇÃO	NÚMERO DE CHEFES	%
Família com direito à Previdência Social ...	725	44,0
Família sem direito à Previdência Social ...	665	40,4
Não declarados	256	15,6
T O T A L	1.646	100,0

Fonte : DMCP -SAS - Levantamento Universal - 1964.

IX - CONDIÇÕES DE HABITAÇÃO

1. Situação de moradia .

ESPECIFICAÇÃO	NÚMERO DE MORADIAS	%
Própria	1.315	79,9
Cedida	47	2,8
Alugada	28	1,7
Não declarados	256	15,6
T O T A L	1.646	100,0

Fonte : DMCP-SAS - Levantamento Universal - 1964 .

2 . Tipo de construção.

ESPECIFICAÇÃO	NÚMERO DE CASAS	%
Alvenaria	-	-
Madeira	1.341	81,4
Mista	43	2,6
Não declarados	262	16,0
T O T A L	1,646	100,0

Fonte : DMCP- SAS - Levantamento Universal - 1964.

3. Estado das casas.

ESPECIFICAÇÃO	NÚMERO DE CASAS	%
Bom	590	35,8
Regular.....	650	39,5
Péssimo	150	9,1
Não declarados	256	15,6
T O T A L	1.646	100,0

Fonte - DMCP -SAS - Levantamento Universal - 1964 .

4 . Área útil da moradia.

ESPECIFICAÇÃO	NÚMERO DE FAMÍLIAS	%
Até 10 m2	180	10,9
11 a 20 m2.....	718	43,7
21 a 30 m2	372	22,6
31 a 40 m2	56	3,4
41 a 50 m2.....	10	0,6
51 a 60 m2.....	2	0,1
Mais de 60 m2	-	-
Não declarados	308	18,7
T O T A L	1.646	100,0

Fonte : DMCP- SAS - Levantamento Universal - 1964 .

X - DISTRIBUIÇÃO DAS FAMÍLIAS QUE POSSUEM TERRENO PRÓPRIO.

L O C A L	NÚMERO DE FAMÍLIAS	%
Pôrto Alegre	27	41,6
Interior	36	55,3
Outros Estados	2	3,1
T O T A L	65	100,0

Fonte : DMCP- SAS - Levantamento Universal - 1964 .

XI- DISTRIBUIÇÃO DAS FAMÍLIAS EM RELAÇÃO À DISPONIBILIDADE MENSAL PARA AQUISIÇÃO DA CASA PRÓPRIA .

ESPECIFICAÇÃO	NÚMERO DE FAMÍLIAS	%
Até 1.000	84	5,1
Até 2.000	178	10,8
Até 3.000	53	3,2
Até 4.000	100	6,1
Até 5.000	351	21,4
Até 6.000	7	0,4
Até 7.000	4	0,2
Até 8.000	11	0,7
Até 9.000	107	6,5
Até 10.000	62	3,8
Mais de 10.000	-	-
Não podem	3	0,1
Não querem	-	-
Não especificados	430	26,1
Não declarados	256	15,6
T O T A L	1.646	100,0

Fonte : DMCP- SAS - Levantamento Universal - 1964 .

XII- DISTRIBUIÇÃO DOS ADULTOS QUANTO À ALFABETIZAÇÃO.

ESPECIFICAÇÃO	NÚMERO DE ADULTOS	%
Alfabetizados	2.632	82,4
Analfabetos	564	17,6
T O T A L	3.196	100,0

Fonte : DMCP-SAS - Levantamento Universal - 1964 .

XIII - SITUAÇÃO DE SAÚDE DAS FAMÍLIAS.

1 . Distribuição das famílias em relação às queixas de doenças existentes .

ESPECIFICAÇÃO	NÚMERO DE DOENÇAS	%
Asma	7	0,8
Bronquite	29	3,7
Câncer.....	11	1,4
Doenças Cardíacas.....	138	18,3
Doenças de olhos, ouvidos e garganta	14	1,8
Doenças do aparelho digestivo	10	1,3
Doenças mentais	45	6,0
Doenças renais	6	0,7
Epilepsia	4	0,5
Gripe	378	50,1
Hérnia	2	0,3
Paralisia	10	1,3
Reumatismo	18	3,6
Sarampo	7	0,8
Sinosite	3	0,4
Tuberculose	23	3,1
Não especificados	40	5,2
T O T A L	751	100,0

Fonte : DMCP- SAS - Levantamento Universal - 1964 .

2 . Causas da mortalidade infantil .

ESPECIFICAÇÃO	NÚMERO DE MORTES	%
Coqueluche	6	1,2
Coração	9	1,9
Desidratação	5	0,8
Difteria	15	2,8
Gripe	31	6,1
Infecção Intestinal	9	1,9
Infecção Renal.....	9	1,9
Intoxicação	12	2,3
Meningite	17	3,3
Paralisia	4	0,7
Pneumonia	15	2,8
Sarampo	10	2,0
Tétano	4	0,7
Não especificados	365	71,6
T O T A L	511	100,0

Fonte : DMCP- SAS - Levantamento Universal - 1964 .

L E V A N T A M E N T O S Ó C I O - E C O N Ô M I C O

NAS VILAS E AGRUPAMENTOS MARGINAIS DE PÓRTO ALEGRE

V I L A S A N T A C L A R A

D E Z E M B R O

D E

1 9 6 4

1 - DISTRIBUIÇÃO DAS FAMÍLIAS EM RELAÇÃO AO NÚMERO DE PESSOAS

NÚMERO DE PESSOAS POR FAMÍLIA	NÚMERO DE FAMÍLIAS	TOTAL DE PESSOAS
1	13	13
2	38	76
3	34	102
4	61	244
5	41	205
6	36	216
7	29	203
8	15	120
9	16	144
10	3	30
11	4	44
12	1	12
13	2	26
14	1	14
T O T A L	294	1,449

F onte : DMCP- SAS - Levantamento Universal - 1964

Média de pessoas por família : 5

II- DISTRIBUIÇÃO DAS FAMÍLIAS EM RELAÇÃO AOS FILHOS

1 . Famílias com filhos e sem filhos

ESPECIFICAÇÃO	NÚMERO DE FAMÍLIAS	%
Famílias com filhos ..	245	71,1
Famílias sem filhos ..	49	14,3
Não declarados	50	14,6
T O T A L	344	100,0

Fonte : DMCP - SAS - Levantamento Universal - 1964 .

2 . Número de filhos por família

NÚMERO DE FILHOS POR FAMÍLIA	NÚMERO DE FAMÍLIAS	%
1	38	12,9
2	66	22,5
3	37	12,6
4	32	10,9
5	32	10,9
6	15	5,1
7	13	4,4
8	3	1,0
9	5	1,7
10	1	0,3
11	2	0,7
12	1	0,3
Sem filhos	49	16,7
T O T A L	294	100,0

Fonte : DMCP-SAS - Levantamento Universal - 1964 .

Média de filhos por famílias : 3

3 . Distribuição dos filhos por idade

ESPECIFICAÇÃO	NÚMERO DE FILHOS	%
Até 6 anos	372	43,1
7 a 18 anos	353	40,9
Maiores de 18 anos ..	138	16,0
T O T A L	863	100,0

Fonte : DMCP-SAS - Levantamento Universal - 1964 .

4 . Crianças em idade escolar .

ESPECIFICAÇÃO	NÚMERO DE FILHOS	%
Frequentam a escola	210	75,7
Não frequentam a escola..	67	24,3
T O T A L	277	100,0

Fonte : DMCP-SAS - Levantamento Universal - 1964 .

5 . Distribuição dos dependentes por idade .

ESPECIFICAÇÃO	NÚMERO DE DEPENDENTES	%
Até 6 anos	16	27,1
7 a 18 anos	17	28,8
Maiores de 18 anos..	26	44,1
T O T A L	59	100,0

Fonte : DMCP -SAS - Levantamento Universal - 1964 .

III - DISTRIBUIÇÃO DAS FAMÍLIAS EM RELAÇÃO À SUA CONSTITUIÇÃO

1 . Estado Civil .

ESPECIFICAÇÃO	NÚMERO DE FAMÍLIAS	%
Casal Legal	189	54,8
Casal ilegal	44	12,8
Solteiros	26	7,6
Separados	6	1,8
Viúvos	29	8,4
Não declarados	50	14,6
T O T A L	344	100,0

Fonte : DMCP- SAS - Levantamento Universal - 1964 .

2 . Famílias com um só chefe.

ESPECIFICAÇÃO	NÚMERO DE FAMÍLIAS	%
Chefe feminino com filhos.....	26	42,6
CHefe masculino com filhos	20	32,8
Só uma pessoa feminina	5	8,2
Só uma pessoa masculina	10	16,4
T O T A L	61	100,0

Fonte : DMCP- SAS - Levantamento Universal - 1964 .

IV- DISTRIBUIÇÃO DAS FAMÍLIAS EM RELAÇÃO À IDADE DOS CHEFES.

I D A D E	NÚMERO DE CHEFES	%
Até 20 anos	8	2,4
21 a 30 anos	78	22,6
31 a 40 anos	89	25,8
41 a 50 anos	72	20,9
51 a 60 anos	29	8,4
61 a 70 anos	14	4,1
71 a 80 anos	3	0,9
Mais de 80 anos	1	0,3
Não declarados.....	50	14,6
T O T A L	344	100,0

Fonte : DMCP-SAS - Levantamento Universal - 1964.

V - DISTRIBUIÇÃO DAS FAMÍLIAS QUANTO À SUA ORIGEM .

1 . Origem das famílias .

ESPECIFICAÇÃO	NÚMERO DE FAMÍLIAS	%
Pôrto Alegre	62	18,0
Interior	163	47,3
Outros Estados	68	19,8
Outros Países	1	0,3
Não declarados	50	14,6
T O T A L	344	100,0

Fonte : DMCP- SAS - Levantamento Universal - 1964 .

2 . Tempo de permanência na Capital.

ESPECIFICAÇÃO	NÚMERO DE FAMÍLIAS	%
Até 3 anos	20	7,1
4 a 6 anos	26	9,2
7 a 9 anos	32	11,7
10 a 12 anos.....	70	24,8
13 a 15 anos	21	7,3
16 a 18 anos	20	7,1
19 a 21 anos	13	4,6
Mais de 21 anos	16	5,7
Não especificados ..	14	4,9
Não declarados	50	17,6
T O T A L	282	100,0

Fonte : DMCP- SAS - Levantamento Universal - 1964 .

VI- DISTRIBUIÇÃO DAS FAMÍLIAS NA VILA CONFORME MOTIVO DE PROCEDÊNCIA.
 1. Motivo declarado .

ESPECIFICAÇÃO	NÚMERO DE FAMÍLIAS	%
Aluguel elevado	85	24,7
Compra de casa	22	6,4
Conveniência	-	-
Desempregado	39	11,3
Falta de recursos	19	5,5
Ganhou a casa	48	13,9
Por doença	7	2,0
Proximidade de parentes	8	2,4
Proximidade de trabalho	54	15,7
Remoção	4	1,2
Não especificados.....	5	1,5
Não declarados.....	53	15,4
T O T A L	344	100,0

Fonte : DMCP-SAS - Levantamento Universal - 1964 .

2 . Tempo de Permanência na Vila .

ESPECIFICAÇÃO	NÚMERO DE FAMÍLIAS	%
Até 3 anos	19	5,5
4 a 6 anos	33	9,6
7 a 9 anos	41	11,9
10 a 12 anos	69	20,1
13 a 15 anos	32	9,3
16 a 18 anos	21	6,1
19 a 21 anos	17	4,9
Mais de 21 anos	62	18,0
Não declarados ,.....	50	14,6
T O T A L	344	100,0

Fonte : DMCP- SAS - Levantamento Universal - 1964 .

VII- SITUAÇÃO ECONÔMICA.

1 . Distribuição das famílias em relação à receita.

R E C E I T A	NÚMERO DE FAMÍLIAS	%
Até 15.000	22	6,4
15.000 a 30.000	42	12,2
30.000 a 45.000	121	35,2
45.000 a 60.000	56	16,3
60.000 a 75.000	17	4,9
75.000 a 90.000	7	2,0
90.000 a 105.000 ...	8	2,4
105.000 a 120.000 ..	9	2,6
120.000 a 135.000 ..	-	-
135.000 a 150.000 ..	1	0,3
Acima de 150.000 ...	1	0,3
Não especificados ..	48	13,9
Sem receita	2	0,6
Não declarados	10	2,9
T O T A L	344	100,0

Fonte : DMCP- SAS - Levantamento Universal - 1964.

2 . Distribuição das famílias quanto à ocupação.

O C U P A Ç Ã O	NÚMERO DE PESSOAS	%
Biscateiro	10	3,6
Carpinteiro	10	3,6
Comerciante	7	2,5
Comerciário	9	3,2
Costureira	2	0,7
Doméstica	70	24,9
Estivador	3	1,1
Funcionário Público....	14	5,0
Mecânico	2	0,7
Militar	5	1,8
Motorista	2	0,7
Operário	112	40,1
Pedreiro	34	12,1
t o t a l	280	100,0

Fonte : DMCP- SAS - Levantamento Universal - 1964 .

3 . Distribuição das pessoas sem atividades profissionais.

ESPECIFICAÇÃO	NÚMERO DE PESSOAS	%
Auxílio - doença	10	31,0
Aposentado	18	57,0
Pensionista	2	6,0
Desempregado	2	6,0
T O T A L	32	100,0

Fonte : DMCP- SAS - Levantamento Universal - 1964 .

VIII- SITUAÇÃO DOS CHEFES QUANTO À PREVIDÊNCIA SOCIAL.

ESPECIFICAÇÃO	NÚMERO DE PESSOAS	%
Famílias com direito à Previdência Social....	199	57,8
Família sem direito à Previdência Social....	95	27,6
Não declarados	50	14,6
T O T A L	344	100,0

Fonte : DMCP-SAS - Levantamento Universal - 1964.

IX - CONDIÇÕES DE HABITAÇÃO.

1. Situação de moradia.

ESPECIFICAÇÃO	NÚMERO DE MORADIAS	%
Própria	233	67,7
Dedida	59	17,1
Alugada	2	0,6
Não declarados ,,,,,...	50	14,6
T O T A L	344	100,0

Fonte : DMCP-SAS - Levantamento Universal - 1964.

2 . Tipo de construção.

ESPECIFICAÇÃO	NÚMERO DE CASAS	%
Alvenaria	-	-
Madeira	294	85,4
Mista	-	-
Não declarados ,,,,,...	50	14,6
TOTAL	344	100,0

Fonte : DMCP-SAS - Levantamento Universal - 1964 .

3 . Estado das casas.

ESPECIFICAÇÃO	NÚMERO DE CASAS	%
Bom	98	28,5
Regular	144	41,8
Péssimo	49	14,3
Não especificado ...	53	15,4
T O T A L	344	100,0

Fonte : DMCP- SAS - Levantamento Universal - 1964.

4 . Área útil de moradia.

ESPECIFICAÇÃO	NÚMERO DE FAMÍLIAS	%
Até 10 m2	58	16,9
11 a 20 m2	154	44,7
21 a 30 m2	62	18,0
31 a 40 m2	13	3,8
41 a 50 m2	7	2,0
51 a 60 m2	-	-
Mais de 60 m2	-	-
Não declarados	50	14,6
T O T A L	344	100,0

Fonte : DMCP- SAS - Levantamento Universal - 1964.

X - DISTRIBUIÇÃO DAS FAMÍLIAS QUE POSSUEM TERRENO PRÓPRIO.

E O C A L	NÚMERO DE FAMÍLIAS	%
Pôrto Alegre	7	46,7
Interior	8	53,3
Outros Estados	-	-
T O T A L	15	100,0

Fonte : DMCP- SAS - Levantamento Universal - 1964 .

XI- DISTRIBUIÇÃO DAS FAMÍLIAS EM RELAÇÃO À DISPONIBILIDADE MENSAL PARA AQUISIÇÃO DA CASA PRÓPRIA.

ESPECIFICAÇÃO	NÚMERO DE FAMÍLIAS	%
Até 1.000	13	3,8
Até 2.000	36	10,6
Até 3.000	23	6,7
Até 4.000	10	2,9
Até 5.000	49	14,4
Até 6.000	5	1,5
Até 7.000 ,,,.....	3	0,9
Até 8.000	2	0,6
Até 9.000	1	0,3
Até 10.000	22	6,5
Mais de 10.000	-	-
Não podem	2	0,6
Não querem	-	-
Não especificados	124	36,5
Não declarados	50	14,7
T O T A L	340	100,0

Fonte: DMCP-SAS - Levantamento Universal - 1964..

XII- DISTRIBUIÇÃO DOS ADULTOS QUANTO À ALFABETIZAÇÃO.

ESPECIFICAÇÃO	NÚMERO DE ADULTOS	%
Alfabetizados	519	74,9
Analfabetos	172	25,1
T O T A L	691	100,0

Fonte : DMCP-SAS - Levantamento UNiversal - 1964.

XIII- SITUAÇÃO DE SAÚDE DAS FAMÍLIAS.

1 . Distribuição das famílias em relação às queixas de doenças existentes.

Y

ESPECIFICAÇÃO	NÚMERO DE DOENÇAS	%
Asma	6	3,3
Bronquite	15	8,3
Doenças cardíacas	36	20,0
Doenças de olhos,ouvi - dos e garganta.....	3	1,7
Doenças mentais	5	2,8
Epilepsia	2	1,1
Gripe	97	53,8
Reumatismo	2	1,1
Sarampo	1	0,6
Tuberculose	13	7,3
T O T A L	180	100,0

Fonte : DMCP- SAS - Levantamento Universal - 1964 .

2. Causas da Mortalidade Infantil .

ESPECIFICAÇÃO	NÚMERO DE MORTES	%
Asfixia	1	1,2
Coqueluche	2	2,4
Desidratação.....	8	9,3
Difetéria	2	2,4
Gripe	4	4,6
Infecção Intestinal....	6	6,9
Intoxicação	4	4,6
Leucemia	16	18,6
Meningite	2	2,4
Paralisia	3	3,5
Sarampo	3	3,5
Subnutrição	3	3,5
Tétano	1	1,2
Varicela	6	6,9
Não especificados	25	29,0
T O T A L	86	100,0

Fonte : DMCP- SAS - Levantamento Universal - 1964 .

ESCALA OCUPACIONAL

ESCALA OCUPACIONAL

(Cols. 22 e 23 da Fôlha de Codificação de Professôres e Col.41 da Fôlha de Codificação de Alunos).

O seguinte esquema representa uma versão modificada da hierarquia de prestígio, utilizada por Bertram Hutchinson em seu estudo TRABALHO E MOBILIDADE . Difere da escala empregada por este autor principalmente porque separa "Supervisão de Trabalho Manual" de "Ocupações Não Manuais de Rotina", do que resultam 7 em vez de 6 categorias.

As rubricas dadas às diferentes categorias não são exaustivas, isto é, não abrangem tôdas as ocupações que se podem classificar nas categorias respectivas. Sugerem simplesmente os protótipos As ocupações não relacionadas devem ser enquadradas de acordo com o julgamento da equipe de codificação.

Conforme foi estabelecido na reunião de planejamento da codificação, realizada no C. R. P. E. em São Paulo, na segunda semana de setembro de 1963, os coordenadores estaduais estão autorizados a fazer as alterações que se impuserem face as circunstâncias especiais de que se reveste o exercício de certas ocupações nos diferentes Estados. Entretanto, essas alterações devem ser bem ponderadas e cuidadosamente anotadas.

1- ALTOS CARGOS POLÍTICOS E ADMINISTRATIVOS.

PROPRIETÁRIOS DE GRANDES EMPRESAS E ASSEMELHADOS

General, Brigadeiro. Almirante.

Desembargador

Deputado

Diplomata

Banqueiro

Dono de empresas comerciais ou equivalente com 50 empregados ou mais

Industrial com 100 empregados ou mais

Fazendeiro com 50 empregados ou mais

Diretor superintendente de grande companhia (inclusive Banco) com 50 subordinados ou mais.

2- PROFISSÕES LIBERAIS, CARGOS DE GERENCIA OU DIREÇÃO.
PROPRIETÁRIOS DE EMPRESAS DE TAMANHO MÉDIO.

Oficiais das Forças Armadas (exceto General, Brigadeiro, Almirante
Juiz - Promotor e tenente)
Prefeito - Vereador
Tabelião - Dono de Cartório - Escrivão de Cartório - Oficial maior.
Diretor de repartição pública
Fiscal de Consumo
Fiscal de Rendas Estaduais (São Paulo)
Delegados de polícia (São Paulo)

PROFISSIONAIS LIBERAIS E ASSEMELHADOS (+)

Agrônomo
Advogado
Arquiteto
Dentista
Economista
Engenheiro
Farmacêutico (diplomado)
Médico
Engenheiro Químico
Veterinário
Professor Universitário
Gerente de Banco
Coletor Estadual (São Paulo)
Coletor Federal
Industrial ou dono de fábrica - 11 a 99 empregados
Comerciante - 11 a 99 empregados
Fazendeiro - 11 a 99 empregados
Corretor de imóveis com mais de 10 empregados ou "muitos"
Gerente de Pessoal empregados
Industrial, sem especificar o número de empregados
Fazendeiro, sem especificar o número de empregados

(+) Os profissionais liberais deverão ser codificados em 1
quando forem proprietários ou dirigentes de grandes em
presas.

3- POSIÇÕES MAIS BAIXAS DE SUPERVISÃO OU INSPEÇÃO DE OCUPAÇÕES
NÃO MANUAIS. PROPRIETÁRIOS DE PEQUENAS EMPRESAS COMERCIAIS,
INDUSTRIAIS, AGRO-PECUÁRIAS. ETC.

Administrador de Fazenda com mais de 10 empregados

Agente de Correio

Aviador (sem especificar)

Bibliotecário

Caixa (bancário)

Chefe de escritório ou de Seção em Repartição Pública

Chefe de Pessoal

Chefe de Secretaria

Comerciante imobiliário (conta própria)

Comerciante (sem especificar)

Contador, Contabilista ou Guarda-Livros.

Corretor de imóveis (com 2 a 10 empregados)-"alguns"empregados

Industrial ou "Dono de Fábrica (de 2 a 10 empregados)

Negociante - Comerciante (de 2 a 10 empregados)- inclusive"dono de hotel"

Dono de Farmácia (sem diploma)

Dono de Máquina de Café até 5 empregados

Escrevente de cartório

Fôrças Armadas - (Tenente e Sub-tenente do Exército e equivalente na
Aeronáutica e Marinha).

Jornalista

Lançador de Prefeitura

Oficial de Marinha Mercante

Pastor Protestante

Professor secundário. Diretor de escola secundária.

Proprietário rural. - (2 a da 10 empregados

Protético com um ou mais empregados

Químico industrial (sem curso superior)

Representante de firma comercial - 2 a 10 empregados

Tesoureiro

Topógrafo

4- OCUPAÇÕES NÃO-MANUAIS DE ROTINA E ASSEMELHADAS

Administrador de fazenda (até 10 empregados)
Almoxarife
Artista (sem especificar)
Bancário (sem especificar)
Caixa de firma comercial
Chefe de Estação de Estrada de Ferro
Comerciário (sem especificar e sem empregado)
Corretor de imóveis com menos de 2 empregados
Conferente
Datilógrafo
Despachante sem empregado ou com 1 empregado
Despachante de Companhia de Aviação
Dono de Estabelecimento Comercial sem empregado e com 1 empregado
Escriturário
Escrivão de Polícia
Fiscal da Prefeitura
Funcionário Público (sem especificar)
Gerente de casa comercial de tamanho médio (2 a 10 empregados)
Locutor
Músico
Professor de música
Professor primário. Diretor de escola primária.
Propagandista (empregado)
Protético sem empregados
Publicitário (sem especificar)
Rádialista
Radiotelegrafista
Receptionista
Reporter
Revisor
Sargento
Sitiante ou fazendeiro (proprietário com 1 empregado ou sem empregado)
Técnico de Laboratório
Telegrafista
Vendedor de firma
Vendedor de Produtos farmacêuticos
Viajante comercial

5- SUPERVISÃO DE TRABALHO MANUAL E OCUPAÇÕES ASSEMBELHADAS

Agricultor, sem informação sobre a propriedade da terra.

Apontador de estiva

Chefe de obras

Chefe de turma

Chefe de trem

Chefe de Secção (fabrica)

Contra mestre

Cozinheiro (restaurante de la. classe)

Empreiteiro

Feitor ou Capataz

Fiscal de transporte coletivo

Inspetor de Obras (Não é Engenheiro)

Inspetor de Polícia

Inspetor de serviço (oficina mecânica) (automóveis)

Mestre de obras

Artífices com 2 a 4 empregados

Guarda aduaneiro

6- OCUPAÇÕES MANUAIS ESPECIALIZADAS E ASSEMELHADAS

Agricultor - meeiro ou parceiro (+)
Alfaiate
Cabeleireiro
Carpinteiro
Chacareiro
Chapeleiro
Cinegrafista
Cortador de luvas
Dono de banca de jornais e revistas
Dono de lenhadora
Dono de pensão
Dono de quitanda
Dono de olaria
Eletricista
 Encanador ou Bombeiro
Feirante
Ferreiro
Fiscal de feira
Fotógrafo
Funileiro
Marceneiro
Mecânico
Motorista
Músico de Banda
Operador de Cinema
Ourives
Padeiro (Distribuidor) por conta própria
Pedreiro
Pintor
Relojoeiro
Sapateiro
Seleiro
Serralheiro
Técnico de Tecidos
Técnico de TV
Vidradeiro
Zelador de Edifício

(+) O arrendatário rural deve ser classificado pelo número de empregados, sendo os limites os mesmos estabelecidos para o administrador.

7- OCUPAÇÕES MANUAIS NÃO ESPECIALIZADAS

Barqueiro
Carregador
Cobrador de Ônibus
Coletor de lixo
Cozinheiro
Dono de Charrete
Entregador
Foguista
Guarda-noturno
Lavrador (sem empregados)
Lustrador
Marinheiro
MOTORNEIRO
Pedreiro
Pescador
Poceiro
Porteiro
Tintureiro (sem empregados)
Trabalhador rural
Vendedor ambulante

• "Metodo Italiano

de

Alfabetização"

SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO E CULTURA
SUPERINTENDÊNCIA DO ENSINO MUNICIPAL

MEC - CENTRO BRASILEIRO DE PESQUISAS EDUCACIONAIS - INEP - CURSO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES SUPERVISORES -GB - 1964 - SUPERVISÃO DO CURRÍCULO - PROF^a. RISOLETA FERREIRA CARDOSO

O MÉTODO GLOBAL NA ITÁLIA

Vera Cottarelli Gaiba

Giorgia Gabrielli, tenaz defensor do método global na Itália, escreve no seu prefácio do livro de Aldo Agazzi : " Cheguei à definição do chamado método global depois de anos de observação, de estudo e de experiências pessoais e indiretas, feitas e continuadas por muitos valorosos educadores na Itália e no estrangeiro."

Em que consiste o trabalho da professora e o trabalho das crianças pelo método Gabrielli ?

É copioso o material usado na escola italiana ao ar livre, material que considera a palavra ilustrada como ponto de partida. Não é livre de leitura para os primeiros tempos, mas uma coleção rica de nomes ilustrados : coisas, animais, flores, de formas simples e cores vivas, que atraem a atenção admirada da criança, que se dispõe a copiar este ou aquele desenho e, sob o desenho, o nome.

Não há necessidade de apresentar poucos nomes, dia a dia. É uma rica coleção de nomes que subitamente é posta à disposição do menino, e ele se vale disso com um trabalho todo pessoal, porque é a figura que lhe sugere o nome. O professor intervirá, somente para conduzir o menino a uma pronúncia exata do nome: " O menino copia, copia, copia : figuras e nomes, figuras sem nomes", nos diz Nerina Azzanesi Oddi no seu pequeno volume " Primeiras experiências sobre o método natural" ... Garatujas sobre garatujas, mas, no entanto, à força de copiar, as letras são conquistadas ... Dia a dia, hora por hora quase, a conquista da língua torna-se uma realidade. A escrita se torna mais perfeita e, ao mesmo tempo, surge na mente do menino a associação entre a letra inicial do nome e a figura, enquanto os olhos e o ouvido percebem os nomes diversos as mesmas letras e os mesmos sons.

O menino descobre o critério sempre igual das relações entre os sons e, em seguida, entre as letras, e o desejo de escrever, sem copiar, surge espontaneamente nêle, que tem uma intuição clara da necessidade de decompor a palavra em sons para tornar a compor, depois, graficamente, com as letras.

É este o momento em que passa da análise da palavra para voltar à sua síntese com a escrita.

Ele procede de maneira igual com a leitura.

Desde os primeiros dias de escola, sobre o banco foi aplicado o cartão com o nome e o sobrenome da criança. Ela aprendeu a reconhecê-lo, a analisá-lo espontaneamente. Cada dia a professora escreve no quadro-negro a data e o nome da criança com voz forte, escreve-a lenta

mente; e o menino acaba por fixar o nome do mês, escrito sempre do mesmo modo.

Incentivos sempre novos às descobertas, incentivos que aumentam dia a dia e não só na escola, mas pelos caminhos, onde os cartazes publicitários das ruas, os cartazes das casas comerciais, os títulos dos jornais, atraem, com interesse sempre mais vivo, a atenção das crianças.

Letras móveis, tábola silábica, frases decompostas em palavras para serem reconstruídas sob as ilustrações, jogos de mandar completar a ação onde houver tarefas para executar, podem ser formas de trabalho sugeridas ao menino, mas cada professor pode idealizar novos, conquanto estes correspondam às indicadas pelo método: confiança nas possibilidades do menino, no seu trabalho espontâneo, respeito pela criança.

E por esse respeito que cada lição coletiva é eliminada, pois o método permite à criança proceder segundo as próprias forças, - mesmo recebendo, do exemplo e da colaboração dos companheiros, um impulso contínuo de agir, de superar as dificuldades que se lhe apresentam, de melhorar, digamos assim, as suas posições.

Escreve, de fato, o prof. Gabrielli que o método que êle chama natural, não pode verdadeiramente desdobrar-se em toda sua fecundidade e eficácia senão em uma atmosfera de atividade espontânea e pessoal e que "o seu segredo não está de todo nos expedientes práticos, que podem ser diferentes e numeráveis, mas no seu processo psicológico íntimo, mediante o qual um complexo de sinais escritos serve para fixar e traduzir as palavras e os pensamentos."

No antes conservar do que procurar, se limita o método tradicional. Procurar, descobrir para aprender é, em vez disso, a lei do método natural.

Deseja-se que, desde os primeiros anos, o espírito se exercite ativamente, para que, através de um trabalho pessoal seu, a criança possa satisfazer a sua necessidade de aprender. Porque o interesse e a atividade que isso promove educam nela a vontade, esta energia que faz o verdadeiro homem e que faz com que os dons da inteligência não fiquem estóreis. "Não os atormenteis para ensiná-los" - admoesta Giorgio Gabrielli - "peçam somente a êles um esforço consciente, inteligente e alegre."

O ALFABETO ILUSTRADO

"A apresentação das letras alfabéticas pode também ter lugar - de uma vez só, com a exposição nas paredes da sala de aula dum alfabeto ilustrado adaptado", dizem as observações nos programas de 1945.

Mesmo deixando plena liberdade aos mestres na escolha do método de ensino, refere-se implicitamente àquele que melhor corresponde ao desejo da criança de aprender a ler depressa, sem aborrecer-se com fastidiosos exercícios de soletrar, aconselhando como o meio mais idôneo à atuação de tal método o alfabeto ilustrado. Disto temos também uma prova na multiplicação dos alfabetos postos à venda depois de 1943, nas numerosas Casas Editôras.

Para a escolha e a preparação destes exercícios didáticos, deve-se porém, levar em conta determinados requisitos.

O alfabeto deve apresentar figuras escolhidas racionalmente que atraiam o interesse do menino, não só pelas cores vivas e pelas linhas estilizadas e claras, mas pelas "Coisas" que elas represen-

tam. É necessário que elas falem à sua mente e à sua imaginação e que o som inicial dos seus nomes possa ser isolado facilmente.

A imagem do objeto ao qual a letra vai associada deve ser posta em evidência de modo que o menino a destaque sem possibilidade de equivocar-se.

Alguns procuram tornar o quadrinho mais interessante, vivo, acrescentando particularidades que levem as crianças a errar. A lua, por exemplo, está apresentada sobre o mar, no qual navega um bonito - barco. Qual o nome que o menino deve associar ali? mar? barco? lua? ... Já vimos sob a figura de um saco a palavra grão, sob a de um menino que faz um trenzinho correr o nome brinquedo, mas o menino não hesitou em ler: saco, trem ... A interpretação não deve levar o menino a errar nem despertar perplexidade nêlo: a figura deve fazer com que ele diga sempre o que se quer.

Só assim o quadro das letras ilustradas permanece vivo, claro - na mente do menino, e é como a chave mágica que lho permite descobrir o mistério das letras.

Com este critério informativo idealizei o alfabeto ilustrado - que foi, depois, incluído no livro do Estado para a primeira classe, para que o professor pudesse tê-lo sempre à sua disposição.

Um alfabeto, mesmo para a classe com figuras diversas apresentadas pelo alfabeto do livro poderia, nos primeiros tempos, gerar - confusão e desvio na aprendizagem.

É óbvio que a letra ou diagrama, associado a qualquer das figuras, deve corresponder à inicial do nome, porque confusão e desvio geram também alfabeto em que não se segue o mesmo critério didático na apresentação de todos os sinais alfabéticos.

" Apresentação simultânea de todas as letras " - isto quer o método natural. Para requerer o alfabeto, o alfabeto faz parte do método. É necessário, portanto, que este esteja sempre completamente à disposição do menino.

Sempre completamente e, acrescentamos, é necessário para o procedimento idealizado por mim, que os seus cartões sejam dispostos de modo a formar um único quadro para que o menino possa, com rapidez e segurança, comparar, sobre eles, nomes e frases, como sobre o teclado duma máquina de escrever.

Por estes critérios que interessam vivamente as crianças e que se revelaram úteis também para a escrita, para a leitura e para a ortografia - a disposição de cartazes ilustrados ao longo das paredes da sala de aula, e deve-se preferir cartões não muito grandes, porque o quadro na parede resultaria de dimensões tais que produziria o mesmo inconveniente dos quadrinhos dispostos ao longo das paredes, isto é, dispersão da atenção do aluno.

Muitos mestres no passado serviram-se também de cartazes ilustrados para facilitar a aprendizagem desta ou daquela letra do alfabeto, mas esses cartazes apresentados um de cada vez.

Se nós continuássemos a usar assim o nosso alfabeto, não modificaríamos o processo de ensino seguido até hoje, processo lento, que não libertou nunca o aluno da escravidão do professor: uma letra por semana e, para cada letra, a mesma combinação de sílabas, diretas ou indiretas - e sílabas compostas.

Alcançada finalmente a meta final, quantas indecisões ainda, quantas percepções imperfeitas dos sons!

descoberta mais bonita para ela: a das suas forças, das suas possibilidades. Eu devia, então, ajudar as minhas crianças nesta descoberta, não as substituindo no trabalho de conquista do seu mundo, mas respeitando e indo ao encontro das suas exigências espirituais.

Ora, a aprendizagem de ler e escrever no modo que eu estava idealizando permitia-me levar em conta tais exigências mais o melhor do que me tinha sido consentido durante as minhas experiências com o método tradicional.

aos jogos com o alfabeto se alternaram logo os exercícios gráficos variadíssimos, aos quais as crianças voltavam muitas vezes com vivo prazer e que educavam o seu espírito de observação, de procura, de inventividade, enquanto exercitavam os olhos e a mão.

Essa a primeira finalidade a alcançar: pôr o aluno no grau de enfrentar as dificuldades que o seu trabalho, dia a dia, lhe apresentará, com a possibilidade de superá-las, com a segura confiança nas próprias forças. É necessário, portanto, antes de tudo, conduzi-lo a preparar, a afinar aqueles maravilhosos instrumentos de trabalho que são a linguagem, os olhos, o ouvido e as mãos.

Muitos insucessos da criança são devidos essencialmente à falta deste preparo e êsses, infelizmente, podem atuar durante muito tempo sobre o desenvolvimento de sua vida psíquica.

Demasiadas vezes são descurados, porque julgados inúteis passatempos, o canto, os jogos ao ar livre, os exercícios sensoriais, as ocupações práticas para a manutenção da limpeza e da ordem da sala de aula e seu embelezamento, o cuidado das plantas, a preparação do material escolar, os trabalhos manuais próprios da escola maternal: pregueados, entrançamento, enfição de pérolas ou o macarrão comum para sopa, colorido com anilina de várias cores, trabalhos com argila, a massa para modelar, etc... São, ao contrário, essas ocupações outros tantos meios de formação de caráter e nos oferecem, além disso, o modo de fazer amar a escola, de tornar o menino senhor de seu novo ambiente, de fraternizá-lo com os companheiros, de promover-lhe a atividade do espírito e dos membros, de aperfeiçoar a sua linguagem, de exercitar os olhos, o ouvido, a mão; de conhecer que coisa ele já tenha em si, no que consistem as suas faculdades, de que coisa seja capaz, quais são os meios convenientes ao seu aperfeiçoamento.

Alternamos estas ocupações aos exercícios gráficos às fábulas, aos passeios, fonte de tantas observações novas, de tantas interessantes conversações, e a escola tornar-se-á deveras alegre, o menino a amaré como o lugar no qual pode manifestar-se livremente, e a ela voltará todos os dias com renovado interesse.

OBSERVAR E EXPRESSAR-SE

Desde o primeiro momento em que apresentei o alfabeto às crianças, notei que elas ignoravam completamente as letras apresentadas ao lado das ilustrações.

O seu interesse foi logo pelas figuras e gentiram imediatamente a necessidade de exprimir as suas impressões. Eu devia, portanto, antes de tudo, não me preocupar com ensinar a ler e escrever, mas deixar ao menino plena liberdade de expressar-se e, para isto, não bastava o incentivo do alfabeto. Eu devia conduzi-lo a conquistar o seu mundo, interessando-o na observação direta das coisas e dos fatos do seu ambiente.

A criança é uma grande observadora, mas sua observação é rudimentar; as conquistas que ela faz nos primeiros anos são inúmeras.

vois, mas as observações que faz com a natureza são mais preciosas, mais seguras. Elas me seguiam nessas explorações com interesse - que se fazia dia a dia mais vivo, mais atento; seguindo o meu exemplo, elas gostavam de procurar, descobrir.

Não foi possível nos primeiros dias sair da escola, prisioneiros como éramos da cidade: as crianças eram muitas, demasiadas, ainda não habituadas à vida disciplinada; mas o jardim da escola oferecia à nossa observação flores, ervas, árvores, arca, e o mundo que o circundava nos permitia a vista das casas, do céu, do vôo dos pássaros, das nuvens, do campanário da igreja... Um mundo que se devia explorar com olhos e ânimo novos e do qual as crianças tiraram patrimônio rico de imagens, idéias, pensamento e maior riqueza, precisão e clareza de linguagem.

Senti que aprendizagem de ler e escrever não podia estar subordinada ao trabalho de observação e à conversação que se seguia e que me revelava o ânimo e a capacidade intelectual de cada um dos meus escolares; que eu não devia fazer da aprendizagem dos sinais alfabéticos o problema básico, assim como é para o método tradicional, mas que tal problema devia interessar o espírito e sua atividade substancial ser resolvida por um processo que permitisse a descoberta das relações entre sons e sinais alfabéticos, que dão origem à leitura e à escrita.

Diante do alfabeto, bastava uma pergunta posta como participação minha ao seu interesse, para que a conversação se prolongasse entre as crianças e se aprofundasse sobre certo sujeito: "Qual era a figura que agradava... Por que? Onde tinham visto esta ou aquela coisa? Para que servia o funil? o pé? a mesa? Quem tinha estado no torneio? quando? ... Desde quando tinham visto usar o pé? onde? quando? para quê? ... Fêz-se um confronto entre o cão e o gato, o peixe e o pássaro, a cereja e a bolota... Narrei lendas e fábulas que esta ou aquela figura lembravam à minha memória.

O alfabeto se prestou também a fáceis exercícios de numeração e cálculo: quantos e quais eram os animais quadrúpedes representados? quantos e quais eram os bípedes? os utensílios de trabalho? as cores da bandeira? os passarinhos no ninho? quantas figuras em cada linha? quantas filas de figurinhas? ...

O DESENHO

Como processo natural, o menino passa da observação à expressão oral, e desta à expressão gráfica, o desenho.

Ele gosta de desenhar: é o único meio que lhe permite exprimir logo, graficamente, tudo o que vê, sente, deseja, pensa.

Permitir ao menino desenhar não é consentir, somente numa necessidade particular sua de exprimir-se, mas é favorecer-nos de sua necessidade para alcançar determinados fins didáticos.

Não esqueçamos que o desenho livre revela ao educador a psicologia do educando, as suas atividades e tendências particulares, as impressões que ele recebeu do seu ambiente de vida e que se gravaram na vida do seu espírito.

O desenho permite, depois, à mão do menino e aos seus olhos - prepararem-se para superar a dificuldade mecânica da escrita, mas disso o menino não se apercebe: ele desenha pela alegria de exprimir-se e, através do desenho, conquista o mundo no qual vive, porque estuda sem o saber as coisas e os fatos, e da idéia geral passa, dia a dia, às particulares. Esclarece os seus conhecimentos e, por consequência, o seu pensamento e a sua linguagem.

As coisas e fatos que se observam não sugerem somente desenhos livres. Pode-se, da observação das formas das coisas, da beleza, chegar a interessar os meninos nos desenhos geométricos que aquelas formas sugerem, e usar os lápis e inventar desenhos sempre + belos, deixando grande liberdade à sua iniciativa.

Observa-se, fala-se, desenha-se, deixa-se livre o campo, ou melhor, tom-se o maior respeito pelo desenvolvimento livre da espiritualidade do menino e, um dia, a porfia diante do alfabeto e do quadrado negro lhe fará descobrir, subitamente, que as coisas que êlo pensa e sente pode também escrevê-las, e que sabe ler as fábulas e contos do livro do qual só tinha admirado as figuras.

O S N O M E S

Da espontânea, viva expressão das noções e das impressões recebidas das coisas e dos fatos observados, passamos a ocupar-nos dos NOMES, para exercitá-los a pronunciá-los bem.

Quem sabia, ao ar livre, descobrir um maior número de coisas? Quem sabia, na classe, recordar-se de todas para desenhá-las?

E eis que no papel nasce um pedaço de céu, o sol, a nuvem, a casa, o campanário, o teto, o pássaro, a pedra, a janela... Desenhos imperfeitos, mas que eram a alegria dos pequeninos e que permitiam depois ler, à porfia, em voz alta, bom claro: o céu.

Iniciou-se o trabalho de análise do nome com os exercícios para o isolamento do primeiro com de cada nome das figuras do alfabeto.

a) Começaram belas disputas diante do alfabeto para a procura dos nomes que começavam como SOL...MAR ... AEROPLANO ...

b) Com a colaboração dos alunos das classes superiores, se pôde recolher uma rica coleção de figuras recortadas de livros velhos ou jornais ilustrados desenhados em cores sobre os cartões.

Eu apresentava aos pequeninos uma dessas figuras e êlos disputavam entre si para indicar no alfabeto as ilustrações e o nome que tinha o mesmo som inicial. Se, por exemplo, eu mostrava a figura de um SOLDADO, as crianças indicavam o SOL; se um INDIO, indicavam a IGREJA.

c) Vice-versa, indicava uma figura do alfabeto para que os meninos procurassem as figuras cujos nomes tinham o mesmo som inicial. Assim, se era indicada a figura da BORBOLETA, apresentavam, por exemplo, a de uma BOLA, de uma BONECA, de um BARCO...

d) Pode-se jogar a tómbola de um modo novo e que interessa muito. Eu dizia o nome de uma coisa qualquer, por exemplo: andorinha e os meninos punham um sinal sobre a figura do A ...

e) Quando as crianças ficaram bastante experientes no isolamento do som inicial da palavra, eu propus o conhecido jogo: "Chegou um navio carregado de A..., de O ...," Deixava aos pequeninos o tempo necessário para achar o nome e o jogo continha, sobre a mesma letra, até esgotar todos os nomes achados. Era trabalho dos alunos observar e corrigir os erros dos companheiros.

Deve-se observar que as letras não devem nunca ser indicadas com seu nome B,C,D,N,M,S... O nome de cada letra é uma palavra que não adianta conhecer, antes de descobrir o valor fonético especial da mesma letra.

Os sons ^{de} que se compõem são elementos perturbadores da leitura, como se revelou no método alfabético, erro no qual não devemos cair ...

As letras devem ser indicadas com o seu som b(ê) d(ê) s(ê) m(ê) .

Recordo a confusão dum menino assegurava saber escrever cão (cane), mas " quando o escrevi - dizia - não pude mais ler, por que c a n não fazem cane (cão)" Fizemos, portanto, de modo a não pôr em embaraço os nossos alunos.

O trabalho de análise da palavra é decerto o que apresenta - maiores dificuldades para o menino. Nos primeiros dias, muitas-
vêzes, à pergunta de um nome que começa, por exemplo, como peixe, êle responde num impulso: cão ou gato.

É o ouvido que não está educado à exata percepção do som, é a reflexão da qual o menino não é senhor; Mas a paciência é a nossa maior força e opera muitos milagres; Depois dos primeiros exercícios, o jogo apaixona os meninos; que neste trabalho de procura se tornam dia a dia mais vivos, mais ativos, mais prontos. Se devemos, às primeiras vêzes, insistir sobre a pronúncia do som inicial e guiar as indagações a propósito d'êste ou daquele objeto com indagações improvisadas, fica-se maravilhado, depois, do número de nomes que as crianças sabem achar, fazendo apêlo à observações e à memória. Em muitos casos êles prosseguem as suas indagações fora da escola, pela rua, em casa, e voltam para nós contentes de poder desfiar o rosário dos nomes achados em relação a esta ou àquela figura.

Insistamos, portanto, nos exercícios durante o tempo necessário e no TRABALHO COLLETTIVO, com o qual teremos podido fazer sentir o vivo prazer da colaboração de todos para um mesmo fim, procuraremos formas de trabalho individual que permitam a cada um trabalhar de acôrdo com suas possibilidades.

Pode-se formar grupos de figuras representando coisas cujos nomes comecem com o mesmo som, ou dispô-las sobre as do alfabeto sempre segundo o som inicial: SOLDADO sobre SOL, TROMBA sobre TORRE, CAMPAINHA sobre CÃO...

Está reservado à professora o trabalho de contrôle, que traz novos exercícios individuais da pronúncia para cada erro cometido, contrôle ao qual se prestam também espontaneamente os alunos mais espertos. Em caso de divergência se recorre sempre à mestra e ela levará os contendores a estabelecer a verdade, sem substituí-los.

Há depois as coisas que se recolheram ao ar livre e que podem trazer uma nota nova ao trabalho. De volta à classe cada menino terá o seu próprio OBJETO ou COISA no lugar que a inicial do nome sugira : a flor ou a fêlha sobre a face; a pedra sobre a pipa e a rôlha sobre rato e assim por diante...

Se depois os bolsos dos nossos pequeninos escolares estão ricos daquelas pequeninas coisas que êles recolhem aqui e ali como tesouros (e se a professora der o exemplo de iniciar a colheita, isto será logo seguido com entusiasmo) estas coisas se poderão utilizar com grande alegria dos proprietários. Um anelzinho, uma pedrinha, um feijão, um bago de uva, uma lentilha, uma bolota (carvalho), um prego, uma fêlha de parreira, um grão de arroz, um dedal, pedaço de uma erva, um fêsfere queimado... podem ser pestas como figuras, no lugar indicado pelo seu som inicial, sobre o alfabeto.

E não basta. Através d'êste seu trabalho o menino chega espontaneamente; em poucos dias, à associação da imagem, som e sinal, que aparece junto à figura sobre o alfabeto e que reconheceu nas letras móveis, e o seu trabalho pode seguir novos caminhos.

Há o livro sobre cujas páginas êle pode procurar a figura cujos nomes dêem idêntica inicial.

Folheia-o devagar, página por página, e eis água, alpina, árvore, asno... eis face, fogo, formiga, etc...

Para estes exercícios de procura, a atividade do menino, o seu espírito de iniciativa, são continuamente estimulados; são educadas nêle a observação e a reflexão, enquanto o seu patrimônio linguístico se enriquece de termos próprios.

Há as letras móveis para pôr sobre coisas conforme a inicial do nome : p sobre porta, e sobre cátedra, b sobre banco, l sobre livro, j sobre janela e assim por diante .

As letras se podem casar com as figurinhas que o aluno tem à sua disposição.

Pode-se descobrir entre as letras do alfabeto e as móveis a inicial do próprio nome, dos nomes da mãe e do pai, d'este ou daquele companheiro, iniciando o conhecimento das maiúsculas.

Pode-se aplicar em uma régua comprida, ao redor das paredes, a uma altura adequada à altura do menino, bonitos pedaços de cartolina resistente e um cartãozinho (em algumas classes se recorreu a madeira compensada e envernizada com esmalte cor de rosa ou azul) e sobre cada um está desenhado um sinal alfabético.

Inicia-se, assim, um interessante dever para casa; a procura de figurinhas cada uma das quais será, dia a dia, colada pelo dono sobre a fôlha da letra correspondente à inicial do nome da figura, figura que se torna de tal modo propriedade comum.

Nasce assim o quadrinho do p com o peixe, a pá, as peninhas, a pêra, ... o do f com a fechadura, a face, a flor, etc...

Cada dia os quadrinhos se enriquecem de novas figurinhas. É uma ânsia de procurar para os meninos e para nós um acompanhamento paciente dêsse trabalho pelo qual, tesouras e cola postas a ser viço, a escolha do quadrinho, onde aplicar uma nova figurinha, contribui para fazer com que o menino se ache logo senhor do seu grêdo das letras.

Do mesmo modo pode-se preparar folhetinhos (muitos para cada letra) e deixá-los à disposição dos escolares, que recorrerão aos folhetos para desenhá-los, sobre o escolhido, coisas que tenham como inicial do nome a letra que êsse apresenta. Desenhem-se sobre a mesma página uma casa, um cão, um caminho, uma castanha... sobre outra, uma escôva, uma estrêla, uma espiga, uma escada....

Recolhem-se êstes folhetos numa caixa e os meninos servem-se dêste material à sua disposição, para um trabalho de crítica dos desenhos e de revisão para ressaltar prováveis erros, porque - uma escôva, por exemplo, não se pode desenhá-la perto duma pá ou dum ancinho....

Através dêstes exercícios, os alunos se exercitarão, cada um no seu tempo e a seu modo, a sentir o som inicial de cada nome e a isolá-lo. Observa-se, entretanto, as deficiências dêste ou daquele aluno e a cada um propôs-se exercícios capazes de eliminá-las.

D E T E R M I N A C Õ E S

Está bem dispor as letras sobre o alfabeto segundo a ordem alfabética? E como regular-se pelos digramas? Como levar o menino ao uso, em contraposição ao som do x, sem lições particulares?

A disposição das letras sobre o alfabeto não tem importância. Talvez, levando em conta o trabalho que o menino deverá fazer de pais nas classes superiores, isto é, a procura das palavras no vocabulário, poderá ser útil dispor os cartõzinhos segundo a ordem das letras seguida pelo alfabeto.

Os digramas ch, nh, lh, devem ser apresentados contemporaneamente às letras. Também é caso respeito as crianças lerem a sua palavra revelando-las que, na realidade, estas combinações equivalem a constantes verdadeiras e próprias e como tais são usadas por elas sem dificuldades particulares. Isto levou-me a incluí-las na família de alfabeto quando idealizei o meu alfabeto ilustrado.

Para o e e pelo g (sem brando e forte) o menino se percebeu só num segundo tempo que a letra da cereja é idêntica pela forma à de cão, como a da grama é idêntica à do gato.

Ele usava primeiro como duas letras diferentes, pondo sobre o cartão da cereja, a figura ou as pequenas coisas cujos nomes co meçam com e e doce, sobre a ca cão aquele cujo nome começa com e e forte.

Será bom insistir de modo particular nos exercícios para a distinção destes sons e para a sua associação aos sinais correspondentes, pondo à disposição dos alunos um bom número de figuras ou interessando-os na procura de nomes ou no desenho de coisas - cujos nomes começam com um dos sinais alfabéticos ensinados acima.

O jogo das figurinhas, para dispor sobre as figuras do alfabeto ou para agrupá-las segundo a inicial, é utilíssimo para o fim acima indicado, porque diverte a criança e lhe permite um trabalho todo pessoal.

Quando ela tiver aprendido que gola, goiaba,... começam como gato, terá associado também o primeiro som deste nome ao sinal que aparece junto a gato do alfabeto. Quando ela sabe com segurança que a figura de uma casa, de uma campainha, de um coelho passam a fazer parte dum terceiro grupo que a figura da cereja, por exemplo, indica - o menino chegou sem explicações particulares da professora, a reconhecer os sinais relativos com segurança e sabe perfeitamente como usá-las escrevendo.

Isto eu constatei desde a primeira experiência do método. Os meninos ajudavam-se reciprocamente neste trabalho; os mais ligeiros tornavam-se professores dos menos rápidos; aquela colaboração que se quer promover na escola nasce espontaneamente, util não só nos fins didáticos, mas também e sobretudo os de sociabilidade.

Observou-se que o menino se torna senhor, é verdade, de todas as letras em poucos dias, mas para reconhecê-las ele se expressa assim: é a do rã, do sol,... referindo-se à figura que associou ao sinal. Isto nos diz que a primeira associação que ele faz é a que os olhos lhe permitem: figura e sinal.

Basta uma simples troca no jogo de procura das palavras, para conduzir o menino a sentir a diversidade entre nomes da figura e sons da letra, para conduzi-lo à segunda associação: som e sinal. Se insistimos primeiro com a voz na pronúncia da inicial do nome (achamos outros nomes que começam com r - rã, por exemplo) diremos agora assim: Achamos nomes que começam com r... com g... .. pronunciando o som da inicial. Joga-se ainda a tábua.

A mestra pode escrever no quadro-negro uma letra. As crianças

pronunciam espontaneamente o nome desta letra e procuram entre as quatro ou cinco figurinhas, que cada um tem diante de si, sobre o banco, aquela ou aquelas que tenham o mesmo som inicial. Quem possui a figura deve dizer alto o nome dela, para que os companheiros verifiquem se há erro ou não.

O jogo, que deveria terminar com a marcação da primeira tómbola, continua, ao contrário, pelo desejo dos meninos até que todos tenham feito tómbola, e nenhum fique inativo, por que quem não tem mais figuras para se ocupar se torna colaborador do companheiro.

São todos trabalhos nos quais o menino pode se empenhar também individualmente, o que o leva a trabalhar com serenidade e com paciência, segundo as próprias forças e dá à professora a possibilidade de ocupar-se dos meninos dotados, participando do seu trabalho para dar uma sugestão, um conselho, para repetir o nome de qual o menino não sabe abstrair exatamente o som inicial, idealizando para ele jogos novos que possam conduzi-lo a superar esta dificuldade.

SUBDIVISÃO DA PALAVRA EM SONS

A maior dificuldade na aprendizagem de ler e escrever, está para o menino no trabalho de análise da palavra, trabalho do qual sente necessidade para a escrita.

A palavra escrita não se compõe de uma só letra, como a palavra oral não se compõe de um som só.

Educava-se a observação, a atenção, a memória; continuava-se a exercitar a mão e os olhos no estudo e na reprodução das coisas - os elementos habituais dos desenhos livres das crianças; desenhos que se faziam cada dia mais correspondentes à realidade.

Aquêles que não o sabem, observam os companheiros, a professora que, por sua vez, desenha no quadro-negro e... oh! o encanto do giz colorido, dos lápis de cor! Eis, também, os pequeninos - que querem pouco a pouco experimentar-desenhar coisas, animais, flores, cenas, quadros, gregas, e, de qualquer maneira, pequenos motivos ornamentais.

Enquanto isso, fi-los também diante do alfabeto; também éle apresenta coisas e animais dos quais é preciso dizer os nomes de modo claro e preciso.

AO ar livre ou prepunha exercícios próprios para exercitar os sentidos das crianças, ouvido, visão, tato, etc... e que rou-niam em volta de mim os meninos interessados e atentos: " Que coisa vem? Que coisa ouviam? que rumores? que sons?... Floresciam sobre seus lábios as breves frases que repetiam separadamente: Vejo o sol no céu. Vejo uma árvore. Vejo as folhas da árvore cair. Passa um carro.

Também os nomes das figuras do alfabeto foram conquistados cada um. É óbvio que, se o aluno pronuncia imperfeitamente este nome, não pode proceder no campo das descobertas que se querem fazer, não pode fazer as associações necessárias. O nome deve ser dito com precisão, em voz alta, destacadamente, pelo menino. Não se pode prescindir deste exercício, para o qual a habilidade do professor saberá achar sempre formas novas, e pazos de despertar interesse sempre novo nos alunos.

Poder-se-á por exemplo:

- 1) fazer LER os nomes segundo a ordem dos cartões do alfabeto;
- 2) retirar todas as figuras para que as crianças as ponham em seu

lugar dizendo-lhas o nome bem alto;

- 3) virar ou cobrir um ou dois cartões de alfabeto de modo que se veja o verso, para que as crianças adivinhem o nome da figura observando as que ficaram descobertas;
- 4) trocar de lugar dois ou três cartões e convidar depois as crianças a adivinhar quais são os cartões trocados;
- 5) retiradas as figuras, apanhar uma a esmo, sem mostrá-la, e inventar uma pequena adivinhação, como por exemplo: "É um animal grande, grande, com um nariz comprido, comprido... Tem os olhos redondos, duas patas longas e duas curtas... Tem uma cara grande e redonda que está sempre rindo..."

SOM E SINAL INICIAL

Os exercícios indicados acima foram superados cada. Simultaneamente nos ocupamos das letras móveis, exercitando os olhos a analisar e recordar a forma de cada uma delas. Eu sugeria ao menino para dispor as suas letrinhas sobre as correspondentes no alfabeto, e fiz um primeiro exercício individual de confronto as letras ilustradas e as letras não ilustradas, que foi depois seguido de uma nova agradável ocupação: pôr em ordem as letras móveis, agrupando as formas idênticas, sem o auxílio dos cartões ilustrados.

Um dia, observando o alfabeto, as crianças imitaram a voz do galo, do cão, do passarinho... Iniciando o jogo recordaram-se de outros animais para imitar as vozes: o mugido dos bois, o sibilo da serpente, o zumbido da mosca, o balido das ovelhas, o canto do cuco, do galo...

Acharam outros sons, assim, já encontradas no isolar o inicial dos nomes e eu aproveitei isso para levá-los a descobrir que cada animal não sabe emitir senão um som ou dois, e o homem ao contrário, sabe repetir os das vozes de todos os animais e com esses sons sabe formar tantas e tantas palavras.

Nós nos divertimos a analisar as vozes dos animais e das coisas para sentir que o zumbido do mosquito é feito num só zzzz, e assim o sibilo da serpente sss; a voz do vento vvvv, enquanto que o burrinho emite dois sons: ih, ah; e assim a ovelha: be, be, be, b... Passamos em revista o cu, cu do cuco, o cé, cé, cé, cé, da galinha, e ci, ci, ci, ci do passarinho... e depois todas as palavrinhas dos sons que o menino conseguiu recordar-se.

Nos dias seguintes o exercício aumentou gradualmente de dificuldade. Analisamos as vozes dos outros animais: o qua, qua do ganso, e cri, cri do grilo, e tic, tic do relógio, e fru, fru das folhas movidas pelo vento.

Passamos depois à procura e à decomposição das palavras em postas de três sons: tic, meu, rua, tun, seu, Ida, láo, pai, ora, asa, etc...

O meu trabalho tornava-se dia a dia mais paciente. Eu queria educar o ouvido do menino na percepção exata e pronta dos sons simples de cada palavra, e que, com ajuda do alfabeto, os conduzi a descobrir de modo rápido e seguro o mecanismo da leitura e da escrita.

No momento oportuno, analisaram-se nomes de quatro sons: Roma, péra, rono... Propus acharmos outros entre os das figuras do alfabeto, do livro, das coisas que estavam em torno de nós, dos animais, das plantas, entre os companheiros.

Este trabalho, que pode parecer árido e aborrecido, agrada,

ao contrário, aos pequeninos, talvez por aquele mesmo instinto que os leva a quebrar os brinquedos para VER POR DENTRO. Repetem muitas vezes, entre eles, contando nos dedos o número das sons que compõem o nome.

A graduação estabelecida pela quantidade dos sons de cada palavra os põe no grau de superar, com PRECISÃO, as dificuldades que o trabalho analítico lhes apresenta.

Ela não insistiu por muito tempo neste exercício, mas o propunha derivando ocasionalmente das observações, dos desenhos, das experiências, e os associava também aos exercícios de artefactiva que adquiriam interesse e concretização.

O alfabeto idealizado por mim compreendia os cartões dos nomes das figuras. Pelo simples confronto da letra inicial do nome com a ilustrada do alfabeto, o menino pode achar e ler intuitivamente o nome e dispor os vários cartões no seu lugar junto à figura correspondente.

Sugerir aos meninos para recompor com as letras móveis este ou aquele nome do alfabeto, TOMANDO-O POR MODELO, é indicar-lhes o caminho que devem percorrer.

Eles se põem diante do cartão do nome escolhido e fazem o seu trabalho pronunciando uma por uma as letras que o compõem à proporção que as escolhem e as dispõem na ordem que se quer sob o cartão do nome.

Deixem-lhes trabalhar. Ouviremos aquele sussurar contínuo do s, aquele zumbir do z, aquele mugido m que transformam a classe numa colmeia na qual todos trabalham com fé e com alegria. Incoscientemente fazem um trabalho executado pelo homem ao inventar a escrita; subdividem a palavra em sons e cada som assina a letra para recompor a palavra graficamente.

Amanhã aqueles nomes serão substituídos por outros, os das coisas que se vêem ao redor, das coisas que se recordam. A nós resta apenas seguir o trabalho deles, conduzi-los de modo a superar gradualmente as dificuldades ortográficas, não as que derivam dos dígrafos e dos sinais compostos, sobre as quais, repetidas, o menino já disse a sua palavra - mas aquelas que derivam das sílabas complexas e compostas.

Como levar o menino a superá-las? Prosseguindo nos exercícios de subdivisão da palavra em sons, porque está certa que a exata ortografia duma palavra é só chegado quando sabe subdividir em sons aquela palavra, quando o seu ouvido sabe perceber cada um dos sons.

É preciso como se disse, alternar estes exercícios com os de observação, de linguagem, de desenho, de artefactiva. Muitas vezes, ao ar livre, depois de haver observado o vôo dum passarinho, o sol, as nuvens, uma flor, a vegetação espontânea dum muro, eu sugeria um trabalho de preparação para quando tivéssemos voltado para a classe: a composição dos nomes das coisas observadas, com as letras móveis, ou a procura das letras necessárias sobre o alfabeto. Ocupava-os logo com um trabalho de preparação para o que deveriam fazer depois: quais e quantas letrinhas eram precisas para escrever asa? muro? pinheiro? Sol? Os meninos se intressavam logo na procura; subdividiam o nome e contavam nos dedos os números das letras que ocorriam: Quantas letras para asa? Quantas para sol? Qual dos dois nomes é maior? Quantas letrinhas a mais para sol? E para flor?

Outras vezes eu propunha o jogo sobre outra forma: recolher tantas pedrinhas quantas letras de certo nome. Logo os meninos se puzeram à obra, recolhendo as pedrinhas uma por uma e pronunciando, pouco a pouco, o som da letra. Davam, depois, conta do número de -

pedras recolhidas, pelo qual eram obrigadas a tornar a subdividir o nome em sons.

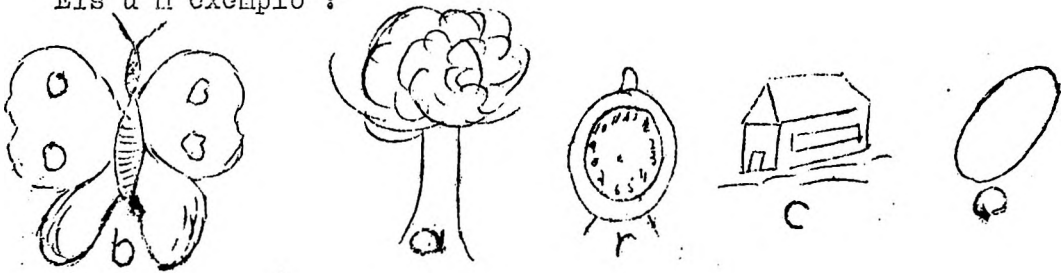
Com as pedrinhas se fazia mais claro o conceito da diferença - entre duas quantidades, como por exemplo, entre as três letras do nome ASA e as cinco do nome PEDRA, representadas pelas pedrinhas postas sobre duas linhas, bem alinhadas.

Na classe podia-se fazer um jogo novo. Cada um marcava sobre o seu alfabeto as letras que compunham o nome ditado pela mestra.

Tinha assim uma maneira de graduar os exercícios para os meninos rápidos, propondo nomes mais ou menos breves.

Outro exercício que as crianças consideram um verdadeiro jogo, é aquele que lhes apresenta um nome cujas letras iniciais são substituídas por pequenos desenhos. Assim o homem representou graficamente as palavras em sua evolução até a invenção do alfabeto.

Eis um exemplo :



O desenho da BORBOLETA, do PÁSSARO, do MAR, do RELÓGIO propõe ao menino a procura da inicial de cada um e a sua escrita sobre o desenho correspondente.

Poder-se-á preparar este jogo no quadro-negro ou preparar muitas FICHAS para deixar à disposição dos alunos, graduando os exercícios de modo que cada um ache aquele que julga mais adequado às suas possibilidades: nomes breves e nomes longos, com sílabas simples ou complexas, e assim por diante.

- ooo O ooo -

NOTA DE TRADUTOR:

Doni Froebliani (presente froebeliano - Frobel, educador alemão especializado em métodos para o ensino de crianças da primeira classe: trata-se talvez duma caixa contendo objetos para uso em classe)

Giocare a tombola (jogar a tãmbola) jogo usado nas escolas primárias italianas com cartões com as letras do alfabeto, em que se marca, com um feijão, um objeto qualquer, etc... como no conhecido jogo de vis-pora, entre nós.

Alla prima tombola (na primeira tãmbola) - faz primeira tãmbola o aluno que primeiro marcar tôdas as letras do cartão .)

- ooo O ooo -

SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO E CULTURA
SUPERINTENDÊNCIA DO ENSINO MUNICIPAL

MEC- CENTRO BRASILEIRO DE PESQUISAS EDUCACIONAIS - INEP-
CURSO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES - SUPERVISORES - GB-1964
SUPERVISÃO DO CURRÍCULO - PROF^a. RISOLETA FERREIRA CARDOSO

M É T O D O D E A L F A B E T I Z A Ç Ã O
G L O B A L o u N A T U R A L

Iniciadores: Georgio Gabrielli
Aldo Agazzi,
Nerina Gaiba
Vera C. Gaiba

CARACTERÍSTICAS DO MÉTODO:

1. Fundamenta-se na Psicologia; processo perceptivo: síncrese - análise - síntese;
2. parte da apresentação simultânea de tôdas as letras do alfabeto e dos digramas em palavras ilustradas, realçando os sons iniciais;
3. seleciona palavras do vocabulário da criança e que representem causas do seu mundo e do seu interesse;
4. desenha os objetos com contornos simples, cores vivas, não oferecendo dúvidas de interpretação;
5. desenvolve a observação, reflexão e expressão;
6. conduz o aluno, espontaneamente, à:
 - redescoberta da relação entre a imagem, o som e o símbolo - (letras) correspondente
 - " lei alfabética " - com poucos símbolos se podem grafar - quaisquer palavras e frases;
7. elimina as lições coletivas e permite que o aluno avance seguindo suas próprias fôneas (lentos, imaturos, velozes, etc.) e ao seu modo;
8. desenvolve o espírito de iniciativa e de colaboração entre os alunos;
9. facilita o início e o reinício da aprendizagem em qualquer época do ano;
10. ensina a escrita concomitantemente;
11. permite que as crianças e os adultos aprendem a ler e a escrever em poucas semanas.

pedras recolhidas, pelo qual eram obrigados a tornar a subdividir o nome em sons.

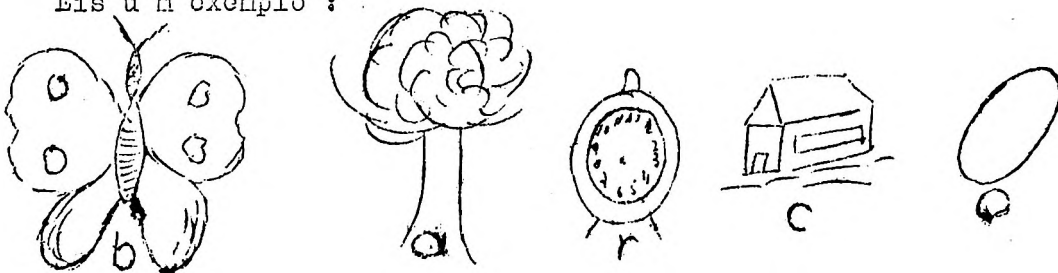
Com as pedrinhas se fazia mais claro o conceito da diferença - entre duas quantidades, como por exemplo, entre as três letras do nome ASA e as cinco do nome PEDRA, representadas pelas pedrinhas postas sôbre duas linhas, bem alinhadas.

Na classe podia-se fazer um jôgo novo. Cada um marcava sôbre o seu alfabeto as letras que compunham o nome ditado pela mestra.

Tinha assim uma maneira de graduar os exercícius para os menes rápidos, propondo nomes mais ou menos breves.

Outro exercícius que as crianças consideram um verdadeiro jôgo, é aquêlo que lhes apresenta um nome cujas letras iniciais são substituídas por pequenos desenhos. Assim o homem representou gráficamente as palavras em sua evolução até a invenção do alfabeto.

Eis um exemplo :



O desenho da BORBOLETA, do PÁSSARO, do MAR, do RELÓGIO propõe ao menino a procura da inicial de cada um e a sua escrita sôbre o desenho correspondente.

Poder-se-á preparar êste jôgo no quadro-negro ou preparar muitas FICHAS para deixar à disposição dos alunos, graduando os exercícius de modo que cada um ache aquêlo que julga mais adequado às suas possibilidades: nomes breves e nomes longos, com sílabas simples ou complexas, e assim por diante.

- ooo O ooo -

NOTA DE TRADUTOR:

Doni Froebeliani (presente froebeliano - Froebel, educador alemão especializado em métodos para o ensino de crianças da primeira classe: tratá-se talvez duma caixa contendo objetos para uso em classe)

Giocare a tombola (jogar a tãmbola) jôgo usado nas escolas primárias italianas com cartões com as letras do alfabeto, em que se marca, com um feijão, um objeto qualquer, etc... como no conhecido jôgo de víspera, entre nós.

Alla prima tombola (na primeira tãmbola) - faz primeira tãmbola o aluno que primeiro marcar tôdas as letras do cartão .)

- ooo O ooo -

SUPERINTENDÊNCIA DO ENSINO MUNICIPAL
SETOR DE SUPERVISÃO ESCOLAR

... E S C O L A T A M B É M A S S I M ...

Todos sabem quanto individual e diferente é o progredir dos alunos de primeiro ano.

O que expomos aqui, tem, sobretudo, a função de indicar uma via relativamente segura que todavia não pode assumir sentido - vinculante nas maneiras e nos tempos da realização.

OUTUBRO : 1º MES.

É o mês de encontro e do conhecimento. Fala-se, narra-se, conversa-se com os alunos. O alfabetário mural e aquele individual ficam familiares. Desenvolvem-se as primeiras atividades de escrita e leitura global.

NOVEMBRO : 2º MES

É o mês da passagem das atividades globais às atividades de análise. Não teremos, todavia, pressa de superar o momento - global. Algum menino já tentará escrever e ler autônomoamente.

DEZEMBRO : 3º MES

É o mês da grande conquista. Quase todos os meninos de veriam estar em condições de escrever sòzinhos palavras isoladas , brevíssimos pensamentos.

Não daremos pêsso algum aos eventuais erros ortográficos, linguísticos e eventuais "filas" de palavras ligadas errôncamente.

JANEIRO : 4º MES

É o mês da decantação. As dúvidas, as incertezas, as - confusões entre as letras, as faltas de vogais, as "filas" de palavras escritas espalhadas pouco a pouco, alguma vez improvisadamente desaparecem. É a capacidade dos alunos que se clarifica e torna-se - mais límpida. Alguém estará empenhado em atividades por outros superiores; mas não deixêmo-lo sòzinho. Percorre à sua maneira o seu caminho: chegará se o assistirmos.

FEBREIRO : 5º MES

É o mês da confirmação. As dificuldades vão sendo pouco a pouco enfrentadas e resolvidas: mais individual do que coletiva - mente. Os meninos aprendem a escrever e a ler de maneira mais segura e rapidamente.

MARÇO : 6º MES

É o mês de consolidação. Seguro de saber ler e escrever, os nossos alunos encontram no despertar primaveril "o instrumento" mediante o qual exercita em desenhos, pensamentos, palavras, recitações a nova "capacidade da qual chegaram a possuir".

ABRIL : 7º MES

É o mês da "fundamentação escolar". O menino começa a ficar mais educado como escolar. Os hábitos de ordem na pessoa, na pasta escolar, no escrever, no ler, no falar, no caminhar são as o - casões de um desabrochar que encerra cada ímpeto da espontâneidade, todavia, adquirindo a natural disciplina da "produtividade escolar".

MAIO - JUNHO : 8º e 9º MESES

São os meses do operar de acôrdo. Professor, livro, alunos, aula, ao ar livre entendem-se às mil maravilhas. Cada dia é dia de enriquecimento intelectual ou espiritual. Cada dia se compreende melhor o espírito nosso e de nossos alunos. Potenciam-se as capacidades inclusive as escolares e elevam-se os seus pequenos corações.

... O P R I M E I R O E N C O N T R O ...

AMOR VISIVEL -

Quantas palavras inseguras foram escritas sobre estes "primeiros dias"! - Para dizer a verdade, nenhuma dessas palavras foi perdida, por que nunca é demais recomendar acolher os alunos de primeiro ano com vivo, operante e profundo, mas sobretudo, manifestado desejo de seu bem. Do verdadeiro bem deles.

Os colegas que se preparam para receber os alunos no vos, os Irmãos Fabrinos, com liberalidade e confiança, nos oferecem alguns conselhos psicológicos e didáticos como contribuição à eficácia da sua obra, o que nos propusemos a relatar.

ANTES DE TUDO NÃO ERRAR-

Ninguém ignora a dificuldade de dominar as pequenas bocas excitadas dos parladores confidentes, sem limite; ninguém ignora a dificuldade de abrir as bocas herméticamente fechadas dos alunos que não falam por medo; ninguém ignora a grande dificuldade de vencer o receio sem perder a autoridade que, particularmente nesta classe, tem que ser forte e delicada, intangível e amável. - Mas existem também outras dificuldades, não menos graves, que a psicologia tem focalizado com notável clareza e que, no ajudar-nos a conhecê-las, nos ajuda a superá-las. Cedemos porisso a palavra ao Prof. Umberto Dell'Aqua.

- a) Um Mundo Grande - página 22
- b) Perder os "primeiros dias" para fazer tomarem conta to e visão dos elementos que compõe a classe.
- c) Como tirá-los da condição de espectadores e fazê-los atores.
- d) Vencer a fadiga mental com recreações completas.
- e) O "particular" os cansa menos.
- f) Eles se interessam do que é feito e do que se faz.
- g) Fazer falar aqueles que nunca perguntam nada.
- h) Desatenções que não são tais.
- i) Prestar atenção às leves deficiências sensoriais;
- j) Pedir a colaboração deles.

J) PEDIR A COLABORAÇÃO DELES -

Sem hábitos não existe educação (também se os hábitos não sejam só educação).

A formação da personalidade dos próprios alunos exige um esforço, um controle, uma continuidade, um método. A nossa escola deveria ser chamada a escola do exercício, porque justamente por estes meninos, empurrados duma atividade frenética de um lado e à passividade do outro, os estímulos do mundo que os circunda; rádio, a televisão, o cinema, as leituras em quadrinhos, não pedem algum esforço e a pressionante sucessão das imagens visuais e auditivas produzem neles uma incoerência mental.

É a idade na qual são dominados do temperamento e do tom afetivo, ligados solidamente à constituição fisiológica, e na qual deve ser educada a vontade.

Em nome dessa classe, ou melhor, em nome dessa idade precisará muitas vezes pedir a colaboração do menino. Se pedirá àquele que se fecha no seu mutismo muitas vezes ligado à simpatia ou à antipatia; pedir-se-á ao menino canhoto porque deseja aprender a escrever com as duas mãos, sem violentar o seu canhotismo; pedir-se-á o esforço de querer comer, pacificando a sua incerteza interior, e tendo presente que o seu trabalho é sim, intelectual, mas também sensorial e muscular.

Evidentemente, tudo isso tem que ser atuado em plena harmonia com a família que não pode ser esquecida, porque cada um sabe que para educar precisa conhecer o menino e que se comportamente é diferente na escola daquele que pode ser na sua casa.

Ainda é válida esta colaboração, porque é sempre a família que delega à escola a educação dos próprios filhos, sabendo que escola e família têm em comum o objetivo, os meios e o fim da educação.

artigos -

1. Fazê-lo falar - pag. 23
2. Não engavetar e não ter pressa.
3. Do colóquio pessoal ao diálogo coletivo.
4. Nomenclatura dinâmica (enriquecimento do vocabulário)
5. Da vida às palavras
6. Das palavras à vida.

... C O N S T O S ...

1. O Lãeo e o Rato
2. O Lôbo e os 7 Cabritinhos
3. O Terrível Guerreiro
4. O Concurso a Prêmio
5. O Pastorzinho Ingênuo e o Lôbo
6. A Pomba e a Formiga.

... ANÁLISE E NOVÍSSIMO ALFABETÁRIO COM LETRAS MÓVEIS PLAS-
FITICADAS E COMpositor HORIZONTAL ...

AINDA - " PRIMEIROS DIAS "

O primeiro exercício de análise, coligado imediatamente com a sucessiva recomposição, se cumpre por meio da primeira parte do alfabetário, ou seja com "primeiros dias".

O envelope amarelo-laranja faz, agora, as suas últimas aparições, antes de "consumir definitivamente o seu conteúdo e de esgotar o seu compromisso". Retornam ainda (mas estão sempre presentes nas alternativas de trabalho aludidas) os personagens que fazem a quelas confusões, os quais os nossos alunos irão por remédio aprondendo a ler e a escrever.

NOTA : O período global, no processo geral de aprendizado tem que ser isolado. É necessário que o aluno induza demoradamente, neste período, para adquirir confiança com as palavras escritas e para confirmar, nas mancinhas mais diversas a fundamental intuição do fato que os sinais que êle manipula e escreve e confronta, tem um determinado significado porque se acham reunidos naquela maneira e naquela quantidade.

O período analítico, ao invés, deve, por norma, ser coligado, seja com um elemento global, seja, em geral, com o período sintético.

O menino, por si mesmo, pensa a isolar-se no período analítico, até o ponto bastante conhecido de aprender a escrever sem ter ainda aprendido a ler; pelo contrário, até o ponto de escrever exatamente uma palavra antes intencionalmente pronunciada sem conseguir depois de um breve momento, a decifrá-la.

Isso acontece por dois motivos: uma fuga " didática " muito rápida do período sintético, digo, do período global e uma falta de ligação constata com o período sintético.

Sabemos, também, que existe uma objetiva dificuldade de síntese, a qual muito breve nós faremos menção.

PACIENTE RECORTE, PACIENTE RECOMPOR

O trabalho a ser feito agora é o mesmo que Sambrosdini aconselhava, desde 1838, no " GUIA DO EDUCADOR ",

Pegamse palavras normais, se recortam letra por letra. Misturando-se as letras e se convida um menino a recompor a palavra.

1. Uma só figura e uma só palavra -

O primeiro passo se faz com uma só figura e com uma só palavra. A palavra que se recorta é aquela cursiva. Aquela em caráter tipográfico permanece de momento intata.

NOTA : Nós aconselhamos proceder pelo menos por 10 palavras normais, recortando cada vez somente a palavra em cursivo.

2. Duas figuras, duas palavras em cursivo.

Sempre com o auxílio na reconstrução da palavra que está escrita embaixo da figura.

NOTA : Já neste período, podem manifestar-se autênticas explosões de alegria, por parte dos meninos que se dão conta, repentinamente, de saber ler e escrever. Isso é realmente possível, nós favorecemos esta manifestação propondo ao menino começar a compor os primeiros palavras com o alfabetário móvel com estojo.

Se ele conseguir nesta primeira atividade completamente autônoma, quer dizer, que terá chegado, para ele, a grande hora da " conquista " e ... do abandono do envelope amarelo-laranja.

3. Uma figura e uma palavra em caráter tipográfico

4. Duas figuras e duas palavras em caráter tipográfico.

Estes exercícios, que além do tudo exercitam também a nossa paciência, são aqui sugeridos com um complemento de passagem de dificuldade; mas não sempre é necessário recorrer a eles, pois que basta que o menino se dê conta visual e manualmente : 1) do fato que cada palavra é composta de vários sinais (símbolos).

2) e - isso nos parece o fato mais importante - que se pode encontrar símbolos iguais em palavras diversas, para poder passar a exercícios com o alfabetário móvel.

5. Cinco figuras e cinco palavras para recortar.

Nós sabemos de um professor que, ciente das exigências recém mencionadas, apresentava aos seus alunos, mais exatamente, a cada um dos seus alunos, cinco figuras e cinco palavras recortadas.

O trabalho de reconstrução, que os pequenos alunos deviam cumprir, não era muito fácil, tão pouco sucedia-se muito rapidamente, mas depois do segundo destes empenhados exercícios, os alunos se encaminhavam alegremente ao alfabetário móvel com estojo, quando não acontecia que servindo-se do alfabetário mural, como de um grande alfabetário " imóvel ", e ... arrastavam, pelo meio da aula caminhando em torno dele, à procura das letras que se combinassem com os sons que eles, analisando as palavras escondendo as letras com pequenas emissões de sons, conforme o chilrear de pássaros.

DA ANÁLISE DO RECORTE À ANÁLISE DOS SONS

É normal, portanto, que depois de alguns exercícios de análise por meio do recorte (análise sempre seguida da imediata recomposição da palavra), os alunos passem para uma análise muito mais importante; ou seja, para a análise fônica.

A palavra, que os meninos têm visto se desunir por meio da tesoura nos seus elementos analíticos, agora será distinguida por meio dos sons. É necessário rebater nestes exercícios, recorrendo, se necessário, para uma primeira distinção de sons ligados às vogais (o ma e o re de marc, mas também o im e o bu, tu de imbuto) para depois chegar à análise das letras individualmente.

As maneiras de desenvolver esta análise fonética são numerosas. Vamos citar algumas:

1. reconhecer as vogais que estão em uma palavra: a professora pronuncia uma palavra. Sobre o quadro-negro estão desenhadas as cinco figuras normais que se referem às vogais. Se a palavra pronunciada é: nido, o menino que está perto do quadro-negro o funil, imbuto, o pato, oca.

2. Reconhecer algumas consoantes - se desenharam sobre o quadro-negro as figuras normais de três, quatro consoantes, com relativa letra sejam em cursivo ou de imprensa, e se convida um menino a indicar-las tão logo as ouça pronunciar, e numa palavra da professora ou de um colega.

3. A palavra e o sinal - o professor indica para um, ora outro, dos cartazes do alfabetário mural; os meninos deverão dizer uma palavra que contenha o som ao qual o cartaz se refere.

4. Procurar os sinais, sons, mais numerosos - se pronuncia uma palavra que contenha duas ou três vezes a mesma letra (mamma, babbo, zanzarra) e se convida os meninos a localizar qual é a letra que, na palavra, se repete o maior número de vezes.

Procurará seguir uma certa graduação. Mamma, porque em mamma, temos uma letra repetida duas vezes, e uma outra repetida 3 vezes; em babbo, ao invés, a predominância do b é clara. (A ninguém de nós virá mais na mente de fazer dizer be, o nome da letra, sendo essencial para conseguir a realização do procedimento, o fazer responder a cada sinal a sua autêntica expressão fônica que é B .. e não be.)

Todos êsses exercícios se desenvolvem oralmente, mas nós não deixaremos nunca de escrever em grande evidência a palavra sobre a qual se trabalha. Isso além de tornar mais fácil os exercícios (experimental dizer qual é o sinal - som - mais repetido em zanzarra, sem olhar para a palavra escrita) conseguirá com extrema naturalidade, a aprendizagem do ler unida a do escrever e neste caso à do pronunciar.

DA ANÁLISE POR SONS À RECOMPOSIÇÃO POR MEIO DO ALFABETÁRIO MÓVEL.

Tão logo apercebemos em nossos alunos a capacidade de analisar, ainda que parcialmente, as palavras que ouvem ou que pensam terá chegado a hora de confiar a êles aquele tesouro que é o alfabetário móvel com estojo.

A primeira grande tarefa é a de por no lugar delas nas devidas bolsinhas as letras móveis

Neste trabalho que se repetirá, de pois cada vez que o menino terá composto uma palavra, se verificará um fenômeno natural de - confirmação, sempre mais seguro, do conhecimento dos vários letras do alfabeto, e des em estrita conexão com figuras "normais" que as indicam, depois sempre mais em direta relação com o som do qual es tão coligados.

Preparado, nesse modo, o alfabetário móvel com tôdas as letras bem dispostas, os nossos alunos estão prontos a recompor por análise as palavras:

1. lidas globalmente;
2. ouvidas;
3. pensadas.

Especificaremos entre breve as diversas atividades que derivam dos três tipos de palavras a quem nós temos referido.

Cada vez ritmo completo: síncreasi, análise, síntese - de momento, nos interessa por na maxima evidência que desejando-se alcançar resultados completos e duradouros, é necessário que, a partir

dêste momento, o menino, cada vez, partindo da palavra todavia globalmente percebida, a análise, seja mediante os sons, seja (no re-compô-la) mediante os sinais, seja (letra por letra) no escrevê-la, mas que, pouco depois, êle a sintetize lendo-a.

SÍNCRASI : FUSÃO DE MAIS VOGAIS EM UMA SÓ SÍLABA.

Sempre usar ambos os caracteres - As letras móveis são estam padas seja em cursivo seja em imprensa.

Nós algumas vêzes, sobretudo no início, faremos transcrever (depois de tê-la sempre feita recompor a palavra, seja em cursivo, ou imprensa).

Da palavra lida globalmente à palavra lida sinteticamente - O primeiro tipo de exercício que mandaremos fazer (e, tanto para repetimos, dizemos que estas atividades se inserem num conjunto de atividades educativas, seja alternando-se com outras seja constituindo os momentos instrumentais) consistiria em fazer extrair, ao acaso, uma figurinha "normal" do famoso envelope.

O menino deverá depois procurar a palavra cursiva ou tipográfica (como temos dito e como repetimos, não precisa estar a recortar tôdas as palavras normais; e, se isso tiver ocorrido, poderão servir a finalidade as primeiras palavras "isolada" de livro) correspondente a figura.

O nosso menino ou nossa menina sabem já que estão para escrever, como no exemplo, ou a palavra "maçã" ou a palavra "nozes".

Agora, porém, devem fazer o trabalho de análise. Se trata, desta vez, de uma análise facilitada pela presença da palavra global, e da análise figurada. Composta a palavra, o menino lerá (ou acreditará de lê-la) copiará, seja em cursivo seja em imprensa, voltará a ler (ou acreditará a voltar a ler). Somente depois que terá escrito cinco ou seis palavras, nós poremos o dedo sobre uma delas e o convidaremos a ilustrá-la, mas sem permitir-lhe de recorrer às figurinhas. Veremos, então, se o nosso menino saberá mesmo ler. Se êle encontrar dificuldade, encorajêmo-lo e ... recorreremos ao alfabeto mural, para ajudá-la a ...

Coligar as consoantes com as vogais - Acontece às vêzes, nesse estágio do aprendizado, que alunos quando chamados a escrever "carne" ao quadro-negro, analisam foneticamente a palavra, analisando-a ao escrevê-la corretamente sôzinhas e bem, a relê-la disparam um "carne" quando não um "carreto" - ou um "cavalo". Estes alunos, em geral inteligentes mas irreflexíveis e com tendência a preguiça, procuram adivinhar, mesmo porque é trabalhoso para êles empenhar-se em uma reconstrução visível da palavra, que é muito mais difícil da recomposição com letras móveis ou da mesma recomposição mediante e escrita.

Cuidaremos então o nosso herói, assim como cuidaremos aqueles que não são por nada preguiçosos (mas são ao invés curiosos que querem dar-se conta de tudo e por isso chegam talvez depois das outras, mas mais segura e duradouramente) a observar que o "carne" antes escrito é feito sim como o ca de casa, mas também de outras duas letrinhas que se podem encontrar juntas no ne de neve. E assim diga-se para outros casos nos quais a dificuldade se apresenta de maneiras análogas.

Da palavra ouvida, à palavra analisada e recomposta, à palavra lida. - Vem agora um segundo tipo de exercício.

Aquilo, justamente, da palavra ouvida.

Se vemos que os nossos alunos se acham em dificuldade, nós poderemos, nas primeiras vêzes, não somente dizer a palavra, mas também escrevê-la, com muita evidência e, como sempre, seja em cursivo, ou seja em caracteres de imprensa, no quadro-negro. Os meninos descomporão foneticamente, recomporão, escreverão, enfim, serão convidados em várias maneiras, a interpretar cada uma das palavras escritas.

Quais são as palavras para fazer escrever. São as palavras que podem nascer de uma certa viva nomenclatura do ambiente.

Nos parece, talvez, de sublinhar o fato que estamos saindo das palavras "normais"

Isso quer dizer que também no desenvolvimento, por assim dizer técnico, do procedimento, o fato instrumental adquire um relevo sempre menor, enquanto predomina aquele que queríamos chamar antes-que fato expressivo, o fato "comunicativo" seja em sentido ativo como receptivo.

Isso significa, em outras palavras, que nós podemos também, neste momento pequeno, momento técnico e todavia importantíssimo, já desenvolver seja também mínimas nomenclaturas dinâmicas: o sol brilha, Gianni sorri, Eu amo a mamãe ...

Então a leitura que seguirá à análise, a escrita, será uma - verdadeira e própria interpretação, que encherá de jóia o nosso aluno e que acelerará, com o tônico da jóia, as suas inocentes e esplêndidas conquistas.

Da palavra pensada à palavra lida - Nós dizemos palavra, e de palavra talvez, tratar-se-á ainda por algum dos nossos meninos, mas agora usamos palavra, por enquanto, digo, por pensamento.

Não está dito que o nosso menino não encontre alguma dificuldade. Mas temos predisposto para ele uma outra ajuda.

Ao encontro dos primeiros pensamentos com " LIVRO AMIGO "

Veja-se na página 47 da presente revista aquilo que se pode obter de uma página do " Livro Amigo ".

O menino induzido a pensar numa palavra, a escrevê-la, coligando-a com a imagem, depois o nosso menino é convidado a LER pequenas palavras que introduzem em um mundo: o ... porto ...

Talvez o menino verá que o porto tem uma barquinha; que a barquinha tem duas velas... deixêmo-lo pensar, analisar, recompor, transcrever estes seus pensamentos: ele merece a alegria deste íntimo triunfo, porque enfim ele aprendeu a escrever a ler.

Quando vier a interpretar para nós o seu pensamento nós teremos também o direito de nos comover.

. . . B R I N C A N D O C O M O A L F A B E T O . . .

Os nossos meninos sabem, portanto, escrever e ler. O desejo deles tem necessidade de grandes asas para voar; as asas deles são ainda pequenas, precisam reforçá-las, fazê-las crescer. tem preparado para eles a última parte do próprio alfabetário: uma verdadeira própria máquina para escrever e ler.

Qualquer outro subsídio pode ser abandonado. As palavras pensadas, podem ser rapidamente compostas das fitas que escorrem na pequena, elegante cartolina e copiadas. Quando fôr necessário, poderão também ser somente compostas e lidas. Em outros casos, se brincará também com outras páginas desta pequena mina, que "Livro Amigo" (Livro Amigo). Aqui estão pensamentos para ler e para completar. E o nosso aluno "joga com o alfabeto" passa através da página do "Livro Amigo" para o grande livro da vida, para o seu primeiro livro, para os livros que o educarão.